

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO
Mestrado Profissional em Enfermagem

Priscilla Cerullo Hashimoto

**ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE NOVAS
GERAÇÕES DE ENFERMEIROS (REVISADO)**

São Paulo

2016

Priscilla Cerullo Hashimoto

**ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE NOVAS
GERAÇÕES DE ENFERMEIROS (REVISADO)**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Enfermagem do Centro Universitário São Camilo, orientado pela Profa. Dra. Maria Cristina de Mello Ciaccio e co-orientado pela Profa. Dra. Grazia Maria Guerra, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

São Paulo

2016

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Padre Inocente
Radrizzani**

Hashimoto, Priscilla Cerullo

Estratégias educacionais para o desenvolvimento de novas gerações de enfermeiros [revisada] / Priscilla Cerullo Hashimoto. -- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2016.

220 p.

Orientação de Maria Cristina de Mello Ciaccio e Grazia Maria Guerra

Dissertação de Mestrado Profissional em Enfermagem, Centro Universitário São Camilo, 2016.

1. Aprendizagem 2. Educação a distância 3. Educação continuada em enfermagem 4. Gerações 5. Tecnologia educacional I. Ciaccio, Maria Cristina de Mello II. Guerra, Grazia Maria III. Centro Universitário São Camilo IV. Título

CDD: 610.7

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

São Paulo, _____ de _____ de 2016.

Priscilla Cerullo Hashimoto

Priscilla Cerullo Hashimoto

**ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE NOVAS
GERAÇÕES DE ENFERMEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Enfermagem do
Centro Universitário São Camilo para obtenção
do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

**“Feliz aquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina”**

Cora Coralina

*Aos meus queridos pais **Raffaello e Angélica**,
pela vida e por terem sido o alicerce na minha
jornada através do exemplo, coragem,
integridade e fé.*

*Ao meu amado esposo **Felipe**, por ter
acreditado no meu potencial, por ter me
apoiado nos momentos em que eu duvidava
conseguir, pela compreensão das ausências,
pelo amor e atenção que foram essenciais para
esta conquista.*

*A minha irmã **Karina** pela energia e amor
dispensado.*

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo a **Deus**, pela infinita bondade, pela vida, por ter me concedido força, resiliência, sabedoria e discernimento para conclusão do trabalho e por ter me presenteado com pessoas especiais que ao longo da jornada vidas e exemplos influenciaram em minhas escolhas.

A minha **família**, que com seu amor incondicional fez com que a jornada que às vezes parecia árdua e longa ficasse mais leve e repleta de vibrações, que com o exemplo de fé e perseverança me ensinou que sonhos podem e devem se tornar realidade, e que isso só depende da nossa vontade de lutar e acreditar.

Ao meu amado esposo **Felipe**, pelo seu amor, que ultrapassou em muito o seu papel, acumulando a função de orientador, psicólogo, revisor e conselheiro. Através da sua serenidade, sabedoria, exemplo e amor, esteve ao meu lado em todos os momentos, compreendendo minha ausência, minimizando minhas falhas, suportando a minha fraqueza, noites mal dormidas, feriados de leitura, e quando tudo parecia não ter fim encorajava-me a não desistir, através do seu abraço fortalecedor e de sua ajuda incomparável enxergando o melhor de mim. Sem dúvida, você é cúmplice do que eu sou hoje.

Aos meus sobrinhos **Zeca, Malu e Eliza**, pela ingenuidade e amor pelas travessuras constantes proporcionaram os momentos mais deliciosos nessa jornada.

Aos meus **amigos** que a vida me presenteou, pela compreensão das longas e infindáveis horas de estudo, por aguentarem “hoje não posso, tenho que estudar”, pelos momentos de descontração, pela torcida, estímulos, conversas e risadas vocês foram muito bem vindos.

Aos meus **colegas de trabalho** pelo exemplo, pelas conversas reconfortantes, pelos *insights*, inspirações, dicas de leitura, pela compreensão nas ausências e acima de tudo pelo aprendizado, valorizando e acreditando em meu potencial.

As minhas **orientadoras** pela paciência, perseverança, dedicação, compromisso, por compreender minhas loucuras e horários, por me ouvirem no meu anseio de falar, por aceitarem a minha ansiedade e acreditarem em meu potencial, pelo aprendizado em todos os contextos e acima de tudo por permitir meu crescimento enquanto enfermeira, docente e pesquisadora.

Aos **Professores Doutores** pelas contribuições enriquecedoras durante o Exame de Qualificação, permitindo repensar e ampliar meu conhecimento.

A todo **corpo docente** da Pós-graduação do CUSC pela oportunidade de reflexão acerca dos diversos temas discutidos durante as aulas do programa.

A **todos** que conviveram comigo no preparo e ao longo dessa jornada, obrigada pela compreensão, paciência, torcida e aprendizado, o meu Muito Obrigada!

HASHIMOTO, Priscilla Cerullo. Estratégias educacionais para o desenvolvimento profissional de novas gerações de enfermeiros 2016.220f. Dissertação (Mestrado Profissional de Enfermagem) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2016.

Resumo

Este estudo teve por objetivo sistematizar estratégias educacionais para o desenvolvimento profissional de novas gerações de enfermeiro. Trata-se de uma pesquisa exploratória de nível descritiva, com duas fases: a primeira fase trata-se de uma revisão integrativa e a segunda fase da construção de uma proposta de estratégias educacionais voltadas ao desenvolvimento profissional de novas gerações de enfermeiros. Para nortear a busca bibliográfica elegeu-se a seguinte pergunta: *Qual a influência da tecnologia e do papel do professor no desenvolvimento profissional da nova geração de enfermeiros?* Adotando a metodologia conhecida pelo acrônimo PVO. A busca foi realizada nas bases de dados Scielo, Lilacs, BVS, SibiUSP no período de 2010 a 2015, disponíveis eletronicamente em texto completo, nas referidas bases de dados, nos idiomas português ou inglês, sendo excluídos artigos fora do período delimitado, não disponíveis em texto completo, os que se repetiram na combinação dos descritores e/ou não tinham relação com o objetivo da pesquisa utilizando os descritores gerações; tecnologia educacional; aprendizagem; educação continuada em enfermagem . A busca as bases de dados, considerando a utilização de todos os descritores, localizou 1958 artigos. Após a realização da leitura do título, resumo e textos na íntegra, foram excluídos 1914, artigos que não contemplaram o tema do estudo e não foram associados com a questão norteadora, para facilitar a abordagem e a compreensão da discussão foi realizada a síntese de cada artigo correlacionando com o estudo, identificando nestes artigos 14 estratégias, além destas através de fundamentação teórica foram encontradas mais 14 estratégias educacionais possíveis de serem utilizadas, agrupadas por

similaridade na forma de transmissão de conhecimento, dando origem a três categorias, são elas: Ambiente Virtual de Aprendizagem, Instrução Direta e Aprendizado por Experiência correlacionando com a nova geração de enfermeiros e a influência do professor em sala de aula bem como as vantagens e suas limitações uma vez que associadas a melhora da qualidade na assistência. Nota-se que das 28 estratégias relacionadas às gerações há um total de 36% que podem ser aplicadas na Geração *Baby Boomer*, 71% na Geração X; 86% na Geração Y e 82% na Geração Z e Alpha. De acordo com as categorias elencadas, observa-se que 100% das estratégias AVA podem ser facilmente utilizadas nas gerações Y, Z e Alpha e apenas 45% na Geração X e sem aplicação na Geração *Baby Boomer*. Na categoria ID 80% podem ser aplicadas na Geração *Baby Boomer*, 90% na Geração X, 70% na Geração Y e 60% na Geração Z e Alpha. Para a categoria AE 29% é utilizado na Geração *Baby Boomer* e 86% nas demais categorias, fato este que deve ser correlacionado com as características e as tendências das gerações frente ao processo de aprendizagem. Conclui-se que as novas estratégias educacionais modificaram o foco da aprendizagem, perpassando do contexto armazenamento de conteúdo e disseminação de informações para a aquisição de competências, atitudes, valores e transferências, fundamentais para a entrada no mercado de trabalho.

PALAVRAS CHAVES: Enfermagem; Aprendizagem; Tecnologia Educacional; Gerações.

HASHIMOTO, Priscilla Cerullo. Educational strategies for professional development of new generations of former Nurses, 2016.220p. Dissertation (Masters of Professional Nursing) - Sao Camilo University Center, Sao Paulo, 2016

Abstract

This dissertation has the objective of systematize which educational strategy has been developed for the next professional nurse's generations. It is an exploratory descriptive research, with two different stages: the first one aims an integrative review and the second stage is proposal of developing a consolidated for the most important educational strategies for nursing professionals. To serve as a research guideline, the question was elected: "How much important are the technology and professor's role at new nurse's generations professional development? The methodology chosen is known as "PVO" (Participants, Variables and Outcomes). The article's research was made in Scielo, Lilacs, BVS and SibiUSP databases, limited for 2010-2015 period, only for complete digital text available, in the referred databases, on English or Portuguese, and those articles without those requirements, or those what didn't contain the keywords generations, educational technologies, learning, continuous education at nursing; were foreclosed. This search found out 1958 articles. After a cautious Reading of title, abstract and complete text, 1914 articles were foreclosed since them don't represent significance or relationship to the proposed study. In order to make easier to understanding the discussion, it was prepared a summary of each article related to the theme, and there were identified 14 different educational strategies and other 14 strategies based on previous studies. They were grouped in three categories for similarity on their method for knowledge transmission: virtual environment learning, direct instruction learning and experience-based learning. These categories were cross-checked with generational perspectives for Nursing and professor's role, discussing the merits and flaws for each. From the 28 strategies,

36% could be applied for Baby Boomer generation; 71% for X generation, 86% for Y generation and 82% for Z and *alpha* generations. Accordingly, to those categories, 100% of virtual environment learning could be easily applied to Y, Z and *alpha* generations, 45% to X generation and has no use for Baby Boomer's generation. For direct instruction learning, 80% could be applied for Baby Boomers, 90% for X generation, 70% for Y generation and 60% for Z and *alpha* generations. The experience-based learning is applicable only 29% for Baby Boomers, and 86% for the other generations. The conclusion is that the new educational strategies had changed the learning traditional focus, from a knowledge storage and information spread, to competencies, values, attitude acquisition, those becoming more and more relevant to the professional Market.

Keywords: Nursing; Learning; Educational technology; Generations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -Trajetória Metodológica.....	34
Quadro 2 - Análise da questão norteadora segundo estratégia PVO, São Paulo 2015.	40
Quadro 3 - Protocolo de busca de estudos nas bases de dados, São Paulo 2015/2016.....	43
Quadro 4 - Seleção das Referências Seleccionadas.....	44
Quadro 5 - Processo de ensino aprendizagem segundo a perspectiva da Pedagogia e Andragogia.	49
Quadro 6 - As competências necessárias para liderar na Era do Conhecimento.....	63
Quadro 7 - Objetivos da aprendizagem x Resultados de negócio. .	72
Quadro 8 - Identificação das Gerações, de acordo com o ano de nascimento.....	79
Quadro 9 - Características e Influências das gerações.....	79
Quadro 10 - Comparativo de características relativas ao trabalho entre as gerações no mercado.	86
Quadro 11 - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.....	92

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Distribuição dos artigos selecionados de acordo com a base de dados, no período de 2010 a 2015. São Paulo, 2016.89

TABELA 2 - Distribuição dos artigos selecionados nas bases de dados de acordo com os descritores. São Paulo, 2016.89

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Etapas da revisão integrativa, adaptada pelo autor38

FIGURA 2 - A experiência de aprendizagem completa.....74

SUMÁRIO

MOTIVAÇÃO DA PESQUISA	19
1 INTRODUÇÃO	22
2 OBJETIVOS	31
2.1 Objetivo Geral.....	32
2.2 Objetivos Específicos.....	32
3 MÉTODO.....	33
3.1 Tipo de Pesquisa	34
3.2 Procedimentos Metodológicos.....	34
3.2.1 Fase 1 – Revisão Integrativa.....	35
3.2.2 Fase 2 - Procedimentos para busca e seleção dos artigos e documentos: análise da questão norteadora	39
3.2.3 Fase 3 – Análise dos artigos e documentos encontrados na pesquisa	43
3.2.4 Fase 4 - Construção de uma proposta de estratégias educacionais para o desenvolvimento profissional de novas gerações de enfermeiros.....	44
4 REFERENCIAL TEÓRICO	45
4.1 Processo de Aprendizagem nas organizações.....	46
4.1.1 Aprendizagem significativa.....	52
4.1.2 Processo de aprendizagem e a inserção da tecnologia	55
4.1.3 Aprendizagem 70:20:10	58
4.2 Gestão do Conhecimento	61
4.2.1 Transformando a educação em resultados para o negócio: novos desafios	70
4.3 Características das Gerações.....	77
5 RESULTADOS	88
5.1 Caracterização da produção científica.....	89
5.2 Categorização da produção científica.....	90
5.2.1 Categoria 1 - Aprendizagem	90
5.2.2 Categoria 2 – Tecnologia Educacional.....	112

5.2.3	Categoria 3 – Educação Continuada em Enfermagem	120
5.2.4	Categoria 4 – Educação em Enfermagem	123
6	DISCUSSÃO	137
6.1	Caracterização da produção científica	138
6.2	Categorização da produção científica	139
7	ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE NOVAS GERAÇÕES DE ENFERMEIROS: UMA NOVA PROPOSTA	146
8	CONCLUSÃO	191
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
	REFERÊNCIAS	197

MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

Desde criança, o desejo em ser professora e cuidar do próximo esteve presente, os anos passaram e ao longo da minha graduação em Enfermagem tive a oportunidade de estagiar em uma área de Educação Continuada, área até então desconhecida pelos alunos, com um sentimento de dúvida entrei nesse universo e me apaixonei, estava ali o que exatamente tinha desejado desde criança, me formei e tive a oportunidade de atuar na área.

Vivenciei experiências marcantes e aprendizados constantes, digo que fui privilegiada por encontrar pessoas tão brilhantes e capacitadas, com experiência em me ensinar não só no âmbito profissional, mas também pessoal, e isso reforçou o desejo de quero mais.

Fiz especialização em Educação Permanente em Saúde, pesquisei, emergi em um contexto plenamente educacional, e o desejo por aprender mais sobre o assunto foi naturalmente construído, construí ao longo dos anos uma trajetória profissional com ênfase na educação, o que me permite pensar de uma nova forma, incentivei colegas a pensarem fora do contexto, pesquisamos novas metodologias ativas, desconstruímos alguns conceitos e construímos novos conceitos.

Em 2012 tive a oportunidade de atuar com recém-formados em um Programa de Trainee, tinha como desafio construir um novo formato de programa, sem fugir das metodologias tradicionais e possibilitando a construção do aprendizado pelos aprendizes, nessa perspectiva e, na experiência adquirida ao longo do programa, alguns questionamentos surgiram: *Estava preparada a nova geração para o mercado de trabalho? Como estava sendo a formação desses profissionais? Como lidar com as expectativas desses profissionais dentro da área de atuação? Como a tecnologia pode influenciar nos processos de aprendizagem? Como motivar os profissionais a participarem do treinamento? Estamos preparados para o futuro com a presença desses jovens no mercado de trabalho?*

Essas inquietudes foram tomando formas e me encorajei a submeter um Projeto de Pesquisa, com a visão que resolveria os problemas da Educação nas instituições de saúde, e que a tecnologia seria o nosso principal aliado.

Ao refletir e amadurecer as ideias com relação aos estudos realizados propõe este estudo com o intuito atrelar o conhecimento à prática, preparando o profissional para um futuro próximo no processo de aprendizagem.

Etimologicamente, a palavra “educação” tem sua origem no latim *educare* (ato de criar, de alimentar) ou *educere* (conduzir para fora) que expressa ação, implica relação. É um fenômeno que permeia todas as fases da vida do homem, sendo imprescindível para relações pessoais, sociais e políticas, o que possibilita a instrumentalização do indivíduo (PRETI, 2000), tendo como premissa básica melhorar o desempenho do indivíduo e conseqüentemente das instituições.

Entende-se por “educação” um fenômeno social e universal, necessário à atividade humana e ao seu desenvolvimento na sociedade. A educação não é apenas uma exigência para desenvolver-se na sociedade, mas também um método para prover os sujeitos do conhecimento e das experiências culturais, científicas, morais e adaptativas necessários para a sobrevivência (PASCHOAL; MANTOVANI; MÉIER, 2007).

Desde os primórdios, a educação (processo de aprender e fazer) tem passado por modificações: na antiguidade não havia professores, e o processo acontecia entre adultos e todos eram responsáveis pelas informações de maneira informal, sendo iniciado a partir das experiências dos mais velhos. Na Idade Média surgiram às escolas da nobreza que iniciou a transmissão de conhecimentos com enfoque em questões morais, religiosas, com isso uma seleta parte das crianças era educada em um modelo burguês e as demais crianças aprendiam no dia a dia seguindo o mesmo conceito da antiguidade. A partir do movimento da Revolução Industrial, houve a coexistência de dois modelos: o burguês e o operário, onde o princípio era oferecer o mínimo de integração sociocultural (LOPES, 2012).

No Brasil, o modelo de ensino foi trazido junto com as missões jesuítas portuguesas, que tinham como objetivo trazer aos colonizados as doutrinas católicas, através da leitura e da escrita para que fosse possível a compreensão da fé. Todas as escolas seguiam os moldes de um documento escrito por Inácio de Loyola,

mais conhecido como *ratium studiorum*, muito similar às ementas utilizadas hoje em sala de aula, estruturado em três passos: preleção do conteúdo pelo professor; levantamento de dúvidas; exercícios de fixação (SHIGUNOV; MACIEL, 2008).

Observa-se nos dias atuais uma similaridade do modelo jesuítico uma vez que se percebe que o conteúdo abordado, nem sempre apresenta significado ao aluno, não privilegiando conexões com o cotidiano e a vivência.

É notável que o processo de educação passou por transformações sociais, políticas, econômicas e culturais influenciado pelo processo de globalização, que por sua vez trouxeram mudanças com o foco na preparação para o mercado de trabalho, processo comunicacional, entre outros, tendo como marca a inserção de recursos tecnológicos aliados ao processo de ensino aprendizagem.

Diante do mundo globalizado, não é mais possível adotarmos os mesmos padrões do processo de ensino-aprendizagem, exigindo recursos tecnológicos ao professor e uma mudança de postura do aluno. Nesse sentido, o processo de ensino aprendizagem requer a adoção de novos modelos e estratégias mais interativas e integrativas, rompendo paradigmas, vencendo barreiras limitadoras como tempo e espaço, e por fim construção de novos modelos educacionais (LOPES, 2012).

Para Vygotsky, o processo de aprendizagem deve ser olhado por uma ótica prospectiva, ou seja, não se deve focalizar apenas no que se é aprendido, mas sim naquele que está aprendendo. Em nossas práticas, sempre procuramos prever em que tal ou qual aprendizado poderá ser útil, não somente no momento em que é ministrado, mas para além dele. É um processo de transformação constante. (NEVES; DAMIANI, 2006).

Neste contexto, podemos considerar, portanto uma interação entre desenvolvimento e aprendizagem, que se dá através de um

contexto cultural, e da forma que o indivíduo se desenvolve movido por mecanismos de aprendizagem provocados ou não.

Considerando que o estudo aborda a aprendizagem do adulto, propõe-se a Andragogia “a arte de ensinar adultos”, no qual são considerados as experiências anteriores do indivíduo e os benefícios que serão gerados, frente aos conceitos apresentados para a aplicação em situações no dia-a-dia. Dessa forma, devemos considerar a particularidade de cada pessoa e processo, levando em consideração sua motivação e o resultado que o aprendizado trará em seu dia a dia, sendo assim utilizando a mesma perspectiva do Vygotsky, devemos analisar o que o indivíduo está aprendendo considerando que é um processo de modificação e transformação constante.

No contexto da enfermagem cabe afirmar que a prática diária do enfermeiro envolve questões educativas em diferentes vertentes, traduzidas no ensino a pacientes, família e equipe sendo este contínuo e inerente a profissão.

Historicamente, o conceito de educação é envolvido por paradigmas que possibilitam definir que a educação continuada em saúde passou por adaptações ao longo dos anos, com o objetivo de impactar nos processos de melhoria da qualidade na assistência e favorecer o aprendizado contínuo dos profissionais. No que tange a educação, cabe afirmar que dentro das instituições hospitalares, há profissionais de diversas idades e opiniões. Para representar estas diferentes formas de pensar adotaremos uma representação baseada no ano de nascimento dos profissionais agrupados da seguinte forma: *baby-boomer*, geração - X, Y e Z

De acordo com Lombardia (2008), a história de uma geração está baseada em um conjunto de vivências e experiências comuns, valores, cultura, situação socioeconômica, idade, entre outros. Estas características comuns das diferentes gerações influenciam o modo de ser e de viver na sociedade e é este conjunto de comportamentos e valores que diferenciam uma geração de outra. Um dos principais

desafios é compreender e adaptar-se a estas novas gerações e a todas as mudanças geradas, frente à sociedade.

O termo *Baby Boomer*, é utilizado para representar os indivíduos pós Segunda Guerra Mundial, sendo considerada uma geração mais moralista, com características bem individualistas, já a Geração X, que diferentemente das gerações anteriores não vivenciaram situações de guerra e sim de superar conflitos econômicos, tais profissionais buscam conciliar a jornada profissional com a vida familiar garantindo um tempo maior de dedicação pessoal (CHIUZI; PEIXOTO; FUSARI, 2011).

Com relação às tendências no mercado, nota-se uma característica da geração Y, profissionais mais jovens envolvidos com tecnologia, que buscam uma carreira de sucesso, frente aos desafios propostos. Por outro lado, apresentam dificuldades em trabalhar com hierarquia, o que pode acarretar problemas futuros, pesquisadores afirmam que nesta década temos profissionais da Geração Z que são caracterizados como profissionais potenciais, altamente conectados com mídias e tendências futuras, bem como influenciadores de opinião. Há especulações que na próxima década teremos profissionais da geração alfa, e cabe a nós o desafio de inseri-los no mercado de trabalho uma vez que podem ser considerados deslumbrados e cibernéticos (CHIUZI; PEIXOTO; FUSARI, 2011).

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em uma pesquisa realizada pelo COFEN em 2015, a área de saúde compõe-se de um contingente de 3,5 milhões de trabalhadores, dos quais cerca 50% atuam na enfermagem, considerando que 80% do quadro é composto por técnicos e auxiliares e 20% de enfermeiros. A pesquisa abordou ainda aspectos como: insegurança, remuneração e mercado, condições de trabalho, relações profissionais, masculinização, e formação profissional, aplicado a profissionais no começo da carreira, entre 18 e 22 anos, até os aposentados (COREN, 2015).

Considerando a pesquisa e a característica da geração presente, é evidente o crescente desenvolvimento da era da tecnologia nas instituições hospitalares uma vez que as expectativas educacionais possam ser atingidas, entretanto tal ferramenta deve ser bem colocada em prática uma vez que ainda faz se necessário o estímulo do raciocínio lógico dos profissionais.

Por outro lado, se focarmos em: formação profissional, a pesquisa revela que no quesito aprendizagem não há limites para este processo, 86,6% desejam fazer algum tipo de qualificação profissional, sendo 61% relacionado a cursos de atualização, aperfeiçoamento ou especialização, de modo que fiquem mais conhecedores do assunto, em menor proporção 15,8% dos profissionais vislumbram a possibilidade de realizar mestrado, doutorado, pós-doutorado e 5,4% estágios e/ou cursos no exterior (COREN 2015).

Com essa transição dos conceitos de educação, e a possibilidade da inserção de novas ferramentas e conceitos, o aprendiz está à frente de seu processo de capacitação e aprendizagem, sendo corresponsável pelo seu desenvolvimento, com isso há o rompimento do espaço de aprendizado possibilitando aos profissionais da área de treinamento novos desafios para o efetivo desenvolvimento de profissionais viabilizando a formação e a prática no desenvolvimento de pessoas, frente a estratégias, cultura e valores organizacionais, assegurando a continuidade no processo de formação destes profissionais, como dito anteriormente as instituições tem o desafio de modificar a estrutura organizacional caminhando para um modelo de educação híbrido, onde as instituições também são responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem (ABREU; GONÇALVES; PAGNOZZI, 2003).

Pode-se inferir que a mescla de gerações dentro das instituições hospitalares interferem diretamente no processo de aprendizagem, levando-se em consideração que tal processo está relacionado com a andragogia, e que esta, por sua vez, está ligada a

experiências anteriores, e acredita-se que este fator pode influenciar negativamente a consecução dos objetivos e a adesão nos treinamentos (BRANDÃO, 2006).

O principal desafio das instituições hospitalares é deixar de ser uma organização homogeneizada, massificada e padronizada para ser uma organização de aprendizagem focada nas necessidades específicas de cada indivíduo, construindo elementos essenciais para a construção de trilhas de aprendizagem (BRANDÃO, 2006).

Ao discutir o conceito de educação, depara-se com o dilema de comunicação e tecnologia, uma vez que ao mudarmos o processo da metodologia de ensino, faz-se necessário à adaptação do vocabulário, linguagem, conceitos, entre outros, considerando diversas gerações que, por sua vez, compartilham inúmeras vezes do mesmo ambiente de trabalho, bem como de aprendizagem.

Além do processo de comunicação, é essencial pensarmos nos novos desafios da competitividade global que conduzem as organizações a rupturas em seus paradigmas: as maiores agências de notícias não têm nenhum jornal; a maior empresa de táxi não tem nenhum carro na frota; o *Facebook*[®], grande provedor de conteúdo, não produz nenhuma informação; o maior ofertante de acomodações, *Airbnb*, não dispõe de quarto de hotel. Acredita-se que a Educação passará ilesa por essa revolução e que as transformações nessa área serão passageiras e superficiais. Ledo engano: as mudanças na Educação serão rápidas e intensas, possibilitando profissionais, alunos e professores saírem da zona de conforto (MOTA, 2016).

As instituições têm um modelo de educação para atestar conhecimentos e competências que, curiosamente, deverá não só permanecer como ser significativamente ampliada. Hoje, as instituições educacionais certificam alunos, sobreviventes do modelo tradicional em salas de aulas, presenciais ou virtuais, e de provas espalhadas ao longo do ano, em breve, passaremos por uma

mudança para obtenção de tal certificação, o que não implica em ser mais fácil.

O processo ensino-aprendizagem permanece, e sempre será a missão das instituições, mas os alunos e professores, já não serão os mesmos, bem como seus entornos. Nesse universo digital de alunos da nova geração, designers educacionais permitirá que as instituições sejam basicamente provedoras de conteúdos educacionais múltiplos que resulte em qualidade, resultado de equipe e conhecimentos associados.

Com a intenção de criar meios para consolidar e propagar os conhecimentos da organização têm-se acompanhado a tendência de reformular os Centros de Treinamento em um modelo de “Universidade Corporativa”, que com toda essa interferência de comunicação, tecnologia e gerações esse conceito tem trazido repercussões frequentes.

Segundo Eboli (1999), a Universidade Corporativa tem como missão formar e desenvolver os talentos humanos na gerência dos negócios, promovendo a gestão do conhecimento organizacional (incluindo geração, assimilação, difusão e aplicação), o desenvolvimento e a instalação das competências profissionais, técnicas e gerenciais consideradas essenciais para a viabilização das estratégias da organização.

Pode se dizer que se configura a Universidade Corporativa, um misto de práticas de treinamento modernizadas, com educação formal e práticas de educação à distância, que permite ao aprendiz mobilidade e flexibilidade no processo de aprendizagem (BRANDÃO, 2006).

Não há mais como omitir o benefício que as tecnologias oferecem ao processo de ensino e aprendizagem, cabendo ao professor se apropriar delas de forma a potencializá-las de modo significativo. O planejamento minucioso em sua utilização permite criar cenários de situações que vão além de apenas um modelo de aprender e ensinar (LOPES, 2012).

Os professores precisam desenvolver novas competências e aderir à tecnologia utilizando como ferramenta facilitadora, e para que isto ocorra, faz-se necessário uma capacitação constante tanto para o manuseio adequado das tecnologias disponíveis, seus recursos e benefícios para que o aprender não fique restrito apenas a sala de aula, mas sim incorporado a realidade, permitindo uma aprendizagem significativa.

Diante deste cenário e dos desafios dos processos educacionais surgiram diversos questionamentos e indagações referente à utilização de estratégias no ensino de enfermagem (profissionalizante e não profissionalizante), especificamente com a abordagem e o papel do professor no mundo das novas gerações, portanto justifica-se a realização de um estudo para implementação de novas estratégias que contribua para o desenvolvimento profissional de novas gerações.

2.1 Objetivo Geral

- Sistematizar estratégias educacionais para o desenvolvimento profissional de novas gerações de enfermeiros.

2.2 Objetivos Específicos

- Relacionar o processo de aprendizagem e tecnologia educacional;
- Identificar variáveis que favorecem ao processo de aprendizagem de acordo com o comportamento de cada geração;
- Identificar o papel do professor frente às estratégias educacionais;

3.1 Tipo de Pesquisa

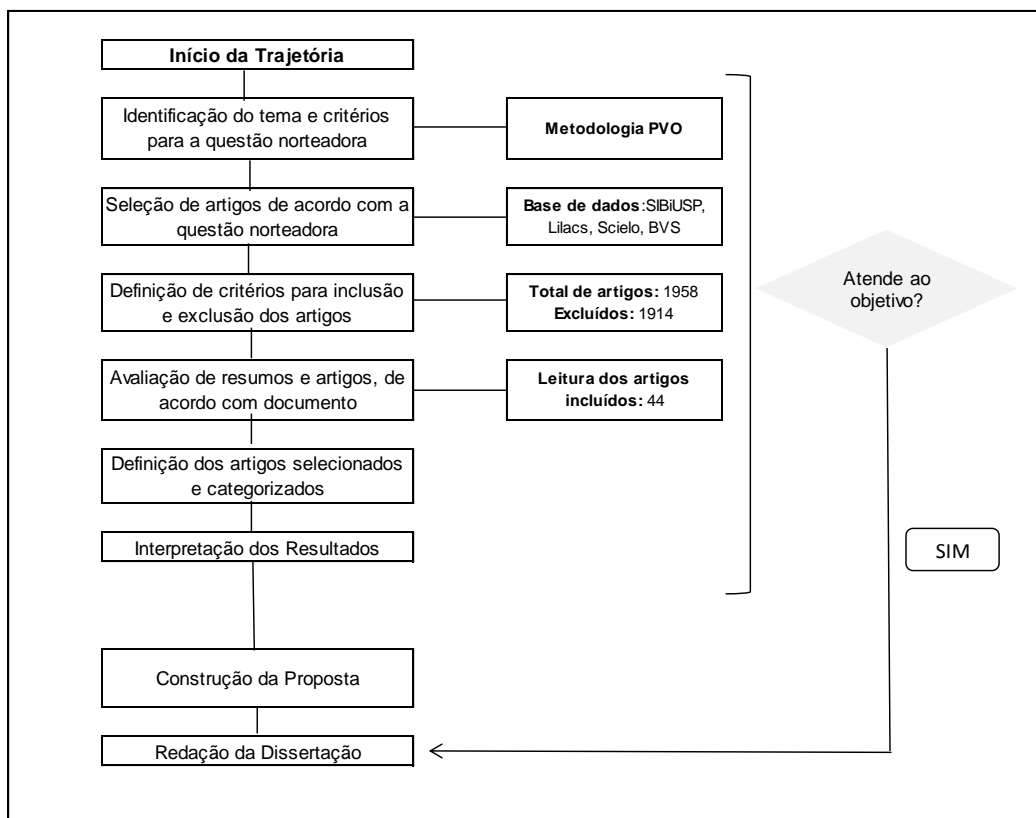
Este estudo trata-se de uma pesquisa exploratória de nível descritiva.

Nessa acepção, a pesquisa exploratória tem como intuito proporcionar ao pesquisador maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito. Pode ser classificada como pesquisa bibliográfica e estudo de caso. (GIL, 2007).

3.2 Procedimentos Metodológicos

Foram contempladas duas fases. A primeira refere-se a uma revisão integrativa e a segunda à construção de uma proposta de estratégias educacionais voltadas ao desenvolvimento profissional de novas gerações de enfermeiros, conforme apresentado no Quadro 1:

Quadro 1-Trajetória Metodológica



3.2.1 Fase 1 – Revisão Integrativa

Estudos demonstram que a revisão integrativa permite ao pesquisador aproximar-se da problemática que deseja contemplar, traçando um panorama sobre a sua produção científica, de forma que possa conhecer a evolução do tema ao longo do tempo.

Considerado a mais ampla abordagem metodológica, o método tem a finalidade de aproximar o autor do problema e contribuir para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado. Permite, também, reunir e sintetizar de maneira sistemática e ordenada, múltiplos estudos publicados, além de possibilitar conclusões gerais sobre o tema pesquisado. (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Para elaborar uma revisão integrativa relevante, é necessário que as etapas a serem seguidas estejam claramente descritas. De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008), o processo de elaboração da revisão integrativa encontra-se bem definido na literatura, entretanto, há formas distintas de subdivisão de tal processo, com pequenas modificações.

Desse modo, para responder aos objetivos propostos, a pesquisa contemplou seis etapas:

Primeira etapa: Identificação do tema e hipótese do problema de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa

Nesta etapa, inicia-se o processo de elaboração da revisão integrativa com a definição do problema e a formulação de uma hipótese que apresente relevância e desperte o interesse do revisor.

Mendes, Galvão e Siqueira (2008) consideram a primeira etapa como norteadora para uma revisão integrativa bem elaborada, devendo esta estar relacionada a um conhecimento já adquirido pelo pesquisador, de modo a contemplar o raciocínio teórico.

Quando a questão de pesquisa é bem demarcada pelo revisor, os descritores são facilmente identificados para a execução e busca na literatura (BROOME apud MENDES; SILVEIRA;

GALVÃO, 2008). Dessa forma a pesquisa precisa ser elaborada de forma clara e precisa.

Segunda etapa: Estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão dos estudos encontrados na busca da literatura

Esta etapa permite ao pesquisador estabelecer critérios de inclusão e exclusão dos descritores, na seleção de base de dados, para permitir análise mais seletiva.

Segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008), após a escolha do tema pelo revisor e a formulação do problema de pesquisa, inicia-se a busca nas bases de dados para identificação dos estudos que serão incluídos na revisão, a fim de que os estudos utilizados sejam embasados de forma adequada.

Estudos apontam que a metodologia mais assertiva é incluir todos os artigos encontrados, mas, considerando a quantidade de trabalhos expostos e sua inviabilidade, é importante expor e discutir claramente os critérios de inclusão e exclusão de artigos. Dessa forma, a determinação dos critérios deve ser realizada em concordância com a pergunta norteadora, considerando os resultados de interesse do pesquisador. (GANONG apud SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Os critérios de inclusão utilizados foram estudos do período de 2010 a 2015 em periódicos nacionais e internacionais. Optou-se por esse período por se tratar de um tema mais recorrente, nos últimos anos, no âmbito da educação. A busca avançada utilizou-se dos seguintes descritores presentes na consulta dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/Bireme): “gerações” “tecnologia educacional”, “aprendizagem” “educação em enfermagem” “aprendizagem ativa” “educação continuada em enfermagem”; utilizando a lógica booleana nas bases de dados da Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library On-line* (SciELO), Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e Sistema Integrado de Biblioteca da Universidade de São Paulo (SIBi/USP).

Terceira etapa: Categorização dos estudos e coleta de dados

Esta etapa consiste em definir as informações e extrair os estudos selecionados tem por objetivo, organizar e sumarizar as informações de forma clara e concisa.

Pesquisadores sugerem que, para esta etapa, seja utilizado um instrumento capaz de assegurar que a totalidade dos dados relevantes seja extraída, de modo a incluir a definição dos sujeitos, metodologia, tamanho da amostra, mensuração de variáveis, método de análise e conceitos embasados. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Quarta etapa: avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa.

Esta etapa demanda uma abordagem organizada para ponderar o rigor e as características de cada estudo.

Mendes, Silveira, Galvão (2008) afirmam que, para garantir a validade da revisão, os estudos selecionados precisam ser analisados detalhadamente e de forma crítica com o objetivo de procurar explicações para o problema de pesquisa.

Para tornar esta etapa mais concisa e direcionada, estudiosos apontam algumas questões que podem ser utilizadas na avaliação crítica dos estudos selecionados, tais como: qual é a questão da pesquisa; qual é a base para a questão da pesquisa; por que a questão é importante; a metodologia do estudo está adequada; o que a questão da pesquisa responde; a resposta está correta e quais pesquisas futuras serão necessárias. (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Quinta etapa: Interpretação e discussão dos resultados

Esta etapa corresponde à análise e discussão dos principais resultados encontrados na literatura, bem como a síntese e comparação dos mesmos.

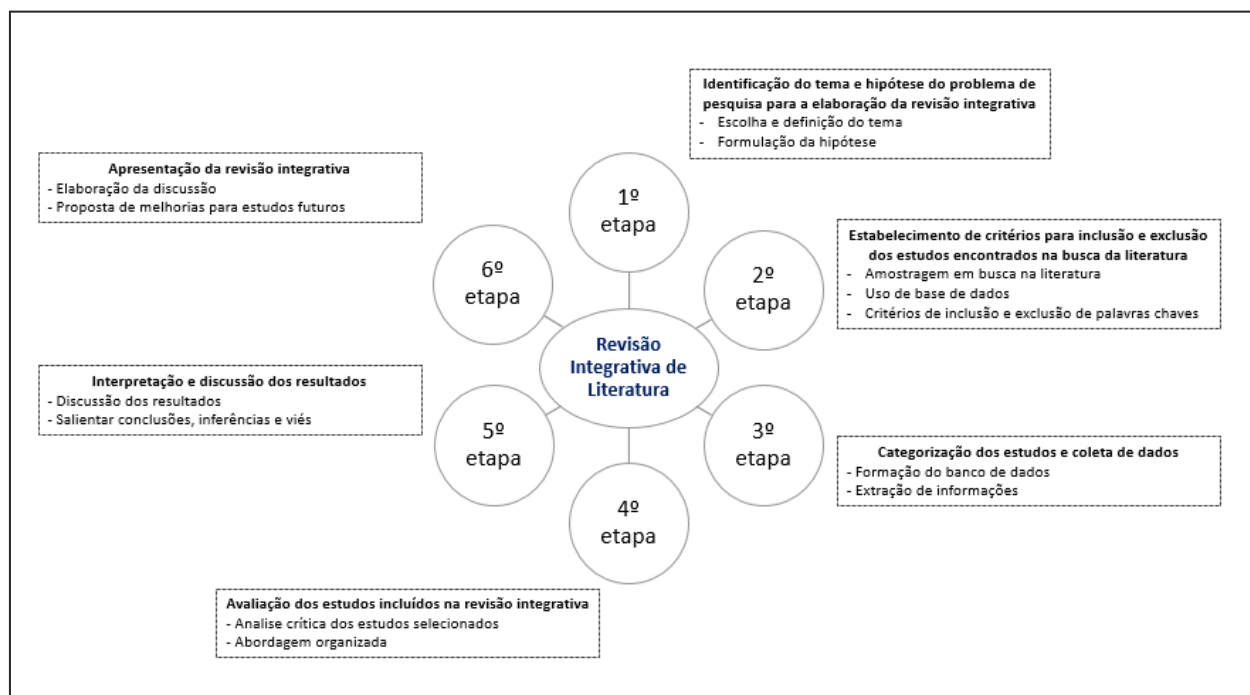
Souza, Silva e Carvalho (2010) apontam que, além de identificar o conhecimento, é possível delimitar prioridades para o estudo futuro, salientando as conclusões, inferências e explicações dos vieses da pesquisa.

Sexta etapa: Apresentação da revisão integrativa

Esta última etapa consiste na elaboração da dissertação, que deve contemplar a descrição de todas as fases de forma criteriosa e concisa, necessitando apresentar os principais resultados obtidos, mediante as pesquisas realizadas. Para Mendes, Silveira e Galvão (2008), esta etapa é “[...] um trabalho de extrema importância, já que produz impacto devido ao acúmulo do conhecimento existente sobre a temática pesquisada”.

A proposta da revisão integrativa é reunir e sintetizar as evidências disponíveis na literatura e as suas conclusões de modo a ser baseada numa metodologia questionável (GANONG apud MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Figura 1- Etapas da revisão integrativa, adaptada pelo autor



Fonte: MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Diante da necessidade de assegurar uma teoria embasada em evidências científicas, a revisão integrativa tem sido apontada como uma ferramenta ímpar na área de saúde, por sintetizar pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direcionar a prática, diminuindo vieses e erros.

3.2.2 Fase 2 - Procedimentos para busca e seleção dos artigos e documentos: análise da questão norteadora

Para nortear a busca bibliográfica elegeu-se a seguinte pergunta: *Qual a influência da tecnologia e do papel do professor no desenvolvimento profissional da nova geração de enfermeiros?*

Adotou-se a metodologia de busca, conhecida pelo acrônimo PVO que representa: **P** – Definição do contexto/ Situação problema, **V** – Definição de variáveis, **O** – Definição de resultados (desfecho/resultado), esses três componentes são os elementos fundamentais da questão de pesquisa e da construção da pergunta para a busca bibliográfica de evidências. (SANTOS; PIMENTA; NOBRE, 2007).

De acordo com estudos dos autores citados acima, a estratégia PVO deve ser utilizada para a construção do problema de pesquisas de naturezas distintas – provenientes da clínica, do gerenciamento de recursos humanos e materiais e da busca de instrumentos para a avaliação clínica, entre outros. Uma pergunta de pesquisa bem construída possibilita a definição das evidências que são necessárias para a resolução da questão clínica de pesquisa, focando o escopo da pesquisa e evitando a realização de buscas desnecessárias. O Quadro 2 representa a formulação do problema de pesquisa:

Quadro 2 - Análise da questão norteadora segundo estratégia PVO, São Paulo 2015.

Acrônimo	Definição	Descrição
P	Problema	Desenvolvimento profissional da nova geração de enfermeiros
V	Variáveis	Gerações
O	Resultados	Desempenho profissional e melhor assimilação do conteúdo ajustada a expectativa do enfermeiro e do mercado de trabalho

Uma vez que a questão de pesquisa foi formulada, a pesquisa terá continuidade de acordo com o método de modo a buscar evidências. Deste modo, podemos claramente afirmar que a estratégia PVO auxilia nessas definições, pois, orienta a construção da pergunta de pesquisa e da busca bibliográfica e permitindo a busca do resultado de modo acurado e rápido, a melhor informação científica disponível.

3.2.2.1 Seleção das Bases de Dados, referenciados de acordo com a segunda etapa.

Foram realizadas diversas consultas às bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library* (SciELO), por meio do Portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), identificando-as da seguinte forma:

- LILACS é um índice bibliográfico da literatura, relativa às ciências da saúde, publicada nos países da América Latina e Caribedesde1982. Possui mais de 600.000 registros bibliográficos, dentre eles, teses, monografias, livros e

capítulos de livros, trabalhos apresentados em congressos ou conferências, relatórios, publicações governamentais e de organismos internacionais e regionais, em cerca de 1.500 periódicos em ciência da saúde, dos quais, aproximadamente, 800 são atualmente indexadas.

- SciELO é um portal de publicação eletrônica de periódicos de mais de mil revistas científicas da América Latina, Espanha, México e Portugal, cujos artigos completos estão disponibilizados, de modo gratuito, na Internet.
- Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), desde 1998, é uma rede construída coletivamente e coordenada pela BIREME, tendo sido desenvolvida, por princípio, de modo descentralizado, por meio de instâncias nacionais (BVS Argentina, BVS Brasil etc.) e redes temáticas de instituições relacionadas à pesquisa, ensino ou serviços (BVS Enfermagem, BVS Ministério da Saúde etc.).
- O SIBiUSP existe desde 1988 e abriga hoje, aproximadamente, 8 milhões de títulos firmando-se como referência nacional e internacional de excelência e dinamismo, tanto em termos de gestão de acervos, acesso e informação, quanto em termos de inovadores sistemas de gestão de recursos informacionais.

3.2.2.2 Seleção dos Descritores

Optou-se, para busca nas bases de dados, por utilizar os Descritores da Saúde (Decs) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que consiste em um vocabulário estruturado e trilingue.

Selecionaram-se os seguintes descritores, considerando as especificações e sua relevância no trabalho:

- **Gerações** – *Intergenerational Relations* – As interações entre indivíduos de diferentes gerações. Tais interações incluem a comunicação, o cuidado, a responsabilidade, a fidelidade e até os conflitos entre indivíduos com ou sem parentesco.
- **Tecnologia educacional** – *Educational Technology*– e identificação sistemática, desenvolvimento, organização ou utilização de recursos educacionais e o manuseio desses processos. Também é ocasionalmente usado em um senso mais limitado para descrever o uso das técnicas orientadas por equipamentos ou auxílio audiovisual no cenário educacional.
- **Aprendizagem** – *Association Learning* – O princípio de que elementos que fazem parte da experiência dos que convivem conjuntamente formam uma conexão, de maneira que um tende a restabelecer o outro.
- **Educação em Enfermagem** – *Education Nursing* – sem definição, subcategoria de Educação em Enfermagem.
- **Educação continuada em enfermagem** – *Education Nursing* – Programas educacionais destinados a informar os enfermeiros sobre recentes avanços em seus campos de atuação.

3.2.2.3 Critérios de inclusão e exclusão

Com relação às publicações do tipo artigos científicos, foram selecionados, nas referidas bases de dados, os artigos publicados entre 2010 e 2015, disponíveis eletronicamente em texto completo nos idiomas português ou inglês. De acordo com os descritores, foram excluídos artigos fora do período delimitado, não disponíveis

em texto completo, os que se repetiram na combinação dos descritores selecionados e aqueles cujos assuntos não respondiam à questão norteadora ou não tinham relação com o objetivo da pesquisa.

Construiu-se, então, um instrumento e aplicado um protocolo de busca e identificação dos estudos encontrados de modo a possibilitar a leitura e a seleção dos artigos, conforme Quadro 3:

Quadro 3 - Protocolo de busca de estudos nas bases de dados, São Paulo 2015/2016

Período da Busca:
Descritor:
Descritor em inglês:
Base de dados:
Número de Referências Encontradas: 1) Ano (2010-2014) 2) Texto Completo 3) Idioma Português 4) Tipo de Documento 5) Assunto Principal
Número de Referências Incluídas
Número de Referências Selecionadas
Número de Referências Excluídas

3.2.3 Fase 3 – Análise dos artigos e documentos encontrados na pesquisa

A análise de cada estudo baseou-se na verificação do conteúdo para identificar se realmente estava adequado com a questão norteadora. Durante a leitura criteriosa de cada artigo, utilizou-se o aplicativo Excel como recurso na elaboração da planilha para organização de cada estudo incluído e padronização dos dados, conforme Quadro 4:

Quadro 4 - Seleção das Referências Seleccionadas.

Nº	Descritor	Ano de publicação	Título do artigo	Nome do Autor	Objetivo	Periódico
-----------	------------------	--------------------------	-------------------------	----------------------	-----------------	------------------

3.2.4 Fase 4 - Construção de uma proposta de estratégias educacionais para o desenvolvimento profissional de novas gerações de enfermeiros

A partir da revisão integrativa foram selecionadas estratégias educacionais direcionadas ao desenvolvimento profissional de enfermeiros, agrupadas em três categorias de acordo com a similaridade da transmissão de conhecimento e correlacionada às gerações, levando em consideração as características das mesmas.

4.1 Processo de Aprendizagem nas Organizações

Se você quer se planejar para um ano, plante milho.
Se quer se planejar para 10 anos, plante uma árvore.
Se quer se planejar para 100 anos, eduque a população
Provérbio Chinês

O conceito de aprendizagem remete à aquisição de algum conhecimento, habilidade ou atitude direcionada a algum tipo de desempenho (COELHO; ANDRADE, 2008). A discussão sobre a importância do aperfeiçoamento do conhecimento para a competitividade das instituições não é novidade, entretanto, compreender os processos de aprendizagem dos indivíduos, dos grupos de trabalho, nas organizações e entre organizações, ainda configura um processo relevante, inacabado e polêmico. (CHIUIZI, 2011).

Segundo Vygotsky, uma pessoa só consegue imitar aquilo que está no seu nível de desenvolvimento pela oportunidade de reconstrução daquilo que é observado no exterior como a criação de algo novo, internalizando um novo conhecimento. Em sua teoria histórico-cultural, define o ensino e aprendizagem como uma relação humana, ou seja, o indivíduo se beneficia da orientação de outro considerado mais capaz na solução de problemas. (AGUIAR; CASSIANI, 2007).

Para BASTOS; GONDIM; LOIOLA (2004), os benefícios da aprendizagem organizacional envolvem fatores como adaptação às mudanças, redução do estresse, melhoria em processos de decisão, eficiência no desempenho individual e organizacional, mitigação de eventos adversos, eficácia em ações estratégicas e mudança comportamental. No entanto, há controvérsias quanto às mudanças comportamentais. Alguns autores acreditam que, se tal mudança não for bem administrada e acompanhada pelos gestores, pode levar ao conservadorismo e processos sistemáticos, não permitindo, assim, expandir novos conhecimentos e culturas

As transformações frequentes e a instabilidade no mercado de trabalho impõem uma dinâmica nas organizações em que o processo de aprendizagem é voltado para a aplicação prática dos conhecimentos e competências adquiridas. A aprendizagem organizacional compõe-se de três subprocessos: criação, retenção e transferência do conhecimento. (LOIOLA; LEOPOLDINO, 2013).

A criação é evidenciada quando as organizações aprendem com suas experiências, sendo assim, um novo conhecimento é criado. A replicação do conhecimento, quando possível, é um fator de aumento de sua retenção. Já a transferência de conhecimento, é fator determinado do processo e continuidade, de modo a aprender através da experiência do outro (LOIOLA; LEOPOLDINO, 2013).

Embora, em modelos de gestão tradicionais, seja comum afirmar que a necessidade de aprimoramento de desempenho ou correção de falhas dentro das organizações sejam passíveis de serem resolvidas através de treinamentos, pode-se dizer que esta realidade está presente no modelo gerencial vigente de grandes empresas. Assim, qualquer deficiência visualizada em determinadas áreas é considerada como uma falta de habilidade, déficit no comportamento ou atitude, decorrentes de falta de treinamento. Tal processo necessita evoluir tanto quanto as organizações, considerando que o treinamento convencional não representa mais a “fórmula mágica” para a resolução dos problemas. (OLIVEIRA, 2010).

A velocidade das mudanças nas organizações e a complexidade das práticas e processos necessitam de estratégias mais efetivas e pontuais. Portanto, o que precisa ser mudado é a cultura de treinamento dentro das organizações, iniciando pelo investimento em capacitação e atualização de todos os profissionais de acordo com área de atuação e função a ser executada. (LASTRES et al., 2002).

Dessa forma, deve-se considerar que essa estratégia vai além da educação formal, para um processo de desenvolvimento e

capacitação. Considera-se que é muito mais eficaz construir o conhecimento voltado às práticas diárias, do que abordar assuntos distantes da realidade dentro da sala de aula. É preciso dirigir o tema ao público específico para o qual a mensagem destina-se, em vez de transmitir mensagens genéricas e esperar que cada indivíduo seja capaz de criar a relação com o seu cotidiano. (LASTRES et al., 2002).

Ao se falar em investimento em capacitação, não necessariamente se atribui a um treinamento fora do ambiente de trabalho e sim associado às suas práticas de trabalho, caso seja considerado o método de aprendizado do adulto, afinal, a andragogia é muito mais eficiente por ser uma aprendizagem ligada a conceitos de experiência, prática e interação com as pessoas.

O processo de aprendizagem para adultos foi alvo de interesse dos pesquisadores desde quando se entendeu a sua relevância para a competitividade das organizações, por intermédio da capacitação contínua dos empregados. Na década de 1940, modelos de contextualização do processo de aprendizado foram construídos, sem que, no entanto, constituíssem uma disciplina integrada. Com a ampliação dos estudos nas décadas de 1950, surge o termo andragogia, definido por Knowles como a "arte e a ciência de ajudar os adultos a aprender", estabelecendo o contraste com a pedagogia, que trata do ensino de crianças. (NOFFS; RODRIGUES, 2011).

Existem inúmeros conceitos voltados à andragogia, no entanto, concorda-se que consiste em um modelo caracterizado pelo seu foco no processo de aprendizagem, em vez da ênfase no conteúdo. O processo de aprendizagem se desenvolve seguindo uma ordem; sensibilização (motivação), pesquisa (estudo), discussão (esclarecimento), experimentação (prática), conclusão (convergência) e compartilhamento (sedimentação). (NOFFS; RODRIGUES, 2011).

Segundo Knowles (apud NOFFS; RODRIGUES, 2011), o modelo andragógico, não é uma ideologia, mas estabelece um modelo alternativo frente ao modelo pedagógico. É atribuída a esse modelo a importância da modificação de postura do professor para a do facilitador, conforme podemos observar no Quadro 5:

Quadro 5 - Processo de ensino aprendizagem segundo a perspectiva da Pedagogia e Andragogia.

Processo de ensino-aprendizagem	Pedagogia	Andragogia
Elaboração do plano de aprendizagem	Pelo professor	Pelo facilitador e aprendiz
Diagnóstico de necessidade	Pelo professor	Pelo facilitador e aprendiz
Estabelecimento de objetivos	Pelo professor	Negociação entre facilitador e aprendiz
Tipologias de plano de aprendizagem	Sequência lógica	Sequenciados de acordo com o processo de aprendizagem
Técnicas de aprendizagem	Técnicas transmissivas	Soluções educacionais ativas
Avaliação	Pelo professor com pontuação e notas	Pelo aprendiz, através de componentes de validação e facilitadores de aprendizagem

Fonte: **Adaptado** NOFFS, Neide de Aquino; RODRIGUES, Carla Maria Rezende, 2008.

O papel do facilitador, na andragogia, é verificar quais são os métodos convenientes a uma dada situação sem, contudo, jamais esquecer que “[...] ensinar não é somente transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Assim, essa “ponte” de transferência do conhecimento pode ser determinada como o movimento da aprendizagem e desempenho (GOECKS, 2005).

Educar e transmitir o conhecimento torna-se cada dia mais complexo. O futuro facilitador tem de dominar, além de habilidades cognitivas clássicas, também habilidades intrapessoais (abertura intelectual, ética no trabalho, autoconfiança, flexibilidade e diversidade) e interpessoal (trabalho em equipe, liderança, colaboração e resolução de conflito), estando cada vez mais presente o conceito de inovação, criatividade e ética. (YEAGER; WALTON, 2011; HOYLE; DAVISSON, 2011 apud MOTA, 2013).

Knowles (2009) salienta que a andragogia se baseia em algumas premissas que a diferenciada pedagogia. A saber, os adultos:

- 1) Necessitam de saber o motivo pelo qual devem realizar certas aprendizagens;
- 2) Aprendem melhor experimentalmente;
- 3) Concebem a aprendizagem como resolução de problemas;
- 4) Aprendem melhor quando o tópico possui valor imediato e motivador.

Somadas às transformações ocorridas no mercado de trabalho, as “características chave” apontadas como mais relevantes para processos de aprendizagem bem-sucedidos são a mobilidade, interatividade e flexibilidade no novo cenário educacional.

Considerando que o processo de aprendizado é uma problemática identificada há tempos, ainda hoje o impacto do processo de transferência é o elo mais frágil para que as iniciativas de desenvolvimento resultem em um melhor desempenho. O grande

desafio é reconhecer um processo que necessita de contínua evolução. As estratégias que funcionavam no passado não garantem mais resultados satisfatórios, sendo necessário aderir a outros meios de aprendizagem e desenvolvimento.

Baldwin e Ford (1988) consideravam que “[...] a transferência do aprendizado ocorre somente quando os participantes têm motivação, apoio da gestão e desejo suficiente para usar o conhecimento e as habilidades adquiridas no trabalho”.

Nesse sentido, Kirkpatrick (1994) afirma que

[...] precisamos avaliar a reação dos participantes de um programa da mesma maneira que analisamos a satisfação dos clientes. Para que o treinamento seja realmente efetivo, é importante que os participantes reajam favoravelmente”.

Sackett, Gruys e Ellingson (apud BATES, 2004) reconheceram que “o perfil do aprendiz, suas habilidades e motivação influenciam os resultados do treinamento” e Holton, Bates e Ruona (2000) reforçam que

[...] a transferência é afetada por interações complexas de um grande número de variáveis. Três conjuntos principais de fatores influenciam a probabilidade da transferência são: capacidade para usar, motivação para usar e ambiente de trabalho”.

Todas essas referências sustentam a hipótese de que, caso a tentativa de transmissão de conhecimentos e habilidades em uma organização não resulte na oportunidade de ser posta em prática, se os indivíduos envolvidos não estiverem suficientemente motivados e apoiados, este esforço terá sua eficácia reduzida.

A motivação é uma condição *sine qua non* para o processo de aprendizagem, uma vez que aprendizagem exige esforço, que por sua vez, exige motivação, no entanto, não podemos considerá-la o único elo nem um fator relevante do aprendiz para o processo eficaz. Deve-se considerar também a personalidade – a abertura para novas experiências, tendo em vista que a consciência e o comportamento afetam diretamente na aplicação e persistência em

aprender; habilidade cognitiva – a capacidade de realizar conexões com seu dia a dia e o impacto dos resultados obtido; utilidade percebida – influência pelo valor associado do conhecimento pelo treinamento oferecido; auto eficácia – percepção do aprendiz em relação a competência e a influência no processo de aprendizagem e a relevância no trabalho – interesse e expectativas superadas em termos pessoais e no desenvolvimento de sua carreira.

Além de todos os desafios citados anteriormente, segundo Oliveira (2010), há outro desafio para a aprendizagem – principalmente em organizações –, o de superar as deficiências da educação formal, uma vez que se faz necessário aproximar o conhecimento acadêmico da realidade do trabalho, de modo que a comunicação seja mais clarificada e entendida por todos. A partir disso, as novas metodologias associadas à tecnologia propiciarão um sucesso considerável.

4.1.1 Aprendizagem significativa

Estamos tão “mal” acostumados com a necessidade do aluno se adaptar ao conteúdo que não consideramos a possibilidade, ou melhor, a necessidade (de cada vez mais), o conteúdo se adaptar ao modo com que cada um aprende melhor.

Até o século XIX a transmissão do conhecimento ocorria em pequenos grupos heterogêneos e de uma maneira artesanal. Após as duas Revoluções Industriais, as pessoas passaram a se organizar em grandes grupos, que exerciam as mesmas tarefas ao longo período de trabalho. Assim, essa diretriz foi transferida para as escolas, que, para atender a uma grande demanda por força de trabalho, separaram os alunos por idade e em grupos maiores para receber uma formação padronizada. (UNESCO, 2006).

Ocorre que o mundo passou por outra mudança drástica com a evolução da tecnologia. A economia e o mercado de trabalho têm agora outra dinâmica: as equipes passaram a ser menores e

interdisciplinares; usam ferramentas digitais avançadas, trabalham com problemas complexos, executam tarefas variadas, etc. No entanto, a educação não acompanhou essa mudança e permanece em sua versão pós Era Industrial, desconectada do mercado de trabalho e, principalmente, da realidade dos alunos. (PELIZZARI et al., 2002).

Atualmente, no processo de aprendizagem, raramente se fala em estímulo, reforço positivo, objetivos operacionais e instrução, pois o enfoque deve estar centrado na aprendizagem significativa, na mudança conceitual e no construtivismo.

Processos construtivistas permitem a promoção de mudanças conceituais, facilitando a aprendizagem significativa, inserindo os alunos no centro do processo de aprendizagem, tendo os conhecimentos e as necessidades reconhecidos e respeitados, de maneira que encontrem sentido para aquilo que aprendem. (PELIZZARI et al., 2002).

Dessa maneira, há a necessidade de um ensino que faça sentido na seguinte condição: o conteúdo deve ser potencialmente revelador e o estudante precisa estar disposto a relacionar o material de maneira consistente e não programada. Ausubel propõe que os conhecimentos prévios dos alunos sejam valorizados para que possam construir estruturas mentais utilizando, como meio, mapas conceituais que permitem descobrir e redescobrir outros conhecimentos, caracterizando, assim, uma aprendizagem prazerosa e eficaz. (PELIZZARI et al., 2002).

A aprendizagem significativa como um conceito subjacente a subsunções, esquemas de assimilação, internalização de instrumentos e signos, construtos pessoais e modelos mentais, significados compartilhados e integração construtiva de pensamentos, sentimentos e ações. (MOREIRA, 1993 p.1)

Para autores que defendem o ponto de vista vygotskyano, faz muito sentido falar em aprendizagem significativa, uma vez que ela depende de interação social, de intercâmbio, troca, de significados

via interação social. Por outro lado, não se deve pensar que a facilitação da aprendizagem significativa se reduz a isso.

A aprendizagem significativa, por definição, envolve aquisição e construção de significados (representado por relação de causa e efeito – por exemplo, goteira significa água porque é causada por água). Para Vygostky, quanto mais o aluno se utiliza de significados, mais fundamentos ele é capaz de executar.

O aluno se apropria (reconstrói internamente) desses significados e conexões pela interação social que estabelece, afinal, assim como defendido por Ausebel, em 1968, toda aquisição de conhecimento depende da aprendizagem verbal, e a aprendizagem ocorre a partir de experiências prévias. (LOPES, 2012).

Para a enfermagem, aprender a aprender é um conceito extremamente relevante, uma vez que a atuação do profissional depende do conhecimento e de sua aplicação, considerando que a vida cotidiana da era do conhecimento é repleta de obstáculos e que o aluno se depara constantemente com tarefas a serem realizadas.

Na formação do enfermeiro, a utilização da estratégia de solução de problemas (baseado em aprendizagem significativa) propicia o desenvolvimento de estruturas cognitivas que serão a base para a apreensão do conhecimento, promoção da ancoragem de ideias e conceitos, para que o aluno possa aplicar em sua vida profissional. (LOPES, 2012).

Nesse contexto, a educação tornou-se um cenário profícuo para o desenvolvimento de novas práticas no processo de ensino-aprendizagem, no uso da tecnologia como ferramenta de ensino e, principalmente, na alteração da função ocupada pelo binômio professor – aluno. (CASTELLS, 2005).

Em suma, considera-se que a sociedade é que dá forma às tecnologias de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que as utilizam. Assim, a tecnologia é condição necessária, mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão

de redes em todos os aspectos da atividade na base das redes de comunicação digital (GOMES et al., 2008).

4.1.2 Processo de aprendizagem e a inserção da tecnologia

O advento da era tecnológica favoreceu o surgimento de novas metodologias nas quais a velocidade, a acessibilidade e a interatividade colocam a informação “ao alcance das mãos”. Dessa forma, o desenvolvimento tecnológico e sua aplicação nas diferentes formas de aprendizado organizacional é altamente desejado e torna-se mais comum em nosso ambiente de aprendizagem. (BASTABLE, 2010).

Tais avanços tecnológicos foram adotados no processo de aprendizagem desde a década de 1950, quando o computador passou a ser um apoiador no processo de instrução de aprendizagem, perpassando pelos vídeos interativos, *e-learning*, *internet* e, por fim, as mídias sociais e aparelhos portáteis que podemos considerar proeminentes e eficientes nos dias de hoje. Nossos celulares são 100 vezes menores do que o computador de 1965. Em outras palavras, o que cabia em diversas prateleiras de bibliotecas, hoje cabe no bolso com acessibilidade a um clique. (BASTABLE, 2010).

Dessa maneira, é possível questionar-se: Quem poderia imaginar, há 30 anos, a revolução que as tecnologias causariam no mundo? Essa interferência da tecnologia em nosso dia a dia afeta desde o momento do nosso acordar até a hora de irmos nos deitar novamente. A interferência ocorre a cada segundo; no soar do alarme, no café instantâneo, no acionamento do melhor trajeto para ir ao trabalho, por avisos simultâneos de mensagens de voz (*WhatsApp*), e-mails e outras formas de interação mediada por tecnologia. É raro passarmos o dia sem efetuar uma ação que não sofra tal interferência. Viver no mundo *off-line* é raro nos dias de hoje, assim, para a nova geração, não poderia ser diferente com o processo de aprendizagem. Passam a aprender de forma multimídia

e a buscar conhecimento instantaneamente a um clique, pela internet. (UNESCO, 2006).

Cria-se a sensação que se aprende cada vez menos, pela exigência de uma aprendizagem com conteúdo cada vez mais complexo e imediato para a conquista de melhores resultados para o negócio e a aplicação do conhecimento no processo de trabalho.

A tríade do sucesso no processo de aprendizagem no século XXI é “informação-conhecimento-tecnologia”. Tarapanoff (2005) afirma que construir uma sociedade na qual todos possam criar, acessar, utilizar e compartilhar informação e conhecimento é o desafio e a mais forte tendência dos próximos segundos.

Se bem utilizada, a tecnologia poupa tempo e permite direcionar ao que é essencial ao processo de aprendizagem. A internet facilitou os processos de busca, e associação de palavras, permitindo chegar ao resultado da pesquisa em menos de um minuto (TARAPANOFF, 2005)

Nas próximas décadas do século XXI, fará cada vez menos sentido um professor entrar em sala de aula utilizando o recurso apenas da lousa, considerando que os conteúdos poderiam estar disponíveis no *tablet*. A inserção da tecnologia no processo de aprendizagem faz com que o papel do professor/facilitador seja o de discutir com a sala, realizar estudos de caso, permitindo um raciocínio perante o exposto, transformando o potencial do processo de educação. (UNESCO, 2006). A capacidade de prestar atenção ao conteúdo que está sendo explicado de forma oral é diferente, permitindo ao aprendiz procurar válvulas de escape. Isso é fruto do processo de tecnologia que nos permite acesso a diversas “janelas” ao mesmo tempo, com acesso ao maior número de conteúdos em menor prazo.

Na segunda edição do Encontro Internacional Educação 360, realizada no Brasil, o sociólogo Zygmunt Bauman, trouxe a reflexão de que não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela. Deve-se contrabalancear

o impacto negativo, como a crise da atenção, da persistência e de paciência. É preciso trabalhar a capacidade de se manter focado; não há como voltar à situação em que o professor é o único conhecedor, a única fonte, o único guia.

Bauman (2004) afirma que os indivíduos estão cada vez mais tecnológicos, em outras palavras, “aparelhados” com celulares, *tablets*, *notebooks*, *iPod*, entre outros dispositivos, tudo para tentar mitigar o antigo medo da solidão. O contato via rede social trouxe a ausência de comprometimento com a sociedade, com o próximo, com o processo de trabalho e, principalmente, com o processo de aprendizagem.

Toda essa interferência, no processo de aprendizagem, proporcionou uma reforma educacional significativa, que tem por objetivo garantir o processo eficiente e integrado com a tecnologia. Autores afirmam que a inserção da tecnologia na educação possibilita integrar recursos e linguagens disponíveis, aumentando a perspectiva de aprendizado uma vez que se trata de uma geração digital. (COSTA, 2011).

Vygotsky considerava que o processo ajuda a estabelecer quais estratégias devem ser utilizadas e quais devem ser construídas, permitindo, também, ao indivíduo buscar outros sujeitos mais experientes para aprender por meio da imitação (experiência compartilhada). Portanto, a comunicação presente no processo de aprendizado, mediado pela informática, propicia interação de conteúdos e interação interpessoal em ambiente que combina tecnologias e meios, colocando o aprendiz no controle do processo de aprendizagem, uma vez que o conhecimento compartilhado é muito mais produtivo. (AGUIAR; CASSIANI, 2007).

Seguindo ainda a teoria de Vygotsky, demais autores afirmam que a era da tecnologia permite que os aprendizes sejam protagonistas da aprendizagem buscando construir o seu próprio conhecimento. Enquanto isso, os professores são os mediadores desse processo, orientando o aprendiz a aprender por si só, uma

vez que a tecnologia propicia o conhecimento compartilhado e a busca de novas respostas. (PERES; MEIRA; LEITE, 2007).

O que dizer dessa junção do processo de aprendizagem e tecnologia? Sem dúvida, ela possibilita agregar uma abordagem que estimula hábitos independentes; dessa maneira, a almejada troca professor-aprendiz, até então não aplicada, na educação tradicional, torna-se mais viável no mundo digital, pela facilidade de proximidade com o professor. No entanto, ainda não existe fórmula mágica para tornar o aprendiz um elemento ativo, da mesma forma que anteriormente. Ainda há a necessidade do aprendiz apresentar proatividade, a responsabilidade pela aquisição do conhecimento e a autonomia.

4.1.3 Aprendizagem 70:20:10

No início do século XX, surgiu a necessidade de treinar ferreiros para o desenvolvimento da linha de montagem de produção industrial, por exemplo, a automobilística de Henry Ford. Com o passar do tempo e o advento da tecnologia, como vimos anteriormente, essa necessidade desapareceu quase do dia para a noite, assim como atualmente a aprendizagem formal vem criando um novo conceito e dando forças à criação de novos paradigmas.

Tais paradigmas nos deixam atentos a treinarmos profissionais com a finalidade de atender às necessidades do negócio da estratégia da empresa. Em um mundo dinâmico, em que o conhecimento explode e é perene, a chave do sucesso é buscar o conhecimento no momento em que a informação é necessária (JENNINGS; WARGNIER, 2014).

Os autores afirmam que as organizações têm que oferecer as oportunidades para o desenvolvimento e todo o processo de capacitação tem que estar ligado às ações que o profissional desenvolve em seu ambiente de trabalho. A perspectiva de que a aprendizagem só deve acontecer se o gestor evidenciar a necessidade, bem como a área de treinamento ou recursos

humanos, a capacitação deve ocorrer independentemente de tempo e espaço e, sobretudo, quando for necessária. (JENNINGS; WARGNIER, 2014).

Jennings e Wargnier (2014), consideram que o aprendizado por si só é insuficiente para produzir uma mudança efetiva de conceitos e processos. A aprendizagem leva tempo e paciência para aumento de eficiência, bem como necessita da combinação de elementos formais e informais. Para isso, propõe o modelo de aprendizagem “70:20:10”, cuja origem são as pesquisas de caráter empírico, em que o principal foco é o processo de aquisição de competências profissionais por adultos que ocorre de maneira muito mais significativa no contexto de trabalho (dia a dia) do que em salas de aula, seguindo as considerações:

70% (experimentar, praticar e praticar novamente) - é o nível de aprendizagem do dia a dia, através de experiências, tarefas e resolução de problemas. Este é o aspecto mais importante do plano de aprendizagem, considerando o processo de andragogia – o adulto precisa estar motivado e ver a sua necessidade nesse processo.

20% (interação com outros | aprendizagem social) - aprendemos quando participamos de *coaching* ou *Feedback* de pessoas que convivem em nosso cotidiano incluindo sessões de observação ou estágio, na qual a atividade é observar o padrão de trabalho de pessoas que executam o processo com qualidade.

10% - aprendemos por meio de treinamento formal, independentemente de metodologia.

Com esse novo modelo, algumas abordagens andragógicas, junto à organização, são necessárias para estruturar um contexto profissional, social e formação estruturados, conforme a proposta de JENNINGS e WARGNIER (2014), apresentadas a seguir:

70%: Aprendizagem em contexto profissional

- Plano de desenvolvimento pessoal
- Missão relacionada com desenvolvimento pessoal
- Resolução de problemas relativos à função
- Aumento de responsabilidades
- Integração de um novo colaborador
- Trabalho de pesquisa
- Formalização de boas práticas
- Gestão de um projeto
- Participação de reuniões com especialistas internos e/ou consultores

20%: Aprendizagem social

- *Briefing* e acompanhamento da formação pelo gestor
- Avaliação informal por parte do gestor
- Trabalho em equipe
- Realização do trabalho com um *coach* e/ou facilitador
- *Feedback 360º*
- *Coaching*
- Aprendizagem com base em resolução de problemas
- Participação de grupo de discussão, entre outros.

10%: Formação estruturada

- Seminários, cursos...
- *E-Learning*
- Qualificação profissional
- Certificação técnica
- Formação acadêmica
- Leituras

Anteriormente, foram apresentados os conceitos de aprendizagem formal que conduzem à seguinte questão: Qual é a relação entre a aprendizagem formal e informal?

O modelo de aprendizagem 70:20:10 ilustra muito bem a distinção existente entre aprendizagem formal e informal, mesmo que essas estejam sujeitas a diferentes interpretações.

Se associarmos essa questão de aprendizagem ao nosso cotidiano, aprender a pular corda é um tipo de aprendizagem informal que consiste em prática e experiência, mas podem existir conceitos mais formais se traduzidos a melhores técnicas em pular corda, uso da corda em cenários de circo, entre outros. (JENNINGS; WARGNIER, 2014).

Por outro lado, existe a aprendizagem essencialmente formal e teórica, por exemplo, trigonometria, mas que também não exclui a importância de realizar exercícios práticos para domínio do assunto.

Definitivamente não há uma proporção exata em aprendizagem formal e informal. É necessário definir caso a caso, em função da cultura da organização, público alvo, estratégias, necessidades. Tal processo vai além de uma receita de bolo, pois apresenta diferentes abordagens com a finalidade de aperfeiçoar o desempenho dos profissionais frente aos processos de treinamento.

A tendência é que o processo educacional de aprendizagem esteja altamente conectado à tecnologia. A mudança de conceito também provocará uma evolução neste modelo de aprendizagem, aumentando significativamente a parte relacionada ao aprendizado informal, que condiz com a relação informal, uma vez que temos mais dispositivos de informação relacionados e um alcance maior do uso deste conteúdo. (JENNINGS; WARGNIER, 2014).

Tudo isso permite reforçar o conceito de que o aprendizado não deve ser isolado e ele inicia quando o processo formal de treinamento se finaliza, sendo necessários a criação de conceitos e novos métodos para assegurar a transferência do aprendizado, como veremos a seguir.

4.2 Gestão do Conhecimento

*Aprender não é coisa de escola, é coisa da vida.
Tem a ver com curiosidade, desejo, vontade e
necessidade.
Affero Lab*

A necessidade de adquirir e gerenciar o conhecimento humano e a aprendizagem interativa contínua é primordial para manter um diferencial competitivo, respondendo a essas mudanças percebidas ou exigidas do mercado atual (BUKOWITZ; WILLIAMS, 2002). Assim, o conhecimento aplicado e as inovações tecnológicas passam a ser consideradas como um diferencial competitivo das organizações que pretendem ter longevidade e sucesso. Esse diferencial pode ser adquirido por intermédio do processo de criação, disseminação e compartilhamento do conhecimento que estejam alinhados à gestão estratégica do conhecimento, que, dentro da organização, não é criado nem desenvolvido sozinho, mas envolve a criação do conhecimento individual, que se amplia em comunidades de interação que transpassam seções, departamentos, divisões e organizações.

A Era do Conhecimento constitui-se num conjunto de mudanças e avanços tecnológicos, que está originando um cenário para um novo ambiente, dentro e fora das organizações, no qual os indivíduos terão à sua disposição mais informação do que em qualquer outra época da humanidade. Os serviços constituirão a atividade econômica principal, assim como as competências exigidas serão diferentes, conforme podemos verificar no Quadro 6.

Quadro 6 - As competências necessárias para liderar na Era do Conhecimento.

	Século 20	Século 21
Motivação	Eu influencio você	Nós nos influenciamos
Crenças	As pessoas precisam de mim	Nós precisamos uns dos outros
	Preciso das respostas	Nós não precisamos saber todas as respostas
	Indivíduos são responsáveis	O grupo é confiável
	Devo criar certeza sobre o rumo das ações	O grupo deve aprender a ser flexível e lidar com contradições
	Preciso decidir o que é certo e sempre ser justo e consciente	O grupo deve decidir o que é adequado
	Informação é poder. Devo usá-la estrategicamente	Informação é poder. Divulgue-a amplamente
Ações	Proporcionar visão	Co-criar e compartilhar propósito
	Liderar os outros com habilidade	Buscar reciprocidade
	Fazer <i>coaching</i> e animar os outros	Estimular questionamento e diálogo
	Tomar decisões	Compartilhar decisões com os outros

Fonte: InterActive Leadership, Burnham Rosen Group, 2010.

Bukowitz e Williams (2002) definem gestão do conhecimento como o processo pelo qual a organização gera riqueza, a partir do seu conhecimento ou capital intelectual. A gestão do conhecimento é um campo em rápida evolução. Podemos considerar que é um processo sistemático, articulado e intencional, apoiado na geração, codificação, disseminação e apropriação de conhecimentos, com o propósito de atingir a excelência organizacional.

O *conhecimento* deriva da informação da mesma forma que a informação deriva de dados. Para que a informação se torne conhecimento, as pessoas precisam fazer, de certa forma, todo o trabalho. O conhecimento é entregue por meio de metodologia estruturada, tais como livros e documentos, e de contatos *face to face* desde conversas informais até relações de transferência de aprendizado. Uma das razões pela qual se considera o conhecimento valioso é quando ele está próximo da ação e de ser praticado, mais do que os dados e as informações. (DAVENPORT; PRUSAK, 2003).

O conhecimento pode ser apresentado em duas dimensões distintas referentes à forma do conhecimento organizacional: o conhecimento explícito e o tácito. O conhecimento *explícito* é aquele que pode ser codificado em algo formal, estruturado e sistemático, sendo facilmente comunicado, compartilhado e acessível a outras pessoas. O conhecimento *tácito*, altamente pessoal e difícil de formalizar, é baseado nas ações e experiências de um indivíduo. Assim, o conhecimento tácito é aquele não está escrito, como as habilidades, percepções, *insights*, palpites, intuições e visão de mundo enraizada nas ações e nas experiências dos indivíduos; e o conhecimento explícito é aquele registrado, expresso em palavras ou números, são componentes objetivos, disponíveis para todas as pessoas, podendo ser facilmente comunicado e compartilhado sob a forma de dados brutos como: fórmulas científicas, procedimentos codificados ou princípios universais. (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

A dimensão tácita e explícita do conhecimento é um dos tópicos mais discutidos dentro do campo de gerenciamento do conhecimento. Nonaka e Takeuchi (1997) propuseram uma nova abordagem baseada em estudos do passado que se tornou referência para outros estudos relevante ao conhecimento no contexto organizacional.

A interação contínua desses dois tipos de conhecimento entre colaboradores provoca sua elucidação e ampliação, criando o ambiente que caracteriza uma organização inteligente.

Para Chiavenato (2005), o conhecimento tácito representa o conhecimento do que sabemos, mas que não pode ser verbalizado ou escrito em palavras. É o conhecimento mais coerente dentro da organização e está relacionado à cultura organizacional. Além disso, sua transferência é pouco eficiente, já o conhecimento explícito representa geralmente a acumulação de políticas, procedimentos e processos de negócio que formam a base das operações da organização.

Aplicar gestão do conhecimento é formar um ciclo de troca constante de saberes entre todos os envolvidos, tornando a empresa mais eficiente e forte diante da concorrência, utilizando-se de diversas estratégias para promover essas trocas. (CHIAVENATO, 2005).

Autores como Chiavenato (2005) e Nonaka e Takeuchi (1997) traduzem as diversas vantagens competitivas, dentro das organizações para a implementação da Gestão do Conhecimento. No cenário atual, são elas:

- Vantagem competitiva em relação à concorrência;
- Redução dos custos e tempo de produção no desenvolvimento de produtos;
- Rápida comercialização de novos produtos;
- Maximização do capital intelectual/ativos intelectuais;
- Melhoria dos processos internos e maior fluidez nas operações;

- Processos de tomada de decisões mais eficientes e melhores resultados;
- Melhoria na coordenação de esforços entre unidades de negócios;
- Melhoria da prestação de serviços (agilidade), da qualidade dos produtos e da qualidade do serviço cliente.

Quando se refere às bases da Gestão do Conhecimento, nota-se que este é o primeiro desafio das empresas por se tratar de mapear processos, criando estratégias para minimizar e maximizar os ganhos, considerando o crescimento atual das organizações. Considera-se importante atrelar os desafios da empresa com as propostas atuais para a mensuração dos resultados. Todo esse processo precisa ser avaliado naquilo que gera, ou seja, no intangível para que metas sejam redirecionadas e ganhos maximizados. (NONAKA; TAKEUCHI, 1997).

Considera-se que o capital humano está vinculado ao conhecimento das pessoas e aos resultados advindos desse conhecimento; capaz de gerar o capital estrutural e as metas organizacionais. Por esse motivo, torna-se relevante estruturar o processo. (TERRA, 2001).

O compartilhamento do conhecimento significa investir de maneira equilibrada em processos de criação e armazenamento de conhecimento, assim como na sua partilha e distribuição. (CHOO, 2003). É importante frisar que o conhecimento que não é compartilhado, como transferência no processo de aprendizagem, fica consumido e pode ser facilmente esquecido. (TERRA, 2001).

Segundo Nonaka e Takeuchi (1997), outra preocupação presente no compartilhamento de conhecimentos é a criação de ambientes que estimulem a criatividade, com o favorecimento de momentos em grupo para trocar conhecimentos, sejam eles tácitos de forma articulada, intencional, sistematizada e inventiva, colocando em prática a conhecida espiral do conhecimento.

Muitos são os motivos para se investir em conhecimento. Conforme mencionado por Terra (2001), investir em conhecimentos pode trazer retornos exponenciais e não deve ser encarado como um gasto sem retorno e sim como combustível para transformação do ambiente organizacional estabelecendo um ambiente de sinergia.

A realidade do conhecimento aplicado ocorre de forma particular nas instituições de saúde e hospitalares. De acordo com Bukowitz e Willians (2002), os usuários do sistema de saúde estão cada vez mais cientes de seus direitos e requerem dos profissionais melhores condições e aumento na qualidade da assistência prestada, com técnicas e ferramentas adequadas e constantemente revisadas.

As instituições de saúde assumem diretrizes com base na experiência de grandes empresas e instituições industriais, isto é, a qualidade do serviço prestado como um diferencial competitivo. Dentre as estratégias adotadas, está a aplicação dos conceitos de aprendizagem, conhecimento e competência também nas instituições de saúde, utilizando as novas formas e estratégias de ensino disponíveis. (BORBA, NETO 2008).

A intensificação do valor do conhecimento humano e da aprendizagem contínua é favorável para as organizações de modo a adquirir e manter um diferencial competitivo na era da informação. Investir em pessoas e utilizar a inteligência plena dos colaboradores com a finalidade de melhorar a qualidade, eficiência, eficácia e ampliar a competitividade, favorecendo as metas e resultados do planejamento estratégico (BORBA, NETO 2008).

Consequentemente, empresas que adotam este modelo de gestão do conhecimento, adquirem um diferencial estratégico para o desenvolvimento e consolidação de processos. Validar a Gestão do Conhecimento no contexto organizacional, significa valorizar a grande bagagem de conhecimento existente em cada indivíduo transformando o conhecimento individual tácito em conhecimento organizacional explícito. (BORBA; NETO, 2008).

Cabe, então, a cada organização, o papel de estar sempre formando estratégias de adaptação e inovação para garantir, assim, sua sobrevivência durante muitos anos.

Atualmente, as organizações exigem cada vez mais que os profissionais sejam capazes de gerenciar sua própria aprendizagem – o que se denomina “aprendizagem *flex*”. Dessa forma, isso só vem reforçar a tese que cada vez mais profissionais de diferentes gerações estarão presentes em sala de aula e em ambiente de trabalho, buscando ferramentas customizadas que proporcionem um ambiente de aprendizagem diferenciado para cada protagonista atuante.

Senge (1998), relata que “aprender a aprender”, trata de cinco disciplinas “Educativas Orientadoras da Aprendizagem Organizacional”, e que propõe desenvolver profissionais em dimensões intelectuais, emocionais e espirituais. Com esta aplicação, o autor sugere práticas disciplinares como: domínio pessoal, modelos mentais, objetivo comum, aprendizado em grupo e raciocínio sistêmico.

O domínio pessoal é considerado como a forma para o profissional descobrir e explicitar seus valores, desejos, elementos fundamentais e significativos de projeto pessoal. Havendo interesse da organização frente a seus princípios, há um alinhamento de interesses de negócio e de ordem pessoal; os modelos mentais são maneiras de mapear ideias profundas enraizadas da forma como o mundo o percebe; o objetivo comum, ou visão compartilhada trata da capacidade da organização conseguir o comprometimento de todos os profissionais em nome de seus objetivos próprios; a aprendizagem em grupo trata da prática do diálogo que contribui para aperfeiçoar os padrões de interação que promovem ou não a atividade em grupo, possibilitando ou não o crescimento e a criatividade da empresa; o raciocínio sistêmico integra todos os quesitos. (SENGE, 1998).

A representação essencial das organizações de aprendizagem é o crescimento contínuo do profissional e do capital, de modo a alterar a percepção do mundo e interferir na subjetividade do profissional, desenvolvendo e garantindo o futuro da organização e do profissional. (SENGE, 1998). Seguindo a mesma linha do raciocínio anterior, na qual consideramos a importância do aprendiz ser capaz de lidar com a gestão de seu aprendizado, faz-se necessário ajudá-lo a aprender a aprender. Assim, deve-se considerar o treinando como elemento ativo no processo de aprendizagem paralelo de forma intencional e eficaz aos objetivos estratégicos das organizações. (BRITO, 2005).

Portanto, a autonomia para direcionar o próprio estudo assume um papel importante na aquisição do conhecimento. No processo de auto direção à troca de conhecimentos professor-aprendiz tão valorizado na pedagogia, porém deficitária na prática da educação tradicional, transforma-se e torna-se viável por meio das novas tecnologias digitais, uma vez que são oferecidas cada dia mais ferramentas de suporte e interação como sistemas de ajuda *on-line*, base de dados, entre outros, com consultas rápidas, interatividade e de fácil entendimento.

De acordo com Deiser (2011), podemos dizer que, atualmente, a palavra da moda é convergência, na qual há uma redefinição do modelo de aprendizado, exigindo o alinhamento da estratégia e da aprendizagem, o que não pode ser considerado algo fácil, principalmente se considerarmos o envolvimento de diversos profissionais com experiências diferenciadas.

A aprendizagem precisa promover a habilidade de desafiar um modelo contínuo, alinhado às estratégias de negócio de cada empresa. Dessa forma, esta nova visão redefine de forma radical, o antigo significado de aprendizagem como um modelo meramente educacional, tornando-se um modelo organizacional e estratégico fundamental para promover mudança e inovação. (DEISER, 2011).

Contudo, é possível considerar que o processo de aprendizagem e sua implementação estão se transformando em uma competência organizacional chave capaz de promover mudanças significativas e necessárias para a sobrevivência e crescimento das organizações. A aprendizagem muda seu enfoque na transferência unidirecional do conhecimento “professor- aprendiz” e transforma-se em um processo de co-construção do conhecimento, permitindo clarificar o senso comum de que “duas cabeças pensam mais que uma”. Afinal, o sucesso ainda se baseia na forma com que as mudanças são expostas e implementadas na organização, e nos leva a refletir: “O que será possível com centenas de milhares de cabeças juntas? ”

4.2.1 Transformando a educação em resultados para o negócio: novos desafios

Considerando os tópicos descritos, o processo de aprendizagem precisa estar determinado com os resultados do negócio. Nem sempre uma esplêndida experiência de aprendizado é suficiente, assim, é possível fazer uma analogia com a teoria do *big bang* muitos profissionais ainda acreditam que se criarem um evento que seja convincente o suficiente para transmitir energia e impulso, os participantes receberão energia e impulso para realizarem o difícil trabalho de transformar aprendizado em resultados, sem ferramentas suficientes. (POLLOCK; WICK; JEFFERSON, 2011).

No entanto, a realidade é totalmente desconectada com esse conceito. O profissional do século XXI sente cada vez menos vontade e até mesmo necessidade de deixar seu lugar de trabalho para aprender, dessa maneira a exigência dos profissionais é que o contexto profissional e educacional torne-se um só, e o principal espaço de desenvolvimento atinja resultados eficazes.

Inúmeros processos e tecnologias avançaram desde então, assim, novas tendências e desafios foram implementados visando, principalmente, a superar o dilema “qualidade versus quantidade”. O

que permanece semelhante é a maneira como os profissionais precisam adequar as equipes às exigências estratégicas da empresa. (JENNINGS; WARGNIER, 2014).

Os profissionais focados em treinamento e desenvolvimento buscam soluções que visam a esse novo desafio e posicionamento. Veremos, a seguir, a proposta metodológica das Seis Disciplinas que permitem a difusão do conhecimento e, principalmente, as trocas necessárias para a aplicação prática.

4.2.1.1 As seis disciplinas – 6D's

Não existe “fórmula mágica” – ninguém transforma o aprendizado corporativo no supracumulado da estratégia institucional. Todavia, o treinamento que é oferecido tem que contribuir visível e substancialmente para a concretização das mesmas, e foi nesse contexto a proposição de Pollock, Wick e Jefferson (2011), da importância estratégica e da contribuição do treinamento e seu impacto verdadeiro frente as organizações.

As instituições precisam entender a necessidade da conversão do processo de aprendizagem e sua ruptura, considerando que nem tudo deve ser categorizado como “treinamento”. Em alguns casos, o processo de aprendizagem se dá pelos processos e rotinas executados no dia a dia do trabalho.

Para que isso aconteça de forma efetiva, as seis disciplinas abrangem o processo completo de conversão da aprendizagem em melhoria de desempenho, desde as comunicações que precedem às ações de treinamento, até o impacto resultante do ambiente de transferência da aprendizagem, assim como mencionado no Quadro 7. Existe, então, uma oportunidade para que as organizações proporcionem e explorem uma experiência completa de aprendizado, que irá potencializar os resultados desejados do negócio (POLLOCK; WICK; JEFFERSON, 2011).

Quadro 7 - Objetivos da aprendizagem x Resultados de negócio.

Objetivos de aprendizagem	Resultados esperados para o negócio
Ser capaz de descrever os estilos de liderança e estágios de desenvolvimento no modelo de liderança situacional, combinando o estilo apropriado a cada estágio.	Aumentar a produtividade do seu time e a efetividade da sua gestão ao utilizar corretamente o modelo de liderança situacional
Demonstrar como dar um <i>Feedback</i> efetivo a um colaborador direto	Aumentar o comprometimento do colaborador ao dar <i>Feedbacks</i> mais frequentes e efetivos
Mostrar como se reorganizar para superar as objeções de clientes	Aumentar as vendas descobrindo e solucionando as objeções de clientes

Fonte: Adaptado. Knowles MS, Holton III EF, Swanson RA. Aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa. Rio de Janeiro: Elsevier; 2009.

As experiências de aprendizagem precisam de uma abordagem multidisciplinar que inclui a integração de materiais, sistemas e pessoas, propiciando um ambiente fiel para a transferência do aprendizado, uma vez que todas as ações precisam ser vistas como parte integrante do processo e não um evento isolado.

De acordo com Pollock, Wick e Jefferson (2011), a transferência depende do estabelecimento e incentivo a uma cultura de aprendizagem dentro das organizações, para que assim possa obter a implementação das seis disciplinas.

D1 – Definir os resultados para o negócio

É considerada a mais crítica – pode claramente determinar os resultados para o negócio desejado, a partir de cada iniciativa de aprendizagem. Trata-se de obter a melhoria de resultado e desempenho com o processo de aprendizagem atuante.

Nota-se que há uma linha tênue que deve ser trabalhada, ou seja, enquanto as metas do aprendizado explicam o que os participantes saberão ou serão capazes de fazer, os resultados empresariais especificam o que eles irão fazer no trabalho, e os benefícios para os negócios, como afirma Campbell: “Se você não sabe para onde está indo, provavelmente irá acabar em outro lugar” (CAMPBELL, 1974).

Conseqüentemente, o cenário da construção do aprendizado inicia com o objetivo final em mente, faz-se necessário compreender e estimar o resultado que a empresa está tentando atingir, em vez de focar apenas nas necessidades dos aprendizes. Portanto, o benefício alcançado é o de entender a cadeia de valor do aprendizado, de mapear o impacto esperado, escolher os problemas corretos e gerenciar as expectativas. (POLLOCK; WICK; JEFFERSON, 2011).

D2 – Desenhar uma experiência completa

Existe uma crença difundida em muitas organizações que o processo de aprendizagem é composto por: Curso – “então um milagre acontece” – resultados.

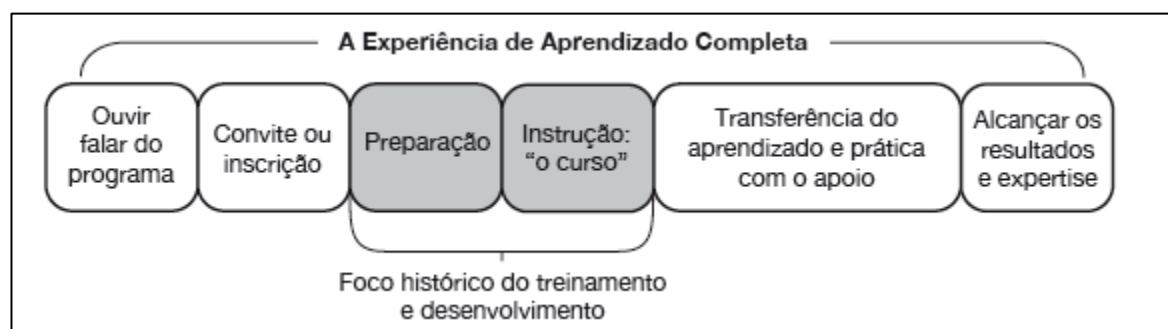
No entanto, para atender a todas as fases de aprendizagem (preparar, aprender, transferir e atingir resultados) é fundamental que seja desenvolvido um elo entre o aprendiz e o conteúdo, de maneira que a experiência do aprendizado comece antes da ação/atividade propriamente dita. Esse contato deve continuar ao longo do tempo, até que seja possível observar mudança no

comportamento, a assimilação e aplicação de um conteúdo e os resultados mensurados. (SAKS; BELCOURT, 2006).

É importante sinalizar que o aprendizado não ocorre no vácuo; o que cada pessoa leva consigo de uma dada experiência, é moldado por diversos fatores que comprometem o processo final: resultados. (BALDWIN; FORD, 1998).

Nota-se na figura2 abaixo, que o trabalho dos participantes não está completo quando eles chegam ao final de uma atividade, mas sim quando a entrega é documentada de resultados empresariais. Essa deve ser a nova linha de chegada.

Figura 2 - A experiência de aprendizado completa



Fonte: Pollock, R; Wick, C.W; Jefferson, A. 6D's: As seis disciplinas que transformam educação em resultados para o negócio. Évora, 2011).

Melhorar o ambiente de transferência e fornecer um apoio pós-instrucional para o desempenho do participante são oportunidades particularmente ricas para se obter o progresso e o aprimoramento dos integrantes de um determinado grupo. (PHILLIPS; PHILLIPS, 2002).

D3 – Direcionar a aplicação

Para que o aprendiz faça algo diferente do que aprendeu, é preciso fazer com que ele entenda o contexto no qual está

aprendendo. A terceira disciplina “D3” rege o princípio de que o aprendizado cria valor somente quando é aplicado. Portanto, tornar a aprendizagem relevante para as suas necessidades é garantir que ele tenha a oportunidade para praticar e receber *Feedback*, ou seja, interferir de modo que os participantes façam de forma diferente e melhor – e, então, selecionar estratégias para ajudá-los a fazer uma ponte entre “aprender e o fazer”. (POLLOCK; WICK; JEFFERSON, 2011).

D4 – Definir a transferência do aprendizado

Os programas de aprendizagem só criam valor para uma organização quando novos conhecimentos e competências são transmitidos e o aprendiz começa a valorizar e entender o motivo do treinamento e o que influencia dentro e fora do ambiente de trabalho, assim como explanado anteriormente no processo de andragogia.

A fase D4 é muito relevante para o processo de aprendizagem. Para Pollock, Wick e Jefferson (2011), há “[...] crescentes indícios de que, com muita frequência, o treinamento faz pouca ou nenhuma diferença no comportamento do indivíduo no trabalho”.

Autores reconheceram que o investimento com treinamento em empresas americanas chegou a aproximadamente 100 bilhões. No entanto, menos que 10% são convertidos em resultados efetivos no trabalho. Embora esse problema já tenha sido identificado, pouco é feito para reverter este quadro. (POLLOCK; WICK; JEFFERSON, 2011).

Dentre os motivos pelos quais isso ocorre, podemos citar o fato de que muitos dirigentes consideram que a preocupação com o treinamento é de responsabilidade única e exclusivamente de um departamento. Além disso, existem muitos obstáculos que atrapalham e influenciam nessa transferência. Logo, é possível afirmar que o sucesso do processo de aprendizagem é de responsabilidade de toda a empresa.

A participação dos aprendizes nesse processo de transferência é tão fundamental quanto de um dirigente ou gestor. A simples ação de inscrever-se para o treinamento e comparecerem algumas horas ouvindo sobre um tema – não será suficiente para seu desenvolvimento. Será um “aprendizado sucata”, ou seja, permanecerá sem uso, com desperdício de tempo e recursos de ambos. (IBARRA, 2004).

Os questionamentos mais frequentes na fase da elaboração do conteúdo devem ser: Os aprendizes serão capazes de repetir o que aprenderam no ambiente de trabalho? Eles têm a oportunidade de desenvolver e usar as suas habilidades? Eles estarão motivados? Todas essas situações devem ser consideradas durante a fase de preparação dos conteúdos, de modo que os mecanismos de apoio à transferência da aprendizagem estejam no lugar e funcionando corretamente.

D5 – Dar apoio a desempenho

Esta disciplina tem como foco dar o suporte ao desempenho para sustentar a motivação e garantir o engajamento dos envolvidos com o processo. Trata-se de garantir o suporte ao desempenho desejado, alinhados e atrelados com os demais D, e de sustentar o processo para o objetivo final.

Ao se realizar uma compra de eletrodomésticos ou qualquer outro produto, recebemos um manual de instruções, e, instintivamente, utilizamos ou lemos algumas páginas aleatórias para que o equipamento não se danifique e que seja utilizado em todas as funções e da melhor forma possível. Se, por um lado, damos um manual para a utilização de um objeto que, relativamente, sabemos o seu funcionamento, por que não o fazemos com relação a programas de transferência de aprendizado? Por que não nos preocupamos em ter manuais após treinamentos?

O fato de terem conseguido bom desempenho em sala de aula não significa que serão capazes de se desenvolver em seu

ambiente de trabalho. Por essa razão, faz-se necessário estabelecer o acompanhamento disso, por exemplo: uso de curso, lembretes, mensagens diárias e/ou recorrentes referentes ao assunto. Tais recursos podem ser considerados como objetos de apoio no processo de aprendizagem que favorecem sua fixação.

Para checar o retorno de seu investimento em treinamento e desenvolvimento, as organizações devem entender que o trabalho não está terminado até que o novo conhecimento e as habilidades sejam aplicados com sucesso, de uma forma que melhore o desempenho. Elas reconhecem que melhorar em qualquer coisa requer prática e, quando tentam algo novo, as pessoas precisam de apoio e treinamento. (POLLOCK; WICK; JEFFERSON, 2011).

D6 – Documentar os resultados

A documentação dos resultados é tão importante quanto todas as disciplinas. Qualquer tipo de treinamento precisa agregar valor. Medir é essencial para provar o valor atrelado ao negócio.

O interesse genuíno e final de todo investimento é saber como e quanto à ação de aprendizagem beneficiou o negócio. Para isso, é necessário documentar para conhecer eventuais deficiências do processo e aprimorá-la a cada ciclo de aprendizado, inovação, adaptação e melhoria. (POLLOCK; WICK; JEFFERSON, 2011).

As seis disciplinas transformam educação em resultado para o negócio, sendo caracterizada como de alto valor, evolução do aprendizado e iniciativas de desenvolvimento. Organizações de aprendizagem que adotaram estes princípios operacionais e que as têm praticado diligentemente aumentaram a contribuição que o aprendizado traz para o sucesso das empresas. (POLLOCK; WICK; JEFFERSON, 2011).

4.3 Características das Gerações

Estamos em uma era de complexidade tecnológica, o que significa dizer que explorar o ser humano é complexo e quase incompreensível. Alguns autores argumentam que, se quisermos ter qualquer perspectiva da complexidade, teremos de escapar das algemas das suposições atuais sobre a racionalidade, progresso e segurança, assim como manter um compromisso com os valores humanos fundamentais. (ALLENBY; SAREWITZ, 2011).

Os seres humanos têm evoluído desde os primórdios da pré-história com questões de tecnologias. Evoluímos, por exemplo, na forma de nos comunicarmos, passando da era do grito, perpassando para cartas, telefones, *e-mails*, redes sociais, *WhatsApp* etc., não necessariamente excluindo algum método e sim aprimorando questões de flexibilidade e agilidade no processo final. No entanto, o que difere agora é que nós nos movemos além das intervenções tecnológicas externas. A tecnologia está externada em nossas relações de dentro para fora, em constante mudança, na qual o ser humano constrói elementos de interação e adaptação. Lidar com essa nova realidade, significa abraçar um novo relacionamento tecno-humano. (ALLENBY; SAREWITZ, 2011).

Atualmente, estamos passando por uma evolução significativa no mercado de trabalho, nos permitindo a construção de novos cenários no que diz respeito aos processos de trabalho e, conseqüentemente, ao processo de aprendizagem. Portanto, as instituições vêm buscando inovações no intuito de atender e entender o novo conceito de gerações que estão sendo inseridos no mercado de trabalho. (ARIENTE et al., 2011).

Devido a todo esse processo de mudança e globalização, é importante conhecer como cada geração se formou no cenário mundial; o quanto elas influenciam nos cenários socioeconômico e cultural.

Apesar de haver variações nas datas propostas pelos diferentes tipos de gerações iremos considerar o exposto no Quadro 8:

Quadro 8- Identificação das Gerações, de acordo com o ano de nascimento.

Geração <i>Baby Boomer</i>	Geração X	Geração Y	Geração Z	Geração Alfa
1948 – 1963	1964 – 1977	1978 – 1994	1994 – 2010	2010 – [...]

Fonte: Adaptado. O processo evolutivo entre as gerações X, Y e *Baby Boomers*, 2013.

Para entendermos o processo de mudanças frente às gerações, precisamos identificar e conhecer cada uma delas, com o intuito de reconhecer as diferenças vivenciadas pela diversidade de gerações e favorecendo ao processo de aprendizagem (ARIENTE et al., 2011).

Antes de entendermos as gerações no contexto de trabalho e seu impacto no processo de aprendizagem, vale considerarmos suas características e influências, conforme demonstradas no Quadro 9, frente à sociedade e analisarmos o quanto isso impacta em seus processos e decisões nos dias de hoje,

Quadro 9 - Características e Influências das gerações.

Geração	Característica	Influência mundial
<i>Baby Boomer</i>	<ul style="list-style-type: none"> São consideradas <i>workaholies</i>. Foram educadas com disciplina, ordem e respeito pelos outros. Buscam estabilidade financeira. Tendem a buscar constituição familiar. Perfis: disciplinados e 	<ul style="list-style-type: none"> Nascidos após a 2ª Guerra Mundial. Guerra no Vietnã. Surgimento do anticoncepcional. Movimentos feministas Surgimento do <i>Rock and Roll</i>. Movimento “Yuppie –

	<p>rebeldes (a depender de influência financeira e posição na sociedade).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Liderança no trabalho como sinônimo de controle. • Empregabilidade vista como afirmação de identidade. • Resistentes a processos de mudanças. 	<p>Young Urban Professional” – Jovem Profissional Urbano.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Geração Saudável.
--	---	---

Quadro 9 (Continuação) -Características e Influências das gerações.

Geração	Característica	Influência mundial
X	<ul style="list-style-type: none"> • Atuantes no mercado de trabalho. • Presenciaram o início da decadência do casamento tradicional e da igreja. • Muitos são filhos de pais divorciados. • Possuem raciocínio linear. • Entendem os cargos hierárquicos com resultado de esforço e reconhecimento. • O trabalho é visto como fonte de renda. • Acompanharam a chegada da tecnologia em casa. • São mais resistentes às 	<ul style="list-style-type: none"> • Participaram e/ou acompanharam a ditadura militar (1964-1985). • Movimento Diretas Já, reivindicando as eleições diretas para Presidente. • Instabilidade econômica, inflação alta, troca de moedas. • Guerra Fria entre EUA e URSS (1945 – 1991). • Movimento hippie “paz e amor”. • Queda do Muro de Berlim.

	novas tecnologias.	• Surgimento da AIDS.
--	--------------------	-----------------------

Quadro 9 (Continuação) - Características e Influências das gerações.

Geração	Característica	Influência mundial
Y	<ul style="list-style-type: none"> • Prezam pelo prazer no trabalho e nas horas vagas. • Buscam uma ascensão profissional rápida. • Valorizam a competência. • Têm raciocínio não linear. • Tendem a executar várias tarefas ao mesmo tempo. • Conectam-se com o mundo por meio de tecnologia. • Apreciam a inovação • Aceitam melhor as 	<ul style="list-style-type: none"> • Volta da democracia. • Abertura da economia. • Estabilidade econômica. • Plano Real. • Insegurança pelo crescimento da violência. • Surgimento da Web 1.0.

	<p>diferenças entre pessoas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Preocupam-se com questões sociais. 	
--	---	--

Quadro 9 (Continuação) - Características e Influências das gerações.

Geração	Característica	Influência mundial
Z	<ul style="list-style-type: none"> • São nativos digitais: não entendem a vida sem internet e outras tecnologias. • Encaram a inovação e a velocidade como parte natural da vida. • Tendem a ser mais impacientes. • Reforçam que o diálogo deva ser aberto e global. • Estão em busca constante por novidades. • Os relacionamentos são mais tendenciosos pelas redes sociais. • Demonstram menos tolerância para 	<ul style="list-style-type: none"> • Ataque terrorista ao EUA – Torres Gêmeas (2001). • Clima de insegurança mundial • Crise econômica norte-americana. • Disseminação da internet que vai além da pesquisa passiva. • Surgimento da Web 2.0.

	frustrações.	
--	--------------	--

Quadro 9 (Continuação) - Características e Influências das gerações.

Geração	Característica	Influência mundial
Alpha	<ul style="list-style-type: none"> • Começam a estudar mais cedo que as gerações anteriores. • Terão o maior nível educacional que outras gerações. • Mudança no sistema escolar. • Tecnologia como parte de todos os processos. • Terão à disposição produtos e serviços cada vez mais personalizados e sob medida. • O mundo estará mais conectado. • Relacionamentos mais horizontais e menos 	<ul style="list-style-type: none"> • Excesso de informação. • Alta velocidade nas mudanças sociais. • Conectividade e mobilidade totais e globais. • Conhecimento disponível e surgimento da Web 3.0.

	hierárquicos.	
--	---------------	--

Fonte: Adaptado (BOOG, 2009). O processo evolutivo entre as gerações X, Y e *Baby Boomers*, 2013.

No que diz respeito às questões profissionais da Geração *Baby Boomer*, esses indivíduos foram educados em um ambiente corporativo em que a liderança era sinônimo de controle, com isso, demonstravam aos seus líderes lealdade e compromisso perante os processos e a empresa, valorizando a possibilidade de crescimento profissional e ascensão financeira. (ARIENTE et al., 2011).

Essa geração denominou o termo *workaholic*, obtendo, no trabalho, a principal fonte de realizações pessoais e materiais, apresentando, muitos deles, dificuldade em equilibrar esses dois fatores. Essa geração é, nos dias de hoje, em sua maioria dirigentes de grandes corporações. Muitos estão no segmento de educação e desenvolvimento de pessoas e gostam de ser reconhecidos pela sua experiência e a sua capacidade de inovação, ressaltando que muitos ainda estão no mercado de trabalho por se sentirem vitalizados e com necessidade de continuarem produzindo.

, Autores afirmam que a Geração X “[...] é marcada pelo pragmatismo e autoconfiança nas escolhas, e busca promover a igualdade de direitos e de justiça em suas decisões”. (OLIVEIRA, 2009). Por esse motivo, procuram ambientes de trabalho mais informais e com hierarquia menos rigorosa, sendo claramente reconhecidos por “não serem fãs de normas”.

Esta geração busca o desenvolvimento de habilidades que favorecem a empregabilidade, sendo mais independentes, empreendedores, focando em resultados e objetivos que impactem suprir desejos pessoais, materiais e de carreira. (OLIVEIRA, 2010). No entanto, quando os relacionamos aos processos de tecnologia, mesmo tendo vivenciado a expansão tecnológica, muitos ainda não a usam por completo e ficam desatualizados, isso se dá pelo fato da

rápida evolução dos processos que não permitem ser acompanhados por essa geração. (ARIENTE et al., 2011).

A Geração Y é a geração que tem a maior facilidade em lidar com tecnologias e é considerada mais flexível, no entanto, menos adeptos a regras, são influenciados por preceitos e desejos pessoais e materiais; por esse motivo estão constantemente trocando de emprego ou buscando algum tipo de atividade inovadora que permitam usar a criatividade associada à tecnologia. (OLIVEIRA, 2010).

Ariente et al., (2011), consideram que essa geração possui um outro conceito de lidar com o processo de trabalho. Geralmente não possuem o conhecimento sobre os procedimentos e regras, acreditando que as outras gerações estão presas demais nos próprios hábitos e não querem mudanças, por isso, identificam o trabalho como fonte de satisfação e aprendizado muito maior que a fonte de renda, precisando de razões e estímulos para se manter no emprego.

Outra característica interessante dessa geração é a capacidade de espírito de liderança, observada pelo fato de uma boa parte da geração já ser líder. A pressa por subir rápido de cargo não é nenhum segredo, por isso procuram atender a todas as necessidades da empresa, com características, muitas vezes, ligadas à pró-atividade e estilo de vida.

A maior preocupação das instituições nesta década é a inserção da Geração Z – a letra que dá nome a esse grupo vem do termo “zapear”, ou seja, trocar os canais da TV de maneira rápida e constante com um controle remoto, em busca de algo que seja interessante de ver ou ouvir ou, ainda, por hábito. “Zap”, do inglês, significa “fazer algo muito rapidamente” e também “energia” ou “entusiasmo”. Diferente da geração X, que teve que se adaptar à chegada das novas tecnologias, e da Y, que cresceu juntamente com o desenvolvimento da modernidade, este novo grupo de

profissionais cresceu e se desenvolveu com o advento da tecnologia totalmente ao seu favor. (SHINYASHIKI, 2009).

Especialistas em Recursos Humanos apontam que a tendência do mercado é trabalhar em grupos de projetos que permitem inovar a cada conclusão, possibilitando a permanência do profissional na instituição.

Pouco ainda se fala sobre a Geração Alfa. Acredita-se que a tecnologia já faça parte da equação e que serão profissionais mais habilidosos e criativos, justamente pela mudança no processo de criação evidenciado pelo questionamento, experimento e liberdade, o que será totalmente adaptado aos dias de hoje, visto as mudanças rápidas e competitivas no mercado.

Por se tratar de gerações que ainda não estão atuando no mercado, o processo de comparação entre as gerações pode ser mais difícil. De acordo com o Quadro 10, as gerações sofrem um conflito entre elas que impacta nos processos de trabalho.

Quadro 10 - Comparativo de características relativas ao trabalho entre as gerações no mercado.

	Baby Boomer	Geração X	Geração Y
Postura Profissional	Trabalho como prioridade	São experientes e dedicados	Comprometidos com valores pessoais
Posição na empresa	Dificuldade de lidar com a perda do poder ou status	Temem ser demitidos ou perder espaço para a Geração Y	Impulsivos, enfrentam sem medo posições de poder
Foco no trabalho	São competitivos e focam em	São comprometidos com os objetivos	São fascinados por desafios e querem tudo a

	resultados	da empresa	seu modo
Relação com a liderança	Acreditam que liderar é o mesmo que controlar e comandar	Costumam valorizar competências	Não se adaptam com atividades rotineiras e controle por possuírem a visão de “multitarefa”

Fonte: Adaptado da Sociedade Brasileira de Coaching, 2010.

O presente estudo teve como objetivo buscar, na literatura científica, estratégias educacionais que fossem capazes de subsidiar o desenvolvimento profissional de enfermeiros correlacionando-as às gerações que estão atuando no mercado de trabalho. A seguir, serão apresentados os resultados da revisão integrativa que subsidiou a proposta deste estudo, que compreende as etapas relacionadas à definição do problema da investigação e hipótese norteadora das buscas, dos critérios de inclusão/exclusão e buscas na literatura, seguida da extração das informações, avaliação dos estudos incluídos e interpretação dos resultados encontrados.

Como resultado deste estudo, foi elencada uma amostra de 44 artigos capazes de responder à questão norteadora. Os artigos que compuseram a amostra foram numerados em ordem cronológica decrescente, de acordo com os descritores. Para melhor organização e apreciação dos dados, inicialmente será apresentada a caracterização da produção científica, seguida da apresentação de categorias de artigos, agrupados de acordo com o descritor, bem como da descrição resumida de cada um deles.

5.1 Caracterização da produção científica

A busca aos bancos de dados, considerando a utilização de todos os descritores e palavras-chave, localizou 1958 artigos. Após a realização da leitura do título, resumo e textos na íntegra, foram excluídos 1914, artigos que não contemplaram o tema do estudo e não se associavam à questão norteadora. Assim, foram selecionados para a amostra 44 artigos. A tabela 1 apresenta a distribuição da amostra segundo cada base de dados.

-

Tabela 1 - Distribuição dos artigos selecionados de acordo com a base de dados, no período de 2010 a 2015. São Paulo, 2016.

Base de Dados	Localizados	%
BDEF	1	3
SCIELO	23	53
LILACS	8	18
SIBI DEDALUS	12	26
Total	44	100

A distribuição dos artigos de acordo com os descritores determinados nas bases de dados está apresentada na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição dos artigos selecionados nas bases de dados de acordo com os descritores. São Paulo, 2016.

Base de Dados	Tecnologia Educacional	Aprendizagem	Educação em Enfermagem	Educação Continuada em Enfermagem
Scielo	3	10	8	2
Lilacs	5	1	1	1
BDEF	0	1	0	0
SIBI	1	9	2	0
TOTAL	9	21	11	3

5.2 Categorização da produção científica

Os artigos foram categorizados de acordo com o descritor. Então foram criadas quatro categorias de artigos: aprendizagem, educação continuada em enfermagem, educação em enfermagem e tecnologia educacional. Será apresentada, a seguir, a categoria seguida, respectivamente, da síntese do conteúdo de cada artigo.

5.2.1 Categoria 1 - Aprendizagem

Esta categoria consta com 21 artigos, que abordaram o tema aprendizagem e estão apresentados no Quadro 11.

Quadro 11 - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
1	2015	Tecnologia e Educação: quais os desafios?	L. M. CAETANO	Compreender o verdadeiro papel da tecnologia na educação e apresentar algumas orientações para que a sua integração aconteça com maior intencionalidade educativa	Traça o perfil da educação e tecnologia, trazendo o conceito da importância da tecnologia na aprendizagem, bem como suas barreiras e avanços frente à educação e às novas gerações, abordando a Teoria de Skinner e Vygotsky, apontando que a aprendizagem ocorre como uma mudança de comportamento e reforçando conceitos das teorias comportamentalistas. Vygotsky reforça as teorias cognitivas, nas quais se demonstra o que a aprendizagem produz a partir da experiência e da construção do conhecimento; por fim retrata as teorias construtivistas ressaltando que o conhecimento só será permitido se houver interação entre as pessoas, utilizada atualmente para adaptação de novas gerações. Cada teoria possibilita a utilização de um recurso, que deve ser levado em consideração para se compreender como cada geração obteve um aprendizado. Dessa maneira, levanta-se o questionamento: com o passar dos anos, o modo de aprendizagem sofreu uma evolução frente a tecnologia, ou a tecnologia permitiu uma nova abordagem de aprendizagem?	Educação. Revista do Centro de Educação

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
2	2015	Ensino e aprendizagem em ambiente virtual: atitude de acadêmicos de enfermagem	V. R. HOLANDA et al.	Avaliar uma hipermídia como estratégia de ensino, a aprendizagem em ambiente virtual e a atitude de acadêmicos de Enfermagem para o ensino <i>on-line</i> das doenças sexualmente transmissíveis	O artigo traça o uso de Tecnologias da Informação e de Comunicação (TIC), ressaltando que as estratégias educacionais <i>on-line</i> têm um grande potencial para atualização do conhecimento, troca de experiências, da interação e colaboração. O artigo tem como estratégia, aplicar uma hipermídia buscando proporcionar ao usuário uma aprendizagem completa e interativa. Essa estratégia educacional direciona os aprendizes para o aprendizado, auxiliando na construção de novos horizontes de aprendizagem, sendo considerada como uma ferramenta digital complementar. A pesquisa do artigo conclui que se faz necessário o desenvolvimento de outras pesquisas que avaliem as variáveis encontradas como organização do tempo, autodisciplina, que pode estar associada às complexidades da geração.	Rev Min Enferm

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
3	2014	Alguns modos de ensinar e de aprender	J. PAVIANI N. M. S. PAVIANI	Oferecer subsídios para o debate pedagógico sobre alguns modos de ensinar e de aprender no Ensino Superior na atualidade, tendo presente as condições e possibilidades criadas pelas transformações tecnológicas e científicas e as novas exigências pedagógicas com estudantes ativos que desejam maior participação nos processos de aprendizagem	Traz em seu artigo as mudanças de cenário na educação, defendendo o critério que não há um único modo de ensinar ou de aprender, indagando alguns questionamentos como “Existem diferentes modos eficazes de facilitar ou de maximizar a aprendizagem?” “O modo de ensinar é decisivo em relação ao que se ensina?”, considerando que o modo de aprender e ensinar também depende do aprendiz, do modo de ser, de agir, e de pensar. O autor descreve a associação do processo de ensino e aprendizagem e a tecnologia, abordando que, com a evolução sócio-histórica o desenvolvimento do conhecimento e da aprendizagem sofrem fatores externos que modificam e proporcionam novas formas de produzir, armazenar, consultar, dessa forma, a interdisciplinaridade e os processos sofrem modificações promovendo a conexão entre o saber e as pessoas. Ainda em seu artigo, o autor traz algumas estratégias de aprendizagem que podem ser adotados em sala de aula, tais como: método socrático – baseado em perguntas que indagam, consistindo em um diálogo de troca de informações e no desejo de alcançar a verdade; além deste método, ele traz aulas expositivas – exposição teórica de um conceito, que permite a arguição e troca de conhecimentos baseado em teoria; ensino baseado por problemas – um modo eficaz que reside na problematização do processo de transformar temas em problemas e procurar soluções possíveis, nas quais, o aprendiz sente-se	Conjectura: Filos. Educ.

					desafiado; ensino por projetos – baseado	
--	--	--	--	--	--	--

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
3	2014	Alguns modos de ensinar e de aprender	J. PAVIANI N. M. S. PAVIANI	Oferecer subsídios para o debate pedagógico sobre alguns modos de ensinar e de aprender no Ensino Superior na atualidade tendo presente as condições e possibilidades criadas pelas transformações tecnológicas e científicas e as novas exigências pedagógicas com estudantes ativos que desejam maior participação nos processos de aprendizagem	(cont.) na construção de projetos com objetividade de resultados que se pretende alcançar; tecnologia no ensino – trazendo o paralelo com o ensino a distância, permitindo que o aprendiz interaja por meios tecnológicos, promovendo a troca de informações e conceitos, buscando soluções para problemas propostos; análise de textos – que têm por objetivo explicitar o conteúdo do texto e a interpretação do significado; trabalho em grupo – proporciona a complementação dos métodos de ensino, contextualizando a formulação dos problemas de pesquisa e o uso de teorias; seminários – têm a intenção de proporcionar ao aprendiz a busca pelo conceito, permitindo examinar teorias e sua aplicabilidade; laboratório e experimentos – tão importante quanto os demais, no entanto, a especificidade dessa metodologia proporciona reproduzir resultados em ambiente controlado, desenvolvendo habilidade e competências associadas com a pesquisa.	Conjectura: Filos. Educ

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
4	2014	Metacognição como processo da aprendizagem	B. BEBER E. SILVA S. U. BONFIGLIO	Busca compreender os componentes cognitivos que envolvem a aprendizagem, esclarecendo que a metacognição não é sinônimo de eficácia e que a motivação não faz parte da anatomia do processo metacognitivo	Reforça o conceito de aprendizado, considerando que aprender é diferente de compreender, pois provoca mudanças de comportamento, associa teorias comportamentais e o reflexo da andragogia na estrutura do pensamento do aprendizado. Considera diferentemente de outros autores que a aprendizagem não é exclusivamente o que se aprende e sim suas consequências, uma vez que a aprendizagem é regada por sistemas de recompensas e estímulos. Quando associado ao processo de metacognição, podemos dizer que é o processo na qual o aprendiz busca regular os processos com atividades que o desafiam, levando o aprendiz a proporcionar a espiral do conhecimento. Assim como outros autores, o papel do professor é fundamental. Neste artigo, o autor traz as influências das atitudes do professor: diversificação de tarefas, planejamento de situações, reflexão do conhecimento, entre outros, que com o advento da tecnologia também será adaptado, considerando que o fim sempre será chegar ao ideal de aprender.	Rev. Psicopedagogia

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
5	2014	Processo e os estilos de aprendizagem de gestores de diferentes formações: administradores e não administradores	C. B. SOUZA et al.	Analisar o processo de aprendizagem de gerentes e identificar possíveis diferenças entre gestores com distintas formações	O referencial teórico se sustenta basicamente em sua vertente comportamental e cognitiva, considerando conceitos de aprendizagem formal e informal, forte correlação com o que foi trazido anteriormente sobre a aprendizagem 70:20:10 e a necessidade da construção do conhecido CHA – conhecimento; habilidade; atitude. O artigo fundamenta que a formação é um influenciador significativo para o processo de aprendizagem posterior.	Revista de Gestão e Secretariado - GeSec
6	2013	A aprendizagem humana: cada pessoa com seu estilo	M. C. NATEL R. M. L. TARCIA D. SIGULEM	Relacionar os conceitos de estilos cognitivos, de inteligências múltiplas e de estilos de aprendizagem com o modo de aprender das pessoas	Traduz a importância da aprendizagem e sua contextualização, no entanto, aborda a impulsividade correlacionando que pode ser um fator importante para a concretização da aprendizagem. Como pergunta norteadora, o autor traz a dúvida sobre o modo de aprender de cada um. A conclusão demonstra, diferentemente de outros artigos, que o aprendiz deve ser visto como um ser total, independentemente de suas experiências.	Rev. Psicopedagogia
7	2013	Educação e teorias da aprendizagem: um foco na teoria de Vygotsky	L. C. CASTRO R. S. SANTOS A. H. C. CRUZ	Apresentar a importância das teorias de aprendizagem no cotidiano escolar como forma de promover o processo de ensino aprendizagem	O artigo traduz e reforça a escolha do uso da Teoria de Vygotsky, conceituando a importância da construção do conhecimento para a efetivação da aprendizagem.	Revista da Universidade Vale do Rio Verde

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
8	2013	Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente	E. P. ARRUDA	Discutir e problematizar a aprendizagem dos jovens na sociedade do entretenimento, bem como analisar os possíveis desafios para a formação docente em uma sociedade mediada por tecnologias digitais de informação e comunicação	Traz o principal conflito já abordado anteriormente com relação a influência da tecnologia no processo de aprendizagem, abordando, pela primeira vez, em todos os artigos, que essa discussão será passível e de reinterpretações constantes, considerando a perspectiva histórica de mudança contínua. O autor afirma que ainda há resistências frente à inserção da tecnologia na aprendizagem, entretanto o grande paradoxo é que, ao mesmo tempo em que há essa resistência, talvez, pela falta de poder do professor em sala de aula, o contraponto é que a tecnologia proporciona a ampliação da transformação de contextos educacionais, construindo relação de saber compartilhada. Por outro lado, os aprendizes da nova geração modificam não só a maneira pela qual há a interpretação do texto, mas também a forma de leitura, descaracterizando livros e jornais, para a leitura em <i>tablets</i> e computadores, na qual não há linearidade de leitura, uma vez que o conteúdo pode estar em qualquer ponto do monitor, favorecendo a flexibilidade no processo de aprendizagem, já dito anteriormente, como um fator favorável para o aprendiz. Correlacionando com os grandes mestres, Vygostky e Papert apoiam o desenvolvimento de novas formas de despertar o interesse, desenvolver a mente, estimular a criatividade e desenvolver o raciocínio crítico, o dilema	Rev.Educação

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
8	2013	Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente	E. P. ARRUDA	Discutir e problematizar a aprendizagem dos jovens na sociedade do entretenimento, bem como analisar os possíveis desafios para a formação docente em uma sociedade mediada por tecnologias digitais de informação e comunicação	(cont.) se torna então desenvolver estratégias de aprendizagem com limites de consumo de informação, de modo que haja a fixação do conteúdo, na qual, a multitarefa não se torne perigosa, pois ela não orienta o amadurecimento, e sim a conhecimentos pouco aprofundados, no entanto, se considerarmos a forma de aprendizado do adulto – por experiência e repetição, se associarmos as estratégias a processos do dia a dia o conhecimento será enriquecido, com isso a problemática não está centrada apenas no aprendiz, mas também na quebra de paradigmas do professor.	Rev.Educação

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
9	2012	Ambientes virtuais: enfatizando a autonomia e a aprendizagem	C. J. MARTINAZZO	Investigar as possibilidades e perspectivas de desenvolvimento da autonomia e de novas aprendizagens, no contexto atual do mundo tecnológico, potencializadoras de ambientes virtuais.	O autor debate que as tecnologias da informação e de comunicação, estão revolucionando a forma de aprendizado, considerando que nunca, em qualquer período da história, existiu tanta tecnologia capaz de armazenar, processar e veicular comunicação de forma rápida, segura e instantânea. Esse novo modo de transposição do mundo físico para o mundo digital requer escolhas de decisões rápidas e cautelosas, uma vez que há aprendizes “imigrantes digitais” e “nativos digitais”. A exigência de maior flexibilidade espaço-temporal, no entanto, apresenta uma dificuldade de conciliar a extensão da informação. A variedade de fontes de acesso com a mescla de aprendizes, é fundamental na incorporação das exigências do momento. É importante termos professores com o pensamento crítico de aproximações e distanciamentos para compreender o real, o pensamento criativo e indicar novos caminhos para direção de um futuro que acompanhe essas mudanças, favorecendo e exigindo do aluno a autonomia, responsabilidade, flexibilidade e autoaprendizagem.	-

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
10	2012	Explorando tendências para a educação no século XXI	C. C. ROMANÍ	Reforçar o letramento e as novas competências digitais entre as gerações mais jovens e descrever as dimensões, estratégias e instrumentos para analisar e avaliar o desenvolvimento do letramento digital que a nova força de trabalho vai precisar	O artigo explora o impacto do processo de qualificação profissional na sociedade e a influência na economia, considerando que a tríade tecnologia, inovação e educação desempenham um importante papel na economia, pela necessidade de ampliar conceitos de letramento digital nos processos de aprendizagem, uma vez que a nova geração influencia fortemente a força de trabalho, baseado em estudos da Organização da Cooperação e de Desenvolvimento Econômicos (OCDE). Quando aborda sobre as competências digitais ele traz o conceito de gestão do conhecimento já descrito anteriormente, no entanto aplicado à transferência de <i>know-how</i> (saber como – aplicação do conhecimento no dia a dia). Como contraponto, o autor afirma que as competências digitais são um conjunto de conhecimento – habilidades e atitudes, considerando que a competência digital compreende muito mais do que conhecer é necessário compreender a sua ferramenta e a sua aplicação, neste sentido ele aborda a consciência digital – baseada na compreensão crítica do uso de tecnologia; o letramento digital – é a competência ao interagir com os softwares disponíveis na influência da tecnologia; letramento informacional – esse conceito vai além da capacidade de ler significados, é um conjunto de competências que requerem a capacidade de analisar, julgar, avaliar e interpretar informações; letramento digital – competência em construir um conhecimento novo frente à tecnologia; letramento em mídia – proficiência em entender	Cadernos de Pesquisa

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
10	2012	Explorando tendências para a educação no século XXI	C. C. ROMANÍ	Reforçar o letramento e as novas competências digitais entre as gerações mais jovens e descrever as dimensões, estratégias e instrumentos para analisar e avaliar o desenvolvimento do letramento digital que a nova força de trabalho vai precisar	(continuação) da forma como meios tradicionais de comunicação vêm contribuindo para a compreensão do processo de aprendizagem. Os principais achados do autor consideram que um profissional competente digital, como um aprendiz, é capaz de usar tecnologias com eficiência em outros conhecimentos. As metacompetências são um conjunto de capacidades, competências e habilidades para explorar o processo de conhecimento tácito e explícito com o intuito de adotar o uso da tecnologia, o que requer uma mudança radical no processo de aprendizagem.	Cadernos de Pesquisa

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
11	2012	Formação profissional e futuro: expectativas dos adolescentes aprendizes	O. J. V. MACEDO M. F. P. ALBERTO A. J. S. ARAUJO	Este artigo versa sobre expectativas de futuro dos adolescentes aprendizes e a compreensão de uma diversidade de cursos que têm por objetivo propiciar um conhecimento teórico-prático acerca de determinado ofício, cujo exercício exige uma pré-qualificação.	No artigo, o autor reflete sobre as expectativas dos aprendizes da nova geração, por meio de uma pesquisa realizada com adolescentes com o intuito de analisar o que se espera do futuro no processo de aprendizagem. A conclusão traz a subjetividade da realidade e do mundo desejado, assim, é necessário que o professor adote uma postura diferenciada para quebra do paradigma.	Estudos de Psicologia
12	2012	O processo de gestão do conhecimento em comunidades virtuais de aprendizagem	M. P. GOZZI	Discutir os aspectos das comunidades virtuais de aprendizagem que favorecem o processo de gestão do conhecimento	Discorre sobre a teoria de Vygotsky correlacionando que o conhecimento não é sinônimo de acúmulo de informações, mas um agrupamento de um processo de informação, contrapondo alguns autores que afirmam que a tecnologia pode distanciar a comunicação presencial. As tecnologias têm sido grandes aliadas na interação de pessoas, viabilizando e favorecendo a troca de informações de maneira mais efetiva e assíncrona, pois vivemos em um mundo globalizado, inserido no processo de aprendizagem interdependente da internet. Logo, fazer negócios, trocar experiências, desenvolver pesquisas, projetos, jogar, conversar, compartilhar é um processo cada vez mais comum. Reforçando o referencial teórico, a aprendizagem é constante e não precisa ser planejada ou intencional, desde que haja a troca de informações e conhecimento, o que acontece em nossas ações constantemente.	Perspectivas em Gestão & Conhecimento

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
13	2012	Proposta de um conceito de aprendizagem para a era digital	A. FORESTI A. C. TEIXEIRA	Recompilar os conceitos de aprendizagem de Paulo Freire, Seymour Papert e George Siemens para a proposta de um conceito de aprendizagem para a era digital	Traz uma correlação com teorias de aprendizagem, como Freire, Papert e Siemens e, em especial, uma similaridade com a teoria de Vygostky e Papert, focado na era digital, considerando que o principal elemento no processo de aprendizagem é a interação e a experiência. Os teóricos afirmam que a aprendizagem da era digital é um processo comunicacional e cognitivo, que por meio de diálogo o aprendiz assume um papel de protagonistas. De acordo com Papert, considerando as principais ideias da aprendizagem na era digital, é possível propiciar ao educando condições de explorar o seu potencial intelectual no desenvolvimento de informações, assim como Vygostky já apontava que, através da experiência, pode-se criar um contexto propício ao espaço para descobertas e resolução de problemas. O autor conclui, assim como trazido no referencial teórico, que flexibilidade, dinamicidade, interatividade constroem o saber e o conhecimento, tornando possível a comunicação e a interação entre o aluno e o professor, possibilitando, desse modo, que o aluno se torne protagonista.	Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
14	2011	Andragogia na psicopedagogia: a atuação com adultos	N. A. NOFFS C. M. R. RODRIGUES	Como tratar da aprendizagem desses professores/aprendentes adultos? O foco de nosso trabalho está nos sujeitos que estão em constante processo de aprendizagem, colaborando com a construção do seu conhecimento, identificando obstáculos no processo de aprendizagem e o seu desenvolvimento.	Aborda o modelo clássico da andragogia, focando nos sujeitos que estão em constante processo de aprendizagem, por meio de um questionário de apoio à aprendizagem. Assim como as demais pesquisas e artigos, o ponto fundamental é a análise emergencial na mudança do processo de aprendizagem.	Rev. Psicopedagogia
15	2011	Aplicação das tecnologias digitais virtuais no contexto psicopedagógico	A. M. MANTOVANI B. S. SANTOS	Apresentar uma revisão teórica sobre as potencialidades do uso das Tecnologias Digital Virtual no campo psicopedagógico, destacando algumas contribuições advindas dos estudos e da experiência docente e psicopedagógica das autoras com as aplicações de tais tecnologias.	O processo de aprendizagem é altamente influenciado por “imigrantes” e “nativos” digitais, um caracterizado pela geração que vivenciou o nascimento da tecnologia e tiveram que se adaptar a ela, como é o caso da maioria dos professores, e a geração que nasceu em um mundo globalizado, vivenciada por uma geração que pertence e faz uso das redes para resolver problemas e aprendido. O artigo traz algumas estratégias educacionais voltadas para <i>softwares</i> educativos, defendendo a ideia de que o objeto de aprendizagem influencia na capacidade de aprendizagem e na interação entre alunos. É importante destacar que, para utilizar diversas tecnologias para gerações tão distintas, é necessário compreender os objetivos didáticos e construir processos de aprendizagem significativos no contexto.	Rev. Psicopedagogia

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
16	2011	Estratégias de Aprendizagem e Aprender a Aprender: Concepções e Conhecimento de Professores	O. J. X. SANTOS E. BORUCHOVITCH	Analisar o professor como estudante, seu conhecimento e uso de estratégias de aprendizagem. O presente estudo visa a investigar as concepções e o conhecimento dessas estratégias e do aprender a aprender.	Traz o contexto de que as estratégias de aprendizagem adotadas são sequências integradas de procedimentos que têm a intenção de facilitar a aquisição e o armazenamento da informação. Em pesquisa realizada no seu artigo, ele salienta que, independentemente da estratégia de aprendizagem adotada, o uso eficaz depende exclusivamente da técnica utilizada entre professor e aprendiz, salientando que a construção e reconstrução do conteúdo dependem ativamente do aprendiz.	Psicologia: Ciência e Profissão

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
17	2011	Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y	A. C. XAVIER	Identificar como essa nova geração tem aprendido e utilizado as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) dentro e fora da escola	Aborda, assim como no artigo 15, o impacto do letramento digital no processo de aprendizagem, trazendo Vygostky na contextualização de que a aprendizagem é processada na mente por meio de linguagem, logo a aprendizagem passa pela linguagem e comparando os novos saberes com a construção de síntese. Dessa forma, o letramento digital, em seu sentido amplo, significa o domínio do indivíduo em funções e ações necessárias à utilização eficiente da tecnologia, a aprendizagem flexível. O autor foca mais na Geração Y, considerando a pesquisa do IBOPE de que o Brasil é o campeão em tempo de conexão com a rede. Tal informação está altamente conectada com a nova geração, que dedica uma boa parte do seu tempo em dominar tecnologia. Mais uma vez, temos a correlação da importância de rever o processo de aprendizagem. De todos os dados apresentados, chega-se à conclusão de que há uma necessidade de se refletir sobre a tecnologia, considerando que a geração Y tem-se tornado digitalmente letrada, independentemente das atividades. Assim, o processo tem sido tão simples como andar e falar. A geração Y necessita de imagens e animações para facilitar a compreensão, e por fim, quanto mais interesse obtiver o aluno em aprender, mais rapidamente irá fazê-lo, diferentemente de outras gerações que necessitam de outros estímulos.	Calidoscópio

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
18	2011	O Processo de Ensino e Aprendizagem do Raciocínio Clínico pelos Estudantes de Medicina da Universidade Estadual de Londrina	C. C. FORNAZIERO P. A. GORDAN M. G. GARANHANI	Identificar o processo de ensino-aprendizagem do raciocínio clínico, sua concepção e as dificuldades que emergem de seu processo de aprendizagem	O professor é importante no processo de aprendizagem, no entanto, a motivação do aprendiz, e condições favoráveis como uma boa noite de sono, tranquilidade, apoio familiar beneficiam a apropriação do aprendizado.	Revista Brasileira de Educação Médica
19	2013	Tecnologias digitais no ensino de graduação em enfermagem: as possibilidades metodológicas por docentes	A. L. P. COGO et al.	Descrever as possibilidades metodológicas na utilização de tecnologias digitais no ensino de graduação em enfermagem nas modalidades presencial e a distância	O autor apresenta o uso das tecnologias em graduação e pós-graduação, sinalizando que elas podem ser interdependentes e usadas isoladamente ou associadas com a metodologia presencial. Desse modo, ao contrário de outros artigos, os autores propõem um curso de introdução às tecnologias educacionais no ensino da enfermagem, que sofre impacto direto no dia a dia dos profissionais posteriormente. Na proposta definiram-se as vantagens e as oportunidades de melhoria, qualificando os docentes para a melhor escolha das tecnologias e preparando para o futuro do processo de aprendizagem, notando-se que a diversidade de informações e seu acelerado crescimento, fará com que o professor não tenha resposta a todos os questionamentos; frente a isso, é necessário que o professor auxilie o aluno no desenvolvimento de consciência crítica.	Rev. Eletr. Enf

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
20	2012	Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa	F. R. SOBRAL C. J. G. CAMPOS	Identificar e analisar publicações científicas sobre o uso das metodologias ativas no ensino e assistência de enfermagem no Brasil	O artigo – cujo referencial se sustenta em Paulo Freire – utiliza a metodologia de revisão integrativa, trazendo a possibilidade da mudança do aprendizado e as dificuldades dos dias atuais, já sinalizado anteriormente, apontando para a necessidade da constante atualização do professor. A relevância do estudo permite considerar a educação tradicional e sua aplicação no cotidiano, uma vez que a educação é uma das principais funções do enfermeiro, sobretudo, no que se refere à assistência. É válido conhecer os métodos de ensino-aprendizagem utilizados nas atividades educativas em saúde a fim de verificar as transformações de estratégias didáticas aplicadas na área assistencial, ou seja, mais do que nunca é importante essa correlação de modo que o aluno perceba que o processo de aprendizagem está além da associação com a experiência e também com a sua vivência. O estudo revelou que a implementação das metodologias inovadoras ainda carece de estudos e aperfeiçoamento, no entanto, confirma que os professores atuais já estão mais acostumados e adaptados a essa influência.	Rev Esc Enferm USP

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
21	2010	Educação e sociedade da aprendizagem: um olhar sobre o potencial educativo da internet	C. P. COUTINHO M. ALVES	Problematizar os novos modelos de aprendizagem que nasceram no seio da teia global de informação	O artigo explora as possibilidades tecnológicas para o processo de aprendizagem e traz estratégias que podem ser levadas em consideração devido à geração presente nas instituições. Diferentemente de outros artigos, este estudo foi realizado em Portugal traçando o potencial educativo da internet, considerando que a internet contribui para um sistema científico global, e, como mencionado, anteriormente, afeta não só a educação, mas também o sistema socioeconômico. Os autores traçam doze fatores relevantes para a utilização da internet como facilitadora do processo de ensino-aprendizado, dentre eles: flexibilidade de tempo; independência geográfica; baixo custo; acesso a fontes de informação; perenidade da informação; aprendizagem ativa; espírito crítico; partilha do saber; existência do público; educação global; abertura ao mundo e motivação. Além disso, o artigo demonstra que a internet facilita a comunicação, o acesso e o desempenho do aluno, por meio de uma comunicação síncrona (discussões em tempo real) e assíncrona (arquivo de documentos). O artigo também apresenta a evolução da tecnologia que anda em paralelo com a aprendizagem trazendo ferramentas ou metodologias inovadoras utilizadas pela nova geração que pode habitualmente se transformar em um processo de aprendizagem, como <i>podcasts</i> , <i>WhatsApp</i> , <i>Skype</i> , <i>Google talk</i> , entre outros, defendendo a ideia de que estamos na era da informação e do conhecimento	Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria.

Quadro 11 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor aprendizagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
21	2010	Educação e sociedade da aprendizagem: um olhar sobre o potencial educativo da internet	C. P. COUTINHO M. ALVES	Problematizar os novos modelos de aprendizagem que nasceram no seio da teia global de informação	(continuação.) diferentes contextos, sena através da educação formal ou informal. Dessa forma, reforçam o conceito que o aprendizado atrelado com a tecnologia não pode ser ignorado e sim somar forças para a era da transformação da aprendizagem.	Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria.

5.2.2 Categoria 2 – Tecnologia Educacional

Esta categoria consta com nove artigos que abordaram o tema tecnologia educacional e estão apresentados no Quadro 12.

Quadro 12 - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor tecnologia educacional de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
1	2014	Avaliação de tecnologias educacionais digitais para a formação de promotores de saúde em uma experiência interprofissional	A. G. C. G. GERMANI et al.	Descrever e analisar a utilização de recursos didáticos digitais em experiência semipresencial de formação interprofissional em promoção da saúde, com e sem apoio de tutoria	Traz a importância do suporte <i>on-line</i> em sala de aula, especificamente para os casos de aulas de promoção à saúde. O autor apresenta os quatro domínios de aprender, de acordo com o definido pela UNESCO, a saber aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; aprender a ser, correlacionado com o processo de andragogia, já visto anteriormente. O artigo fundamenta-se em uma pesquisa quali-quantitativa para discutir as vantagens e desvantagens dos diversos métodos de pesquisa na área da saúde e na área da educação, de acordo com a concepção de Piaget, avaliando o impacto da aprendizagem com o uso de <i>blogs</i> , palavras-cruzadas, entre outros. Comenta que o uso da tecnologia é um hábito, e que, após o grupo e as pessoas se acostumarem, o aprimoramento é essencial e relevante. Mais uma vez temos sinalizado os imigrantes digitais e os nativos digitais, que influenciam favoravelmente na experiência do aluno.	J Bras Tele

Quadro 12 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor tecnologia educacional de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
2	2014	Psicologia da educação e as tecnologias digitais de informação e comunicação	F. SCORSOLINI-COMIN	Discutir repercussões das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no campo da Psicologia da Educação	O autor relata que lidar com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) vai além da necessidade, conceituando a possibilidade de inserção em ambientes que fazem parte do cotidiano. Na era em que vivemos, denominada pelo autor como hiperconsumo, as fronteiras entre o velho e o novo tornam-se tênues, considerando os benefícios (maior número de informações), no entanto, trouxe também pontos de alertas (apropriação e inserção), assim como já sinalizado no contexto de aprendizagem. Considera-se que, a TDIC não trata apenas de qualidade de ensino, mas também de potencialidades do processo de aprendizagem. Não é de hoje que a comunicação faz parte do aprendizado e da troca de informações, se considerarmos o telefone, telégrafo, e, por fim, a multimídia e a internet nos dias mais atuais. Além de compreender essa inserção, é necessário fazer parte dela. Conclui-se que os processos educacionais devem ocorrer onde existam tecnologias disponíveis e adequadas, de modo que a flexibilidade favoreça o aprendizado, uma vez mediado pelo professor fomentando as discussões futuras.	Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional

Quadro 12 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor tecnologia educacional de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
3	2013	Avaliação dos Processos de Ensino-Aprendizagem em Ações Educacionais Ofertadas a Distância	F. SCORSOLINI-COMIN	Refletir sobre a avaliação dos processos de ensino-aprendizagem em ações educacionais ofertadas a distância	Mostra o cenário em expansão da Educação a Distância (EAD), em que as gerações e o meio favorecem ao processo de qualificação com a metodologia. O grande enfoque são as avaliações em EAD, considerando que o conceito e a metodologia ainda caminham para a evolução. O autor afirma que as avaliações devem existir, no entanto, devem sempre ser revistas para que seja avaliado o método efetivo, de modo que haja a interação e a absorção do conhecimento no processo de ensino aprendizagem.	Temas em Psicologia
4	2013	Os domínios da Tecnologia Educacional no campo da Saúde	G. NESPOLI	Apresentar os resultados de um estudo que investigou a formação discursiva da Tecnologia Educacional e sua relação com o contexto histórico, político e social da reforma sanitária brasileira	Traz o surgimento da Tecnologia Educacional no advento da área da saúde, conceituando o Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES), criado em 1972. Desde então, nota-se a evolução da era do conhecimento e do avanço tecnológico, apontando que a tecnologia educacional é importante por passar por três domínios: instrução programada – na qual a inserção da tecnologia pode ser uma solução para a flexibilidade da aprendizagem; integração ensino-serviço – considerando que o trabalho (vivência) é a fonte do princípio educativo e, por fim, a educação em saúde caracterizada pela variedade de objetos, contextos e processos envolvidos.	Comunicação saúde educação

Quadro 12 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor tecnologia educacional de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
5	2013	Psicologia do Desenvolvimento, Educação a Distância e as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação	F. SCORSOLINI-COMIN	Discutir as contribuições da Psicologia do Desenvolvimento para a educação a distância (EAD)	O mesmo autor do texto 3 traz o fundamento da tecnologia, dessa vez em um campo multiprofissional – a psicologia–, a qual, vale ressaltar, ainda é um campo que necessita de aperfeiçoamento, assim como todos os domínios na área da saúde. Por fim, deixa a afirmação da importância de novos estudos e da interferência da tecnologia no campo da saúde, bem como seu aperfeiçoamento.	Psico
6	2013	Recursos tecnológicos na educação em enfermagem	L. TOBASE et al.	Identificar a utilização dos recursos tecnológicos na educação em enfermagem	Demonstra a quebra do conceito já instituído de informática em enfermagem, expressada pelo uso dos computadores das TDIC's. Apresenta um novo conceito de tecnologia leve – relacionado ao conhecimento que orienta a ação (protocolos, normas, processos) e tecnologia dura – referente a equipamentos; inclui o conhecimento estruturado e materializado. Tal conceito não havia sido abordado anteriormente e é relevante ao se falar sobre as novas TDIC. O conceito de informática em enfermagem é traçado pelo autor mediante uma pesquisa qualitativa que demonstra que á se atua com essa tecnologia apresentada: áreas assistenciais e ensino interligado à enfermagem. O autor reforça que o conceito, habitualmente usado de informática, vai além do uso de computadores (deve ser considerado um equipamento que propicia o processo final), considera-se indubitável o uso de tecnologia no dia a	J. Health Inform

					dia. Dessa forma reforça que se deve favorecer ao processo de ensino-aprendizagem, processo de trabalho e o desempenho do enfermeiro, garantindo segurança no processo.	
--	--	--	--	--	---	--

Quadro 12 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor tecnologia educacional de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
7	2013	Construção de uma tecnologia educacional para o ensino de enfermagem sobre punção venosa periférica	N. M. FROTA et al.	Descrever a construção de um curso sobre punção venosa periférica utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação	O autor defende que a intermediação no processo educacional aumentou as possibilidades de comunicação e aquisição de informações, assim como já sinalizado anteriormente. O estudo é baseado em uma especificidade da construção de um curso para acesso periférico, de modo a avaliar e compreender a utilização da tecnologia para aproximar o aluno da realidade de modo virtual, preparando o mesmo para a prática. A pesquisa constitui-se de duas etapas: análise e desenho e desenvolvimento. Após a inserção da plataforma, ficou evidente que o ambiente virtual favoreceu a criação de novas possibilidades educativas, mantendo um canal aberto e constante para a informação e comunicação. Assim, o artigo apresenta a ideia que o uso da tecnologia no processo de ensino aprendizagem pode estar associado a outras metodologias complementares, como forma de trilha de aprendizagem para aquele profissional, possibilitando ao aluno uma nova forma de aprender.	Rev Gaúcha Enferm

Quadro 12 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor tecnologia educacional de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
8	2012	Tecnologias digitais e educação em enfermagem: a utilização de uma webrádio como estratégia pedagógica	R. A. M. TORRES et al.	Questionar a atração, sobretudo para os jovens que utilizam, com grande frequência, a <i>Internet</i> com o intuito de facilitar e tornar mais agradáveis seus trabalhos acadêmicos, sua aquisição de conhecimento e seus momentos de lazer.	O autor ousa e traz a <i>webrádio</i> como uma metodologia no processo de tecnologia educacional para alunos graduandos de enfermagem. O estudo trouxe, como resultado positivo, o aluno como parte do processo de aprendizagem, no qual, ele é envolvido na construção da experiência do programa digital, bem como dos questionamentos. Em contrapartida, ainda há receios de que essa liberdade de metodologia fique muito solta, dificultando o processo de aprendizagem; mas vale reforçar que se há um professor engajado e atuando nesse processo, permite que a realidade virtual se aproxime do dia a dia.	J. Health Inform
9	2011	Objetos virtuais de aprendizagem: contribuições para o processo de aprendizagem em saúde e enfermagem	A. G. ALVAREZ G. TERESINHA M. D. SASSO	Evidenciar as contribuições da aplicação de Objetos Virtuais de Aprendizagem (OVAs) para o processo de aprendizagem em saúde e enfermagem.	Trata-se de um estudo de revisão integrativa, que traz, como ponto de partida, o uso dos Objetos Virtuais de Aprendizagem (OVAs), considerados como uma oportunidade para o processo de ensino aprendizagem, assim como já explanado por outros autores e artigos, com possibilidade de flexibilidade e o aumento do número de informações, contribuindo significativamente.	Acta Paul Enferm

5.2.3 Categoria 3 – Educação Continuada em Enfermagem

Esta categoria consta três artigos conforme descrito no Quadro 13.

Quadro 13 - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação continuada em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
1	2013	Núcleo de educação permanente em enfermagem: perspectivas em um hospital de ensino	C. T. SILVA et.al.	Descrever como os enfermeiros percebem o Núcleo de Educação Permanente em Enfermagem	Aborda as facilidades e dificuldades da implantação de um serviço de Educação Continuada nas instituições, de modo a permitir a valorização profissional e construção do conhecimento, resultando em qualidade de cuidados de enfermagem. Entende-se que a formação de um serviço de educação continuada de forma pontual favorece ao crescimento profissional e institucional, no entanto, uma das dificuldades percebidas são os obstáculos e o distanciamento do serviço com a realidade do dia a dia, devendo considerar que, assim como já descrito, em políticas públicas o processo precisa ser dinâmico e favorável à realidade do aluno. No estudo em questão, nota-se que há uma deficiência na relação ensino-serviço e a situação atual da saúde e que precisa ser modificado. O autor defende que a educação continuada é uma estratégia fundamental para a transformação de trabalho no setor para que ele possa ser um lugar de desempenho crítico, reflexivo e técnico.	J. res.: fundam. care. <i>On-line</i>

Quadro 13 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação continuada em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
2	2012	Perfil, competências e fluência digital dos enfermeiros do Programa de Aprimoramento Profissional	L. P. TANABE R. M. KOBAYASHI	Identificar o perfil, as competências e a fluência digital do enfermeiro aprimorado para o uso da tecnologia no trabalho.	O autor apresenta a importância de conhecer a fluência digital dos enfermeiros no campo da saúde, uma vez que o avanço das tecnologias tornou-se uma ferramenta imprescindível para o desenvolvimento dos processos. O artigo foi baseado em um estudo realizado há seis anos (2010) em que se notou que quase 100% dos pesquisados conhece as tecnologias e utilizam de algumas no dia a dia não necessariamente para fins profissionais. Se considerarmos os dias de hoje, é fundamental que os enfermeiros adotem competências como saber aprender e saber fazer de modo a facilitar e otimizar recursos e incorporar novas modalidades no processo de trabalho.	Rev Esc Enferm USP
3	2010	Educação permanente em enfermagem: levantamento de necessidades e resultados esperados segundo a concepção dos trabalhadores	D. MONTANHA M. PEDUZZI	Analisar o levantamento de necessidades para a implantação de atividades educativas de trabalhadores de enfermagem e os resultados esperados com a realização dessas atividades, segundo as concepções dos trabalhadores de enfermagem	Demonstra o conceito de que não só a Educação Continuada faz parte da aprendizagem, mas que o aluno como participante é fundamental, assim como pudemos perceber nos artigos relacionados à aprendizagem e no referencial teórico. Acredita-se que o dia a dia modifica-se com a inclusão de treinamento, no entanto, há uma visão diferente do enfermeiro e do técnico, sendo que o enfermeiro acredita que a capacitação é estratégica, já o técnico entende que a educação melhora a autonomia no processo de trabalho. No artigo, nota-se a importância do levantamento de necessidades para que seja possível atuar com foco e direcionamento, contudo, faz-se necessário atuar de forma diferenciada entre profissionais e gerações para que o desdobramento das ações educativas seja pontual e não somente para cumprimento de metas.	Rev Esc Enferm USP

5.2.4 Categoria 4 – Educação em Enfermagem

Esta categoria conta com onze artigos apresentados no Quadro 14.

Quadro 14 - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DO AUTOR	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
1	2014	Estratégias de ensino-aprendizagem do processo de enfermagem na graduação e pós-graduação de enfermagem	A. D. B. SANTOS et al.	Apresentar as estratégias de ensino-aprendizagem do processo de enfermagem utilizadas nos cursos de graduação e pós-graduação	O autor afirma a existência de divergência entre a teoria ensinada em sala de aula com o que é implementado e a sua aplicabilidade e viabilidade do dia a dia. Demonstra, também, a importância de enfatizar a contribuição do processo de aprendizagem em sala de aula com as habilidades, conhecimento, e atitude esperada no processo de trabalho. Em busca de evidências das estratégias mais utilizadas em relação ao ensino, entende-se que a tomada de decisão sobre a escolha mais adequada deve ser baseada em uma avaliação cuidadosa, mesclando a abordagem teórica e as ferramentas eletrônicas de acordo com a necessidade.	J. res.: fundam. care. on-line

Quadro 14 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DO AUTOR	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
2	2013	Educação continuada: concepção de enfermeiros em hospital filantrópico de alta complexidade	T. R. SIMÕES et al.	Identificar a concepção dos enfermeiros da instituição de estudo sobre educação continuada	O autor complementa e reforça que a prática diária e a educação são práticas sociais indissociáveis. O artigo tem por objetivo identificar a concepção dos enfermeiros da instituição sobre educação continuada, abordando a diferenciação de conceitos em educação permanente (aprendizado dentro do cotidiano das organizações); educação em serviço (ações educacionais dentro do ambiente de trabalho, relacionadas com o interesse da instituição e no processo de assistência ao paciente); educação continuada (processo onde estão incluídas todas as experiências, que têm como objetivo complementar a formação básica e atualizar sobre conceitos), com isso foi possível identificar que, atualmente, todas as instituições englobam um pouco de cada conceito dentro de sua prática. Diante da pesquisa realizada, nota-se que o enfermeiro tem dificuldade de reconhecer e entender o papel da educação continuada, principalmente no quesito responsabilidade, uma vez que é inerente à profissão do enfermeiro o ser educador. Assim, é necessária uma articulação que potencialize o papel do educador no processo de trabalho para que todos se beneficiem dessas ações para a melhoria da qualidade da assistência.	Rev. Enferm. UERJ

Quadro 14 (cont.) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DO AUTOR	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
3	2013	Projeções e expectativas de ingressantes no curso de formação docente em educação profissional técnica na saúde	M. J. SMARIN et al.	Analisar as projeções e expectativas dos ingressantes em um curso de formação docente, que visa a superar a fragmentação disciplinar e criar maior aproximação com o mundo do trabalho.	Demonstra os conceitos e diferenciações da formação de profissionais ao longo do ano, compreendendo que há uma necessidade constante de busca e de conhecimento e aprimoramento profissional, não só por parte do aluno, mas também do docente, uma vez que o desenvolvimento de habilidades propicia um ambiente mais atrativo e de transformação.	Rev Esc Enferm USP

Quadro 14 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DO AUTOR	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
4	2013	Vivenciando situações de conflito no contexto da enfermagem: o esquete como estratégia de ensino aprendizagem	C. A. SPAGNOL et al.	Analisar a experiência dos alunos que cursaram a disciplina e dramatizaram uma situação real de conflito. Para isso, um grupo entrevistou um enfermeiro de um serviço de saúde, buscando apreender um conflito vivenciado no seu ambiente de trabalho, a fim de dramatizar essa situação.	Afirma que as instituições de ensino têm dificuldade de traçar um paralelo com a teoria e a prática, em alguns casos, pela dificuldade do docente em associar ou pelo distanciamento da realidade. Apresenta a importância de criar um ambiente que propicie experiências intensas e adequadas, capazes de despertar, no aluno, o interesse e a motivação em sala de aula. Demonstra o conceito do esquete, uma técnica teatral caracterizada por uma apresentação ligeira capaz de promover entendimentos e suscitar o humor. Os participantes da pesquisa utilizam o esquete para vivenciar uma situação de conflito real, tendo como conclusão que há praticidade e objetividade nessa técnica, contribuindo para o desenvolvimento e a formação profissional, possibilitando a formação do raciocínio clínico e pensamento crítico, podendo ser um modelo de uso em algumas disciplinas ou no dia a dia do processo de trabalho.	Esc Anna Nery

Quadro 14 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DO AUTOR	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
5	2012	A produção científica de objetos de aprendizagem no ensino em enfermagem	F. C. CALIL et al.	Identificar os estudos nacionais relacionados aos tipos de objetos de aprendizagem desenvolvidos e disponibilizados no ensino de enfermagem	O autor apresenta os objetos de aprendizagem que auxiliam no processo de aprendizagem da Enfermagem; para isso algumas condições favorecem ao seu uso, como: flexibilidade, reusabilidade, atualização, customização, interoperabilidade e acessibilidade. Independentemente desses fatores positivos, ainda há uma resistência por parte dos professores em seu uso e operacionalização, no entanto, os objetos de aprendizagem favoreceram a melhora do raciocínio e o alcance dos resultados, potencializando as reflexões e o pensamento crítico.	J. Health Inform.
6	2011	Estratégias de Ensino do cuidado em enfermagem: um olhar sobre as tendências pedagógicas	D. D. LAZZARI et al.	Determinar estratégias de ensino para os conteúdos e conceitos imbricados no cuidado, configura-se um desafio para educadores na área da enfermagem	Estudo de caráter qualitativo descritivo-exploratório que possibilitou conhecer as estratégias empregadas para ensinar no processo de cuidado na enfermagem, em que se que as experiências e vivências são as formas mais adotadas, assim como observação e discussão. A competência técnica ainda é privilegiada, desconsiderando o aprendizado voltado para o desenvolvimento de postura crítica e reflexiva. Assim como nos demais artigos, já explanados, recomenda-se a capacitação do docente na área de ensino, seja em ambiente de ensino superior ou em instituições de saúde, de forma que sejam motivados ao conhecimento pessoal e profissional.	Rev Gaúcha Enferm

Quadro 14 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DO AUTOR	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
7	2011	Panorama da educação à distância em enfermagem no Brasil	P.T. ROJO et al.	Realizar um mapeamento nacional de forma a identificar os cursos de ensino superior de enfermagem na modalidade educação a distância	O desenvolvimento da educação a distância ainda é tímido no campo de enfermagem. Embora venha se apropriando dessa modalidade, ainda continua de forma incompleta. O autor conclui que o Ensino a Distância com qualidade proporciona condições favoráveis tanto de formação como de aprimoramento, uma vez que, assim como explanado pelo autor (5), permite flexibilidade e maior interação.	Rev Esc Enferm USP
8	2011	O ensino superior de enfermagem: implicações da formação profissional para o cuidado transpessoal	E. C. D. A. NUNES et al.	Conhecer as percepções de acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem acerca de sua formação para o cuidado transpessoal.	O autor demonstra a importância de um novo modelo de agir e pensar no processo de aprendizagem e a resignificação do modelo de professor para que possa atender às demandas e exigências do futuro. Assim como já explanado em artigos anteriores, de descritores diferentes, há a necessidade de preparar o professor tanto para o novo modelo de processo de aprendizagem, como para as tendências de tecnologia.	Rev. Latino-Am. Enfermagem

Quadro 14 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DO AUTOR	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
9	2011	Educação permanente e qualidade da assistência à saúde: aprendizagem significativa no trabalho da enfermagem	N. A. RUFINO et al.	Descrever as práticas transformadoras aplicadas pelo enfermeiro assistencial como elemento facilitador do processo ensino-aprendizagem	Independentemente do processo de tecnologia, surge, cada vez mais, a preocupação em elaborar programas mais direcionados e específicos para as equipes de saúde, de modo a atrelar a necessidade de qualificação da assistência de enfermagem. O autor apresenta o paradigma do contexto histórico, demonstrando que o processo de mudança no ensino-aprendizagem, vem sofrendo, ao longo dos anos, grandes modificações, até para buscar a melhoria da qualidade nos processos, principalmente no contexto de saúde, em que a busca é contínua. Assim como em outros textos, o artigo também traz o conceito de educação permanente como o encontro entre o mundo da formação e do trabalho, transformando o indivíduo para atuar na sociedade, colocando em evidência mais uma vez a necessidade de termos professores que promovam um processo de aprendizagem protagonista e de desenvolvimento para melhores práticas que permita o desenvolvimento e a capacidade de reflexão.	Chia, Colombia

Quadro 14 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor educação em enfermagem de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	NOME DO AUTOR	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
10	2010	Educação Permanente em Saúde: Reflexões e desafios	E. M. P. GUIMARÃES et al.	Apresentar algumas perspectivas e tendências da educação em saúde e na enfermagem, com ênfase em educação permanente. Analisar a importância dos avanços tecnológicos e sua incorporação no processo de ensinar e de aprender.	As mudanças no mundo contemporâneo têm gerado transformações significativas no processo de ensino-aprendizagem. Para alguns autores, a implementação de metodologias inovadoras deve ser implementada com consenso nas instituições, de modo que todos os alunos e professores façam um bom uso delas. O grande desafio nas instituições é adotar um modelo de educação que permeie todos os processos e profissionais de modo que faça parte do dia a dia e da melhora da qualidade no processo de trabalho. Isso é o verdadeiro reflexo da educação nas práticas profissionais.	Ciência Y Enfermaria
11	2010	A interface entre o ensino do processo de enfermagem e sua aplicação na prática assistencial	L. N. AMANTEI	Refletir sobre o ensino do Processo de Enfermagem no curso de graduação em enfermagem	Diferentemente de outros autores, este afirma que, tanto para o professor como para o aluno, há mudança no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que adotar novas metodologias de ensino favorece à prática assistencial, bem como encoraja e motiva o aluno a fazer parte desse processo, modificando perspectivas. Isso traz um novo desafio para a formação profissional, a qual se considera um novo saber, pois o processo de enfermagem como tecnologia exige a abertura de um raciocínio clínico integrado e pensamento crítico.	Rev. Eletr. Enf

Para complemento do estudo em questão, propiciando a interação do processo de aprendizagem com as gerações, as principais bases de dados consultadas foram a SIBi/USP – Portal de busca integrada, *Scielo Social Sciences*, Buscador coruja – Buscador Aberto de produção científica, LUMEM – Sistema de Bibliotecas PUC- SP, Portal de Periódicos CAPES, com foco em Revistas de Administração e Psicologia. Relacionado ao tema “Gerações” foram encontrados sete artigos, conforme o descritivo do Quadro 15.

Quadro 15 - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor geração de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
1	2014	O sentido do trabalho: uma análise à luz das gerações x e y	A. P. P. TEIXEIRA et al.	Analisar o sentido do trabalho para as gerações X e Y e sua significância	O autor aborda sobre a mudança do mercado de trabalho frente aos processos de tecnologia, observando que há uma necessidade de reorganização, inserindo, dentro do ambiente de trabalho, a inovação, a criatividade e a flexibilidade para lidar com as gerações, principalmente no que se refere à Geração X e Y. De modo geral, após a pesquisa, observou-se que ambas as gerações concordam que o trabalho é algo que permite o aperfeiçoamento em âmbito profissional e pessoal, no entanto, o sentido de trabalho expressado pelo autor como o entendimento dos funcionários, o que eles fazem no trabalho, bem como o significado de como fazem. Para essa nova geração o sentido de trabalho é aquele que reconhece as competências do indivíduo e recompensa através de um ambiente seguro e prazeroso que permita as iniciativas para melhorar os resultados e aperfeiçoar-se.	UnilaSalle

Quadro 15 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor Geração de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
2	2012	Perfis de Carreira da Geração Y	H. T. D. CORDEIRO	Entender de qual forma indivíduos da Geração Y percebem e se posicionam em relação as suas carreiras	A dissertação apresenta os perfis de carreira da Geração Y e o sentido de trabalho. Assim como o autor anterior, expressando que o sentido de trabalho dessa geração é total, chegando à conclusão de que os indivíduos mais jovens se socializam em ambiente moderno e adequam seu perfil de carreira a essa realidade. O autor afirma que é de extrema importância que as empresas se adaptem a esse novo perfil de gerir pessoas. A palavra do momento deve ser flexibilidade, uma vez que o desenvolvimento dos jovens está atrelado às expectativas pessoais	Dissertação Pós-Graduação USP
3	2010	A Geração Y e Suas Âncoras de Carreira	K. C. A. VASCONCELOS et al.	Identificar e discutir as âncoras de carreira presentes na Geração Y.	O autor do artigo traz como foco as práticas de gestão de pessoas relacionadas à administração de carreiras identificando dois eixos temáticos: o entendimento de carreira como uma sequência de experiências pessoais e profissionais e a necessidade do indivíduo de buscar novas formas para se adaptar à mudança, sendo mais proativo, responsável por sua carreira e menos dependente das organizações. Reforça que os profissionais dessa geração são ligados em tecnologia, contribuindo para a vida digital, no entanto, todas essas mudanças trazem tensões e revelam o despreparo psicológico para os jovens atuarem como protagonistas na vida profissional.	Revista Gestão.Org

Quadro 15 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor geração de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
4	2014	Juventude, Trabalho e Educação Superior e Geração Y em análise	B. S. BORGES	Ampliar o debate sobre Geração Y, considerando o universo atual e as condições de trabalho e educacionais	O autor afirma que a Revolução Tecnológica tem trazido jovens com um perfil bem diferenciado para o ambiente de aprendizagem, e, com todo esse processo, é necessária uma adequação à nova era, o novo aluno e o novo trabalhador. Dessa maneira, o professor precisa se ajustar às novas mudanças dessa geração, que brevemente estará no mercado de trabalho, mas que não é uma geração passageira. Paralelamente ao mercado de trabalho, o foco para o processo de aprendizagem, o jovem cria oportunidades e, assim, surgem novos desafios para o nível de ensino. As oportunidades nascem a partir do contato com a tecnologia, capacidade de flexibilidade, diversidade e, por outro lado, ocorre a superficialidade com o pensamento crítico, hábitos de leitura, e opiniões ingênuas. Assim, o estudo conclui que as atitudes em sala de aula, junto aos professores, precisam ser repensadas e desdobradas, promovendo mudanças. A audácia dessa geração proporciona novos desafios na relação aluno-professor.	Dissertação Pós-Graduação USP
5	2014	Do revolucionário juvenil ao evolucionário geracional: aproximações e protagonismo social das gerações X e Y	V. BRANDINI	Analisar a perspectiva sociológica e também comunicacional da Geração Y	Denominada como Geração Internet pelo autor, a Geração Y tende a trazer novas tecnologias de comunicação e produção, advento que se consolidará e ampliará as demais gerações, assim como já mencionado pelos demais autores.	Revista Acadêmica Augusto Guzzo

Quadro 15 (continuação) - Demonstrativo dos artigos relativos ao descritor geração de acordo com o ano de publicação, nome do autor, objetivo e periódico de publicação. São Paulo, 2016.

Nº	ANO	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	PRINCIPAIS PONTOS E CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS	PERIÓDICO
6	2015	Geração digital, geração net, millennials, geração Y: refletindo sobre a relação entre a juventude e as tecnologias digitais	C. MARTINS	Refletir criticamente sobre a relação das juventudes discutindo a abordagem geracional	O objetivo do estudo é refletir sobre a relação da nova geração, também denominada aqui como millennials, e sua relação com a tecnologia, considerando que, por audaciosa que tenha sido a entrada da Geração Y, a inclusão digital ainda é um desafio, assunto relevante para o processo de aprendizagem já explanado anteriormente. Na era da tecnologia e com o desafio de nem todos os profissionais terem acesso a ela, é papel das instituições de ensino desenvolver competências atreladas à fluência digital, bem como envolver a sociedade a qual faz parte.	UnilaSalle
7	2012	Diferentes Gerações e Percepções sobre Carreiras Inteligentes e Crescimento Profissional nas Organizações.	E. F. R. VELOSO R.C. SILVA J. S. DUTRA	Analisar a possível relação entre a percepção das carreiras inteligentes e a percepção sobre o crescimento profissional nas organizações, considerando as distintas preferências e visões de mundo das gerações <i>Baby Boomers</i> , X e Y.	Os autores analisam a relação entre a percepção das carreiras e o crescimento profissional das instituições, considerando as distintas preferências e visões de mundo das gerações <i>Baby Boomers</i> , X e Y. Apresentam que, assim como as instituições, as carreiras também sofreram impacto no processo de globalização, tecnologia e diversidade no ambiente de trabalho. Os autores traçam os perfis das gerações e sua característica particular, por meio de escalas específicas trabalhadas por Dutra anteriormente. No entanto, houve delimitações estatísticas não sendo possível realizar a comparação estimada.	Revista Brasileira de Orientação Profissional

A discussão será realizada levando em consideração a sequência apresentada nos resultados.

6.1 Caracterização da produção científica

A partir da análise dos artigos e a categorização dos descritores, bem como a apresentação de síntese de cada artigo, consideram-se relevantes os pontos da discussão para embasar o contexto da sugestão da proposta.

Dentre as Bases de Dados pesquisadas, 53% dos artigos estão correlacionados à *Scielo*, tendo sido encontrados artigos de todos os descritores com ênfase em educação em enfermagem. A Base de Dados SIBi e Lilacs foram utilizadas para o descritor específico de aprendizagem e tecnologia educacional.

Da categoria dos descritores selecionados, no que tange à tecnologia educacional, foram encontrados 71 artigos e selecionados apenas 9; aprendizagem, 790, sendo elencados apenas 21 para a pesquisa; Educação em Enfermagem, 997, sendo selecionados apenas 11 e educação continuada em enfermagem 27 artigos e selecionados apenas 3. A distinção dos termos educação continuada e educação em enfermagem caracterizou-se pela amostra do estudo no que diz respeito a processos de aprendizagem formal e à importância do desenvolvimento profissional nas instituições. Desse modo, a distinção possibilitou adotar os dois termos selecionando a pesquisa com o enfoque para a questão norteadora. O contexto geração foi incluído como complemento da pesquisa base e dos objetivos propostos, em base de dados de acesso à área de administração e psicologia, sendo encontrados 11 artigos com enfoque em educação e desenvolvimento profissional.

Notam-se considerações importantes e distintas que abordam sobre aprendizagem. Alguns artigos trazem associações com estratégias de aprendizagem, outros traçam um paralelo com o uso da tecnologia, mas que se inter-relacionam e se complementam significativamente. Considerações importantes são trazidas em

tecnologia educacional quanto ao processo educacional e as possibilidades de comunicação e aquisição de informações, focalizando que o processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer onde existam tecnologias disponíveis e adequadas, de modo que a flexibilidade favoreça ao aprendizado, mediado pelo professor fomentando as discussões futuras.

No que se refere à “Educação Continuada em Enfermagem” foram encontrados artigos que embasam a fundamentação teórica e o contexto histórico do processo de educação, no entanto, foram selecionados apenas três artigos que abordam a participação dos enfermeiros nesse processo, bem como a percepção no campo de atuação, facilidades e dificuldades

Relacionado ao tema “Educação em Enfermagem” foram encontrados artigos associados a estratégias de ensino e selecionados onze artigos com enfoque em modelos de educação que permeiam os processos do dia a dia e o reflexo na prática profissional.

6.2 Categorização da produção científica

Quando alertamos sobre a mudança no processo de educação, devemos ponderar que todo esse processo vai muito mais além da formalização do processo em sala de aula, considerando que passamos por mudanças culturais. O papel da família no século XXI passou de ser transmissora de determinados assuntos para ser orientadora e instigar o jovem a buscar sua própria visão. Os meios de comunicação estão mais acessíveis, gerando, em algumas situações, um déficit de socialização presencial, uma vez que o acesso às informações cabe na palma da mão (BORGES, 2014), atrelado significativamente ao contexto de tecnologia educacional.

Vale lembrar que o jovem, ao participar de fóruns na *internet*, *blogs*, redes sociais, está criando laços com outras pessoas, por afinidade de gostos, conhecimentos, cultura, entretanto, existe o perigo de se avaliar e julgar a partir dessa “afinidade” e promover um sistema de intolerância à interação e aos relacionamentos. (SANTOS NETO; FRANCO, 2010).

Frente a tal mudança social, há dois processos que não podem ser deixados de lado: o processo educacional e a inclusão desse profissional no mercado de trabalho bem como a influência da tecnologia.

No processo de aprendizagem tradicional, é possível afirmar que algumas diretrizes do século passado ficaram enfraquecidas, como a transmissão de conteúdo em sala de aula, que passa a competir com os avanços das tecnologias de educação a distância, além de assumirem um papel significativo em desenvolver a capacidade de pensamento crítico e fortalecer os domínios de aprender a aprender, já descritos anteriormente. (MANTOVANI; SANTOS, 2011; BORGES, 2014).

As gerações mais recentes são testemunhas e coautoras de uma ruptura de paradigmas em seu processo educacional, ao confrontar o mundo que está sendo vivido com o mundo ao qual está conectado, trazendo conhecimentos adquiridos anteriormente e estando aptos a questionar e validar as informações transmitidas pelo educador. Desse modo, a percepção de valores, a construção de raciocínio e a defesa de seu ponto de vista tornou-se muito mais complexo do que se imagina. (BORGES, 2014).

Atualmente, o desafio da aprendizagem permeia os dois principais atores: professor e aluno. Pedir a um jovem a leitura de um artigo ou de um livro sobre Controle de Infecção, por exemplo, pode se tornar uma tarefa morosa e por vezes inconclusiva. Se concluída, sem dúvida essa tarefa poderia ser “fácil demais” ao aluno, uma vez que o recurso da internet possibilitaria um “copiar e colar” e a tarefa seria cumprida sem que ao menos ocorresse a

leitura ou o questionamento sobre o que fora escrito, não formando uma visão crítica. (BORGES, 2014).

Segundo os conceitos de andragogia, o aluno precisa sentir-se motivado e o conteúdo precisa ser aplicado para suas atividades profissionais ou pessoais, assim o professor, dos dias de hoje, precisa desafiar o aluno ao solicitar uma tarefa.

Seguindo o exemplo do parágrafo anterior, ao solicitar que o aluno leia sobre Controle de Infecção, deve-se pedir, como resultado da tarefa, a comparação dos indicadores de infecção por sonda vesical de demora de um hospital privado e de um hospital público, ressaltando as similaridades, as consequências, e quais os planos de ação que o aluno sugere considerando um determinado contexto. Esse seria um modelo de problema complexo para os alunos das gerações mais recentes que demanda o raciocínio que precisa ser elucidado e não se encontra numa simples “zapeada” (termo utilizado pelos jovens ao usar o *WhatsApp*) ou “googlada” (termo utilizado para pesquisas no Google). (BORGES, 2014).

As crianças e jovens (Y e Z) navegam na rede livremente, seduzidas por sua estrutura, que é uma metáfora de nosso pensamento fluido e não linear. Por isso é tão doloroso para muitos jovens, hoje, a leitura de um livro. Ela é limitada, engessada, não faz hiperlinks diretos [...] O jovem quer saber mais sobre o tema, mas o livro não lhe dá a possibilidade do link direto. A internet, sim. Em menos de um minuto, ele não só saberá muito sobre o tema como poderá ver imagens. (SANTOS NETO; FRANCO, 2010, p. 15).

O processo educacional e a construção da percepção de mundo estão em constante transformação, com alunos que passaram a ser mais visuais. A linearidade do pensamento sendo quebrada com a possibilidade de se navegar pela *internet*, onde o ir e voltar é possível, traçar conexões, ler simultaneamente textos sobre o mesmo assunto, entre outros. Tais situações se desenvolveram a partir da geração anterior (Geração X), em que a televisão era o principal meio de comunicação, que permitia o controle remoto, assim como o acesso a diversos canais e suas

conexões. Diferentemente dessa geração, a geração da *internet* apresenta mais dificuldades de se adaptar aos modelos formais de educação. Tal fato deixa clara a necessidade de pensarmos em um novo processo de educação não linear e fluido. (BORGES, 2014).

Sobre a transformação do processo educacional que está ocorrendo e que ainda está por vir, e a inserção do jovem no mercado de trabalho, diversos autores afirmam que, por um bom tempo, coexistirão professores atuando com os paradigmas do processo ensinar a aprender descritos no livro e adotados em sala de aula, ainda que não seja o modelo ideal. Por mais que tenha funcionado até os dias de hoje, as novas gerações romperam tais paradigmas e demonstram interesse em construir um novo meio de aprender e ensinar. (SANTOS NETO; FRANCO, 2010).

De acordo com Andriola (2012), obtivemos uma evolução do conceito do aprendizado, considerando:

- **Aprendizagem como aquisição de respostas:** trata-se de uma ideia de aprendizagem associacionista, mecânica e determinada.
- **Aprendizagem como aquisição de conhecimentos:** centra-se no estudo dos processos mentais, isto é, nos mecanismos internos que estão subjacentes ao comportamento humano, dando pouca importância aos elementos externos ao organismo.
- **Aprendizagem como construção de significados:** o aluno já não se limita a adquirir conhecimentos, antes os constrói usando a experiência para compreender e modelar o novo.

Tal evolução possibilita considerar que estamos vivendo em um mundo de paradoxos, como a coexistência da realidade da nova geração imediatista, e as gerações que valorizam e estimulam a presença em sala de aula. Os professores e educadores têm a missão de se preparar e desenvolver a capacidade de trabalhar com ambas as situações. (SANTOS NETO; FRANCO, 2010).

Ao falarmos dos professores, a realidade é que muitos cresceram em um tempo em que a televisão foi o principal meio de comunicação em massa. O aprendizado e o contato com o mundo ocorriam em sala de aula por intermédio do que era transmitido pelos professores; o jornal tinha que ser lido todos os dias, etc. Os alunos atuais vivem em uma realidade tecnológica e virtual muito diferente: *internet*, celulares *smartphones*, aplicativos, *videogames*, “avatares” e perfis em redes sociais. É natural que tais diferenças provoquem o reinventar do papel do professor. (SANTOS NETO; FRANCO, 2010).

Para o sucesso deste modelo de aprendizagem, o professor precisa estar imerso nessa nova realidade, e na construção de um novo conhecimento. De acordo com Santos Neto e Franco (2010), é necessário conhecer as novas gerações e suas características, bem como suas possibilidades e limites, a linguagem, e o pensar, não individualizado no aluno e, sim, no seu papel e importância no mundo em que vive presencial ou digitalmente.

Todas as gerações foram impactadas pela transformação do mundo e, de um modo geral, toda a questão trazida pelas novas metodologias, modelos de aprendizagem e gerações geram impactos no mercado de trabalho. Deve-se considerar que o novo profissional não se limita à geração Y, mas engloba todos os futuros formados com essa mescla de gerações e mudanças sociais.

As organizações exigem competências que são recentes na literatura, e, dessa forma, há poucas chances de preparar os jovens durante a fase escolar. Por um lado, a geração *Baby Boomer* busca um trabalho com estímulo de relacionamento interpessoal e profissional, na qual, o processo de aprendizado deve ser baseado na experiência e acumulado ao longo dos anos; por outro, as gerações X e Y que buscam um trabalho que possibilite seu desenvolvimento em um processo de aprendizagem contínuo e imediato, uma vez que o imediatismo é característica da geração X e Y. (DUTRA; SILVA; VELOSO, 2012).

Podemos afirmar que chegamos à era da Educação 3.0 ou Educação Interativa Significativa, como dito por alguns autores. E compreende-se, dessa forma, que as tecnologias móveis serão uma das grandes ferramentas para o aprendizado em saúde, podendo expandir as experiências e material educacional necessário para o desenvolvimento do profissional. Tudo isso é a base do movimento *maker* (o “aprender com a mão na massa”) que os alunos façam, reflitam e entendam por que estão estudando aquilo e como o aprendizado se encaixa em seu contexto pessoal e profissional.

De acordo com Bastable (2010), não há um método perfeito de se ensinar, nem mesmo a metodologia mais adequada, no entanto, considerando as gerações e o desafio dos professores em sala de aula, o ideal seja identificar a metodologia mais adequada para cada tipo de geração, considerando que o meio em que as pessoas convivem e sua cultura pode influenciar no processo de aprendizagem.

As abordagens tradicionais de ensino mostram-se cada vez mais obsoletas, e, com isso, ficamos frente ao desafio de acompanhar o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e as possibilidades de proporcionar os recursos. (GARCIA, 2014).

Outrossim, a sala de aula deve ser vista como ambiente de aprendizagem, mas não exclusivo, sendo progressivamente substituído pelo espaço virtual e, nesse contexto, o papel do aluno será modificado, exigindo que ele seja agente ativo e colaborador do processo de produção de conhecimento. (THOMAS; BROWN, 2011).

As necessidades de aprendizado também se modificam no que diz respeito ao cenário da instituição, sendo necessário alavancar o desempenho da equipe, ligado a modificações comportamentais e aumento de desempenho, dessa forma, o processo de assimilação isolado passa a se tornar um processo orgânico, social, coletivo. O aluno passa de receptor de informação

para responsável pela construção de seus saberes, assim como explanado em conceitos anteriores. (SANTOS; RADIKE, 2005).

No contexto de Educação em Enfermagem, os autores trazem a preocupação da divergência entre teoria ensinada em sala de aula com o que é implementado na prática profissional, sendo importante a necessidade constante da busca de conhecimento e aprimoramento profissional, formatando programas adequados e direcionados para atrelar a necessidade de qualificação da assistência de enfermagem.

Para que essa atuação seja de alto desempenho, os gestores e profissionais da área de capacitação estão sendo desafiados a atingirem objetivos estratégicos de modo atrativo e engajado. Assim, as metodologias inovadoras de aprendizagem começam a ganhar espaço nas instituições, principalmente no contexto de educação continuada em enfermagem, uma vez que são práticas fundamentais para a transformação do trabalho no setor de modo que possa ser um lugar para um desempenho crítico, reflexivo, e técnico.

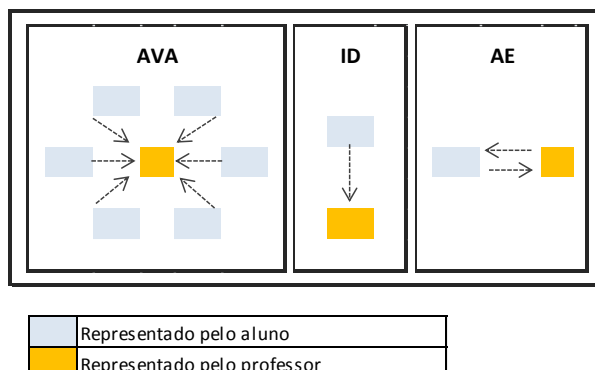
**7 ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE NOVAS
GERAÇÕES DE ENFERMEIROS: UMA NOVA
PROPOSTA**

A sistematização das estratégias educacionais direcionadas ao desenvolvimento profissional de enfermeiros foi baseada na revisão integrativa e, a partir da identificação nos artigos, estes foram agrupados em três categorias de acordo com a similaridade do método de transmissão de conhecimento e correlacionados às gerações, levando-se em consideração as características das mesmas, são elas:

- **Categoria 1 - Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA)** – esses ambientes se constituem em uma rede de aprendizado que permite integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos; apresentar informações de maneira organizada; desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento.
- **Categoria 2 - Instrução Direta (ID)** – baseia-se no método tradicional de ensino bem desenvolvido, que prevê um facilitador como transmissor do conhecimento.
- **Categoria 3 - Aprendizado por Experiência (AE)** – constitui-se em um método de aprendizagem, no qual o profissional aprende fazendo, praticando suas habilidades e por meio da troca direta de experiências.

Na representação gráfica do Quadro 16, podemos perceber a troca de informações e a interação das estratégias educacionais no desenvolvimento profissional.

Quadro 16 - Interação das categorias de estratégias educacionais no desenvolvimento profissional.



Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2016.

A estratégia educacional escolhida deve estar pautada em estudos que evidenciam a mudança de comportamento e os resultados organizacionais, devendo ser suficientemente persuasivas, informativas e relevantes para o aprendizado.

Simões (2013), afirmou que as modificações do perfil epidemiológico da população, (nova geração) levaram a modificações do processo de trabalho em enfermagem, necessitando que o enfermeiro capacite seus funcionários, considerando as diferenças existentes entre os processos educacionais. Portanto, é preciso empenho e métodos educativos que atinjam os objetivos propostos à educação desses profissionais, sendo necessária a criação de estratégias que encorajem a participação destes em sua capacitação profissional.

Determinar estratégias de ensino para os conteúdos e conceitos imbricados no cuidado, configura-se em um dos principais desafios para a área de ensino destas instituições. (LAZZARI, 2011).

As três categorias terão suas estratégias, que foram identificadas na revisão integrativa, descritas e apresentadas a seguir:

Categoria 1 – Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Esta categoria Ambientes Virtuais de Aprendizagem é composta por 7 estratégias, descritas a seguir:

Podcast – Proposto por Coutinho e Alves (2010), o termo *podcast* tem sua origem na mescla da palavra pod (que vem de iPod) com cast (que vem de broadcast, que é a transmissão de áudio para vários equipamentos e pessoas ao mesmo tempo). É um método de publicação de arquivos digitais de curto tempo que ficam armazenados e podem ser ouvidos a qualquer momento (SEABRA, 2010)

WhatsApp – Proposto por Coutinho e Alves (2010) constitui-se em um aplicativo multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular, gratuitamente, criando grupos de participantes com mensagens, imagens, vídeos e áudios ilimitados, permitindo a construção do conhecimento de forma coletiva, de modo que os participantes do curso possam interagir e compartilhar informações. (OLIVEIRA et al., 2014).

Vídeo Conferência – Skype / Google talk – Proposto por Coutinho e Alves (2010), possibilita a interação com outros alunos em qualquer lugar do mundo e horário, possibilitando ampliar horizontes e conhecimentos. A técnica é geralmente usada para aprender novos idiomas, conectar com outras culturas, leitura de textos, e pode ser expandido para reuniões com outros profissionais, permitindo a troca de informação. Assim, a videoconferência implica em mudanças no estilo de aprendizagem, como na estratégia de ensino, tornando o tempo de preparação de uma aula muito maior do que a preparação de uma aula face a face. (SEABRA, 2010).

Blogs – De acordo com a proposta de Germani et al., (2004), o *blog* é uma página publicada na *internet* com assuntos que tendem

a ser organizados cronologicamente (assim como um diário). O método permite que outros profissionais ou alunos postem comentários aos textos publicados, ampliando a rede de conhecimentos, e a necessidade de atualização dos conceitos. (SEABRA, 2010).

Ensino a Distância (EAD) – Scorsolini-Comin (2013) apresenta a EAD como estratégia de aprendizagem e avaliação. Oliveira (2007) descreve como uma Modalidade de ensino que facilita o processo de aprendizagem para compartilhar conhecimentos, habilidades e atitudes, com a ajuda de recursos didáticos organizados e *on-line*. O ensino a distância resulta da combinação entre os processos de educação e de comunicação em massa, permitindo o alcance de um grande número de pessoas e de grupos, pela possibilidade de utilização de variados recursos tecnológicos.

Hipermídia – Assim como conceituado por Holanda et al., (2015), a hipermídia é a relação entre os conceitos de hipertexto e multimídia. Entende-se por multimídia, múltiplos meios usados na representação de uma informação (texto, imagem, áudio, animação e vídeo). Hipertexto é um sistema onde a informação em geral aparece na forma de texto, organizada não sequencialmente, por meio de ligações entre palavras-chave. A hipermídia pode ser vista como a intersecção entre a multimídia e o hipertexto, descartando o processo de leitura sequencial nos moldes tradicionais e permitindo que o conceito seja apresentado através de diversos elementos estruturais conforme as experiências e habilidades deles frente a um novo conceito. O instrutor tem a autonomia e flexibilidade de utilizar este recurso em aula presencial, interação no laboratório de informática com o objetivo de exemplificar conceitos ou de criar contextos para que os alunos exponham suas próprias concepções. (REZENDE; BARROS, 2005).

Softwares Educativos – Considerado educacional, assim como explanados por Mantovani e Santos (2011), quando utilizados de maneira adequada no processo de ensino-aprendizagem, o que deve ser levado em consideração é o seu desenvolvimento fundamentado em uma teoria de aprendizagem e a capacidade que o aluno tem de construir de forma autônoma o processo de aprendizagem. Atualmente está sendo responsável por estimular o raciocínio lógico e a autonomia do aluno em fazer interferências, levantar hipóteses e tirar conclusões. (JUCA, 2006).

Categoria 2 – Instrução Direta

A Instrução Direta é composta por cinco estratégias, que serão descritas a seguir:

Aula expositiva – Explanado por Paviani (2014), método estruturado, tradicional, que consiste de introdução do assunto, desenvolvimento e conclusão, na qual, a transmissão do conhecimento é realizada de forma oral e diretamente aos grupos, no entanto, podem apresentar limitações a depender do professor e do grupo que recebe, uma vez que a experiência do professor pode contribuir substancialmente para a compreensão do aluno no tema proposto. (BASTABLE, 2010).

Discussão em Grupo – Natel, Tarcia, e Sigulem (2013), apresentam a discussão em grupo, que é um método de ensino em que os aprendizes se reúnem para troca de informações. Tal técnica é focada no aprendiz, e o papel do professor é agir como facilitador para manter o foco da discussão e aconselhar de forma apropriada, considerando que o nível de entendimento pode ser diferenciado por participante e acarretar em dados incorretos. (BASTABLE, 2010).

Trabalho em Grupo – Explanado por Paviani (2014), são ações educacionais em grupo que permitem aos alunos troca de aprendizado e experiência, vivenciando situações e formulando raciocínios que não foram pensados individualmente. Assim como o próprio autor defende, o trabalho em grupo proporciona a complementação dos métodos de ensino, contextualizando a formulação dos problemas de pesquisa e o uso de teorias;

Seminários – Têm a intenção de proporcionar ao aprendiz a busca pelo conceito, permitindo examinar teorias e sua aplicabilidade, associadas às demais estratégias de aprendizagem. (PAVIANI, 2014).

Ensino por Projetos – Explanado por Paviani (2014), assim como nas demais metodologias, o ensino por projeto, defende a ideia de que o aluno aprende participando, tomando atitudes diante dos fatos, investigando, construindo novos conceitos e informações, e selecionando os procedimentos apropriados quando diante da necessidade de resolver problemas ou finalizar o projeto. Alguns autores denotam que o ensino por projetos é diferente de aprendizagem por projetos, no entanto, a ideia central é fazer com que o aluno interaja e participe do seu aprendizado diante de um projeto de começo, meio e fim. (BASTABLE, 2010).

Categoria 3 – Aprendizado por Experiência

Esta categoria é composta por duas estratégias, que serão descritas a seguir:

Ensino baseado em Problemas - Explanado por Paviani (2014), a educação problematizadora trabalha a construção de conhecimentos a partir da vivência de experiências significativas. Trabalham intencionalmente com problemas para o desenvolvimento dos processos de ensinar e aprender, em que os conteúdos são

oferecidos ao aluno em sua forma final, sendo oferecidas na forma de problemas, cujas relações devem ser descobertas e construídas pelo aluno, que precisa reorganizar o material, adaptando-o à sua estrutura cognitiva prévia, para descobrir relações, leis ou conceitos que precisará assimilar. (PARMELLE et al., 2012).

Laboratório e experimentos – A especificidade dessa metodologia trazida por Paviani (2014) possibilita reproduzir resultados em ambiente controlado, desenvolvendo habilidades e competências associadas não somente com o ensino, mas também com pesquisas. É um meio prático e ativo para observação, mediação de conhecimentos, informações e comportamentos. (PAVIANI, 2014).

Independentemente das estratégias abordadas na revisão integrativa, observa-se, em literatura, que há mais estratégias que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, de acordo com as categorias detalhadas e que serão apresentadas a seguir:

Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Jogos – Método instrucional que utiliza jogos para o aprendizado. A meta é que o conhecimento seja aplicado diante do desafio, podendo ser *on-line* ou não. Os jogos permitem a interatividade e a competitividade sadia, para tanto, as regras precisam ser claras e cabe ao professor definir o objetivo adequado para o processo de aprendizagem, gerando mais conhecimento e não apenas dinamismo. (BASTABLE, 2010). Autores como Vygotsky, mantêm os estudos centrados na influência que a cultura e a sociedade exercem no brincar no que se relaciona à aprendizagem infantil, afirmando em seus conceitos que a brincadeira é um resultado da construção histórica e cultural da

sociedade. (CORDAZZO; VIEIRA, 2007). Entretanto, a experiência do adulto com os jogos remete à sensação de participação efetiva e produção do conhecimento. Do ponto de vista estrutural, o sentido e a necessidade de explicar as coisas, dar respostas ainda que provisórias, ganham um contexto significativo no jogo. (FONSECA; SCOCHI; MELLO 2002).

Homem Virtual - Utilizando recursos da computação gráfica, consiste no desenvolvimento de imagens tridimensionais das estruturas do corpo humano, tornando o Homem Virtual uma ferramenta educacional. A utilização da plataforma consiste em vídeos que funcionam como objetos de aprendizagem, que podem ser empregados em diferentes contextos, permitindo não só a compreensão da anatomia e fisiologia, mas também a demonstração ações dos medicamentos de técnicas de procedimentos cirúrgicos. (WEN, 2003).

Rede Social- Ambientes criados para promover interação com relações sociais e partilhar contatos e informações. Aos poucos vem ganhando espaço no processo de aprendizagem convergindo para a construção de um novo modelo educacional, embora não tenha sido criado com esta finalidade. (GARCIA, 2014). Uma vez que a rede social faz parte do novo universo entre alunos e professores, o espaço propicia o desenvolver de ações de aprendizado não formal (SANTOS; RADIKE, 2005), configurando um espaço inovador por meio do diálogo e da construção de saberes, mesclando nativos e imigrantes digitais de modo ativo e compartilhado. (GARCIA, 2014).

Plataformas Google – a *Google* disponibiliza ao seu público um conjunto variado de aplicativos *Web* de forma gratuita, em sala de aula. Tais ferramentas podem ser utilizadas para desenvolver algumas habilidades como o desenvolvimento da linguagem escrita,

a capacidade de aprender a aprender, a capacidade de interagir com ambientes interativos e colaborativos. Apresenta em seu portfólio suportes no processo de aprendizagem como **Google Acadêmico**. É possível aceder a uma ferramenta especialmente projetada para a localização de materiais científicos, ou seja, artigos, livros, citações e referências acadêmicas; **Google Maps** - ferramenta interativa que permite também a criação de trajetórias e rotas entre pontos escolhidos pelos utilizadores; **Google Earth**- exerce a visualização geográfica e cartográfica; **Google Tradutor** - ferramenta de tradução que permite a realização de conversões de texto *on-line*; **Google Questionários** - permite a construção de questões do tipo abertas ou escolha múltipla que podem ser enviados via e-mail; **Google Sites** - editor de texto gratuito disponibilizado pela Google para a criação rápida de sites sem a necessidade de grandes conhecimentos técnicos e de informática; **Google Talk** (estratégia já apresentada anteriormente)- ferramenta que permite aos seus utilizadores a comunicação síncrona, ou seja, alunos e professores podem comunicar-se a distância, esclarecer dúvidas, bem como diminuir as distâncias e favorecer à discussão e ao debate de ideias; **Google Calendar** - serviço de agenda e calendário *on-line* oferecido de forma gratuita. Poderá ter múltiplas funcionalidades, tais como a tutoria para agendar os diversos encontros presenciais, entre outros. **Google Livros** - consulta *on-line* de diversos livros. (BOTTENTUIT; LISBOA; COUTINHO, 2011); **Google Docs** - permite a criação de documentos, tabelas, apresentações e formulários *on-line*, sendo compartilhados com outras pessoas, com acesso inclusive pelo celular. Além de propiciar a mobilidade e a criação de textos de forma colaborativa, ajuda a melhorar os resultados de desempenho. Deve ser considerado como uma ferramenta de apoio. (MIRANDA et al., 2008).

Instrução direta

Instrução Individualizada – Envolve a transmissão do conhecimento atendendo às necessidades individuais de cada aluno. Deve ser adaptado aos objetivos em todos os três domínios de aprendizagem: Cognitivo, Afetivo e Psicomotor. O questionamento é uma excelente técnica para retorno do aluno frente à instrução, uma vez que o encoraja a trazer sua percepção e pensamento crítico. Como um exemplo, podem-se citar: orientações a pacientes em determinados planos de alta; *Feedback*, orientação de novas técnicas; informações pontuais de processos, etc. (BASTABLE, 2010).

Autoinstrução – Método usado para fornecer ou projetar atividades que guiam o aluno quanto aos objetivos da aprendizagem. Marcado pelo estudo independente, o papel do professor é um reforço e motivador do processo de aprendizagem. (BASTABLE, 2010).

Palavras Cruzadas – Tem como objetivo levar aos alunos um ensino mais dinâmico, em que é necessário um equilíbrio entre as funções lúdica e educativa para se obter um ensino adequado e uma aprendizagem significativa. As palavras cruzadas utilizadas como função lúdica, despertam o interesse dos alunos, devido ao desafio que lhes impõem; melhora a relação professor-aluno, auxilia o aluno na construção do conhecimento, reduz a evasão em sala de aula, devido as atividades propostas. Pode auxiliar o professor na identificação de dificuldades enfrentadas pelos alunos, principalmente quanto aos problemas de interpretação de conceitos e definições. (FIORUCCI et al., 2008).

Congressos – O congresso tem por objetivo atualizar o aluno nas práticas atuais, propiciando um maior conhecimento sobre o

tema, promovendo discussões e a formação de seu raciocínio crítico e lógico, mediante a um debate. (BASTABLE, 2010).

Storytelling – Vygostky já defendia que “o ato de contar histórias está intimamente associado ao senso de identidade dos povos”, afirmando que, para entender e representar sua experiência no mundo, as pessoas fazem uso de linguagens compostas por signos, que acabam por formar a base da cultura humana. A estratégia de *Storytelling* nos remete ao fato, em outras palavras, de transformar o processo de lembrança em prática. Em suma, *Storytelling* é o ato de contar uma história, com a finalidade da aquisição, estruturação e transmissão de conhecimento. (ALLEN; ACHESON, 2000). As histórias divertem, educam criam o desejo, imaginação, e permitem encontrar o lado da razão, possibilitando o desenvolvimento do pensamento criativo (CARVALHO; SALLES; GUIMARÃES, 2002). Os autores apresentam as características que facilitam o processo de aprendizagem:

- Transmitem sabedoria, experiência, informação e fatos;
- Moldam crenças e valores;
- Constroem conhecimento, memória e aprendizagem;
- Modelam o uso efetivo da linguagem;
- Proporcionam empatia
- Induzem novas perspectivas para ver outros tempos e mundos;
- Conectam as pessoas com os profundos aspectos da nossa humanidade;
- Unem passado, presente e futuro.

O *storytelling* possibilita que as pessoas interpretem as histórias com base em seu histórico de experiências, assim como fundamentam os princípios da Andragogia.

Aprendizado por experiência

Simulação Realística – Por meio de cenários clínicos, replica experiências da vida real e favorece um ambiente seguro, participativo e de interatividade, seguida de reflexão guiada que permite o impacto teórico e de estratégias que colaboram para a prática profissional. Kolb apud COUTO (2014) considera a simulação como um ciclo de aprendizagem experiencial.

Baseado na experiência concreta, permite ao participante identificar oportunidades de melhoria, sendo possível a observação e a contextualização do contexto, dando sentido ao que aconteceu. Permite a experimentação ativa auxiliada pelo debriefing que permite uma visão mais objetiva do desempenho (COUTO, 2014).

O método permite o desenvolvimento de competências como:

- Comportamentais (prática de habilidades não clínicas)
 - interação com a equipe multiprofissional, comunicação, manejo de crises, liderança, tomada de decisão, comunicação da má notícia, entre outras;
- Técnicas - urgências e emergências, processo de administração de medicamentos, protocolos, entre outros; (BASTABLE, 2010; SANTOS; LEITE, 2010).

Demonstração e Execução – É o método realizado para mostrar ao aluno como executar uma técnica, podendo estar associado à execução desta técnica ligado a prática monitorada. Tal método pode ser passivo ou ativo, uma vez que o aluno pode simplesmente assistir à técnica e realizá-la no dia a dia, como pode assistir e praticar a técnica. Para a área da saúde, este método é essencial por minimizar os riscos ao paciente, garantir a qualidade na assistência e reduzir a ansiedade do aluno. Cabe ao professor não fazer por ele e sim com ele, sanando dúvidas e corrigindo a técnica. (BASTABLE, 2010).

Modelagem – A aprendizagem a partir da modelagem é considerada pela identificação, desenvolvendo comportamentos desejados para determinadas habilidades e atitudes. O papel do professor é exercer a competência de “espelho”, influenciando positivamente o aluno para o melhor desempenho. (BASTABLE, 2010).

Dramatização – Método pouco usado, em que os alunos participam de uma representação teatral não ensaiada, diferentemente da simulação que está pautada em técnicas e habilidades, a dramatização desenvolve as ações colocando-se no lugar do próximo, diante de situações expressadas pelo professor. (BASTABLE, 2010).

Design Thinking – Termo de difícil tradução, podendo substituir por “projeto”, “criação”, considera-se como a forma mais ampla e eficaz de pensar sobre como resolver problemas e construir oportunidades, permitindo criar novas experiências ao aprendiz e um modelo de pensamento centrado no ser humano. Faz pensar de forma diferente e agir de modo diferente nos processos, uma vez que o modelo mental é inserido de forma colaborativa e engajada. (BROW; YAMAGAMI, 2010).

O processo de *Design Thinking*, se baseia nas seguintes fases:

- **Descoberta:** “Eu tenho um desafio – Como posso abordá-lo?” Todo o processo começa com a observação das pessoas envolvidas e no desafio das necessidades de cada projeto ou aprendizagem estarem abertos a novas oportunidades, inspirar-se e criar novas ideias.
- **Interpretação:** “Eu aprendi uma coisa – Como posso interpretá-la?” Durante a fase de Interpretação a perspectiva do aluno evoluirá e mudará. Será possível

relacionar o desafio à inspiração. Esta fase pode ser utilizada isoladamente para apoiar qualquer metodologia de aprendizagem envolvendo uma busca ampla pela absorção, compreensão e aplicação prática de um assunto ou tema estudado.

- **Ideação:** “Eu vejo uma oportunidade – Como eu posso criar?” Mais conhecido como *brainstorming*, é a oportunidade para o aluno expor suas ideias, de forma focada e objetiva.
- **Experimentação:** “Eu tenho uma ideia – Como posso concretizá-la?” Fase em que é possível colocar em prática as ideias e os projetos de modo organizado e sistematizado.
- **Evolução:** “Eu experimentei uma coisa nova – Como posso aprimorá-la?” Fase em que é necessário planejar os próximos passos, comunicar a ideia às pessoas que podem te ajudar e documentar o processo.

Representa uma forma visual de representar ideias e pensamentos, e envolve coletar e sintetizar informações, criar mapas mentais, propor e testar soluções rapidamente através de painéis coletivos – preenchidos com palavras-chave, *post-its*, recortes ou desenhos que expliquem claramente o desafio, sendo empregada para resolver problemas e estimular a criatividade.

No Quadro 17, estão apresentadas as estratégias educacionais que compõem as três categorias propostas, AVA, ID e AE:

Quadro 17 - Categorias de Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional de Enfermeiros.

Ambientes Virtuais de Aprendizagem	Instrução Direta	Aprendizado por Experiência
Jogos	Aula expositiva	Simulação Realística
<i>Podcast</i>	Discussão em grupo	Demonstração e Execução
<i>WhatsApp</i> [®]	Instrução individualizada	Modelagem
Vídeo Conferência – <i>Skype</i> [®] – <i>Google</i> [®] <i>Talk</i>	Autoinstrução	Dramatização
<i>Blogs</i>	Palavras Cruzadas	Ensino Baseado em Problemas
Ensino a Distância	Trabalho em Grupo	Laboratório e Experimentos
Hipermídia	Ensino por Projetos	<i>Design Thinking</i>
<i>Softwares</i> Educativos	Congressos	-
Homem Virtual	Seminários	-
Redes Sociais	<i>Storytelling</i>	-
Plataforma <i>Google</i> [®]	-	-

Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2016.

Consideramos que o papel do professor é essencial nesse processo de desenvolvimento. Dessa forma, para cada estratégia educacional foi elencado o papel do professor e do aluno, bem como as vantagens e suas limitações, tal como demonstrado no Quadro 18:

Quadro 18 - Vantagens e Limitações das Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional.

CATEGORIAS	MÉTODO	PAPEL DO ALUNO	PAPEL DO PROFESSOR	VANTAGENS	LIMITAÇÕES	REFERÊNCIAS
AVA	Jogos	Ativo	Supervisiona o ritmo. Questiona após a experiência.	Obtém o entusiasmo do aluno. Retenção da informação de modo lúdico. Acrescentam variedade à experiência de aprendizagem.	Ambiente competitivo demais para alguns aprendizes; disposição para participar.	BASTABLE, 2010; FONSECA; SCOCHI; MELLO 2002.
AVA	<i>Podcast</i>	Ativo	Disponibilizar materiais didáticos como aulas, documentários e entrevistas em formato áudio.	Interesse maior no processo de aprendizagem dos conteúdos dentro e fora do ambiente, auxiliando nos diferentes ritmos de aprendizagem (visto que os mesmos podem escutar inúmeras vezes um mesmo episódio) a fim de melhor compreenderem o conteúdo abordado.	Autodisciplina	BOTTENTUIR JUNIOR; COU TINHO, 2007

Quadro 18 (continuação) - Vantagens e Limitações das Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional.

CATEGORIAS	MÉTODO	PAPEL DO ALUNO	PAPEL DO PROFESSOR	VANTAGENS	LIMITAÇÕES	REFERÊNCIAS
AVA	<i>WhatsApp</i> [®]	Ativo	Disponibilidade em sanar dúvidas e criar conteúdos viáveis para o uso da plataforma.	Autonomia, portabilidade, mobilidade, facilidade de entendimento e flexibilidade.	Menor interação presencial.	ARAUJO; JUNIOR, 2015
AVA	Vídeo Conferência <i>Skype</i> [®]	Ativo	Utilizar a ferramenta para estreitar relacionamento e ampliar suas conexões, deve disponibilizar um conteúdo coerente e envolvente.	Oportunidade de se expressar de forma espontânea além de interagir com várias pessoas no mundo todo, não restringindo a comunicação entre duas pessoas, pois ele permite que várias pessoas se comuniquem simultaneamente.	Quantidade de pessoas por conferência, necessidade da internet de alta velocidade.	SILVA; SILVA, 2015
AVA	<i>Blogs</i>	Ativo	Incentivar o aluno a expor sua opinião e trazer conceitos vistos em sala de aula de uma forma multimídia, possibilitando a sanar dúvidas, e proporcionar o networking.	Ferramenta de uso simples e de fácil acesso.	Se não atualizado o conteúdo fica obsoleto.	SEABRA, 2010

Quadro 18 (continuação) - Vantagens e Limitações das Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional.

CATEGORIAS	MÉTODO	PAPEL DO ALUNO	PAPEL DO PROFESSOR	VANTAGENS	LIMITAÇÕES	REFERÊNCIAS
AVA	Ensino a Distância	Ativo	Propiciar uma plataforma de Ensino interativa com as informações adequadas para aquisição do conhecimento.	Ferramenta de uso simples e de fácil acesso, promovendo a flexibilidade.	A quantidade de pessoas envolvidas pode dificultar a interação e o envolvimento dos demais do grupo.	OLIVEIRA, 2007
AVA	Hipermídia	Ativo	Utilizar a Metodologia para complemento da aula.	Torna a aula mais interativa.	Se não for bem utilizada, pode resultar em dúvidas e contradições.	REZENDE; BARROS, 2005
AVA	<i>Softwares</i> Educativos	Ativo	Utilizar o software de forma adequada para inserção do conhecimento em sala de aula.	A metodologia é mais atrativa, propiciando novas formas de aprendizagem e interação com o grupo.	Se não for bem administrado pode resultar em competitividade entre os alunos.	JUCA, 2006
AVA	Homem Virtual	Ativo	Apoia ao professor na transmissão do conhecimento.	Permite associar o conhecimento construído em diferentes conceitos e objetivos específicos ao da sala de aula.	Disponibilidade de recursos e participação do aluno.	WEN, 2003

Quadro 18 (continuação) - Vantagens e Limitações das Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional.

CATEGORIAS	MÉTODO	PAPEL DO ALUNO	PAPEL DO PROFESSOR	VANTAGENS	LIMITAÇÕES	REFERÊNCIAS
AVA	Rede Social	Ativo	Coparticipante	Aprendizagem informal para troca de conhecimento e saber partilhado entre nativos e imigrantes digitais.	Informalidade e disposição para a participação do aluno.	GARCIA, 2014; SANTOS, RADIKE, 2005
AVA	Plataforma Google®	Ativo	Orientar o aluno a buscar o conhecimento e estratégias que facilitem o aprendizado, bem como observar o desenvolvimento do aluno de acordo com as entregas de tarefas.	Acesso compartilhado, superando a barreira de limitação física.	Disponibilidade de recursos e participação do aluno, veracidade das informações.	BOTTENTUIT; LISBOA; COUTINHO, 2011; MIRANDA et al., 2008
ID	Aula expositiva	Passivo	Apresentar a informação de forma clara seja por exposições de slides ou outra didática.	Custo-efetivo Visa a grandes grupos. Demonstra padrões, ideias principais. Fornecer informações prévias para o processo de aprendizado contínuo.	O aprendizado é em grupo, não sendo de forma individualizada. Não proporciona estímulo ao participante. Todos os alunos estão expostos à mesma informação, independentemente de suas habilidades cognitivas.	BASTABLE, 2010; PAVIANI, 2014

Quadro 18 (continuação) - Vantagens e Limitações das Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional.

CATEGORIAS	MÉTODO	PAPEL DO ALUNO	PAPEL DO PROFESSOR	VANTAGENS	LIMITAÇÕES	REFERÊNCIAS
ID	Discussão em grupo	Ativo	Orienta e mantém o foco na discussão	Estimula a partilha de ideias. É focada no aluno e no assunto. Reforça o método de aprendizagem anterior do assunto.	Participante tímido ou dominante pode apresentar limitações em dar continuidade. Altos níveis de diversidade. Tem a necessidade da participação do professor.	BASTABLE, 2010; PAVIANI, 2014
ID	Instrução individualizada	Ativo	Apresenta a discussão e facilita a aprendizagem individualizada	Adaptado às necessidades e metas individuais do aluno. Fornecer a possibilidade de <i>Feedback</i> imediato a ser partilhado.	Trabalho intenso. Isola o aluno, privando de informações partilhadas	BASTABLE, 2010
ID	Autoinstrução	Ativo	Possibilita o <i>Feedback</i> individual	Ritmo próprio. Estimula a aprendizagem ativa. Inclui a oportunidade de reflexão e revisão.	Requer altos níveis de motivação. Não é bom para alunos que tendem a procrastinar.	BASTABLE, 2010
ID	Palavras Cruzadas	Ativo	Estimular o aluno a buscar informações e memorizar conceitos.	Rápido e informal, permite ao aluno o engajamento.	Tempo, competitividade.	BASTABLE, 2010; FIORUCCI, et al., 2008

Quadro 18 (continuação) - Vantagens e Limitações das Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional.

CATEGORIAS	MÉTODO	PAPEL DO ALUNO	PAPEL DO PROFESSOR	VANTAGENS	LIMITAÇÕES	REFERÊNCIAS
ID	Trabalho em Grupo	Ativo	Orientar os alunos sobre o tema em questão estimulando competências como trabalho em equipe, liderança, comunicação.	Arelados com a Teoria de Vygotsky, atribuem um papel preponderante às relações interpessoais no processo de aquisição do conhecimento.	Não participação de alguns estudantes, por dificuldade na interação e com o assunto, disposição em ajudar.	BASTABLE, 2010; PAVIANI, 2014
ID	Ensino por Projetos	Ativo	Intervém no processo de aprendizagem ao criar situações problematizadoras, introduzindo novas informações e dando condições para que seus alunos avancem em seus esquemas de compreensão da realidade de acordo com as situações vividas.	O aluno é visto como sujeito ativo, que usa sua experiência e seu conhecimento para resolver problemas. O conteúdo estudado é visto dentro de um contexto que lhe dá sentido.	Propõem atividades abertas, permitindo que os alunos estabeleçam suas próprias estratégias, a depender do aluno as expectativas podem não ser atingidas	BASTABLE, 2010; PAVIANI, 2014
ID	Congressos	Ativo	Apresentar a informação e as atualidades referentes a determinado assunto.	Diversos temas de atualidade em curto espaço de tempo, possibilitando o networking.	Custo e recurso não individualizado.	BASTABLE, 2010

Quadro 18 (continuação) - Vantagens e Limitações das Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional.

CATEGORIAS	MÉTODO	PAPEL DO ALUNO	PAPEL DO PROFESSOR	VANTAGENS	LIMITAÇÕES	REFERÊNCIAS
ID	Storytelling	Ativo	Entusiasmar o aluno a focar sua atenção na história contada.	Possibilita a imaginação do aluno e a fluidez do assunto a raciocínio crítico.	Dispersão do aluno e falta de acompanhamento.	HACK, RAMOS, SANTOS 2013; CARVALHO, SALLES, GUIMARÃES, 2002.
AE	Simulação Realística	Ativo	Projeta o ambiente de forma mais semelhante ao real. Facilita o processo. Questiona após a experiência (debriefing).	Ensaia a realidade em um ambiente seguro. Melhora a resolução de problemas de níveis mais complexos e nas habilidades de interação.	Trabalho intensivo e custos com equipamentos. A metodologia precisa ser aprendida.	BASTABLE, 2010; SANTOS; LEITE, 2010
AE	Demonstração e Execução	Passivo - Ativo	Na demonstração - modela a habilidade ou o comportamento (passivo). Na execução - Individualiza o <i>Feedback</i> para refinar o desempenho (ativo).	Previsão da habilidade/comportamento exato do que se espera. Oportuniza e supera a aprendizagem para alcançar a meta. Permite a orientação individual imediata.	Grupos pequenos são necessários para facilitar a visualização e o aprendizado. Trabalho intensivo para observar o desempenho individual.	BASTABLE, 2010

Quadro 18 (continuação) - Vantagens e Limitações das Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional.

CATEGORIAS	MÉTODO	PAPEL DO ALUNO	PAPEL DO PROFESSOR	VANTAGENS	LIMITAÇÕES	REFERÊNCIAS
AE	Modelagem	Passivo	Modela a habilidade ou o comportamento.	Ajuda a socialização do papel.	Requer relação harmônica entre o comportamento e o aluno. Modelos negativos são influenciáveis.	BASTABLE, 2010
AE	Dramatização	Ativo	Projeta a forma; questiona após a experiência.	Desenvolve o entendimento dos outros. Possibilita a exploração de sentimentos e atitudes. Diminui a distância entre os papéis de clientes e profissionais.	Exagero ou subdesenvolvimento do papel Limitada a grupos pequenos.	BASTABLE, 2010
AE	Ensino baseado em Problemas	Ativo	Facilita a discussão dos alunos, conduzindo-a quando necessário, indicando os recursos didáticos úteis para cada situação.	Iniciativa para estudar por conta própria. Aprendem melhor com leitura e discussão.	Autodisciplina	BASTABLE, 2010; PARMELLE, et al.; 2012
AE	Seminários	Ativo	Instruir o aluno na participação e na pesquisa de temas voltados a especificidade do conhecimento.	Permite ao aluno buscar referências e trazer atualizações da temática, motivando o mesmo a aprender.	Dificuldade de acesso à informação, disciplina e disposição em buscar sobre o assunto.	PAVIANI, 2014

Quadro 18 (continuação) - Vantagens e Limitações das Estratégias Educacionais para o Desenvolvimento Profissional.

CATEGORIAS	MÉTODO	PAPEL DO ALUNO	PAPEL DO PROFESSOR	VANTAGENS	LIMITAÇÕES	REFERÊNCIAS
AE	Laboratórios e Experimentos	Ativo	Apresentar aos alunos, na prática, o conhecimento visto em teoria.	Associação do conhecimento teórico aliado ao prático.	Disponibilidade de recursos	PAVIANI, 2014
AE	<i>Design Thinking</i>	Ativo	Propiciar ideias aos alunos e direcionar ao conteúdo.	Possibilita interação, gerando criatividade dos participantes.	Disponibilidade de recursos e participação do aluno.	BROW; YAMAGAMI, 2010

Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2016.

Em toda essa perspectiva, é fundamental considerar o novo papel do professor e do aluno no processo de aprendizagem, pois a ação de apreender (segurar, prender, entender, compreender) não é passiva e exige do aluno uma ação constante de conscientização, ação, busca interação, diferente do que em algumas situações é trazido em sala de aula, mudando o simples conceito de assistir aulas, para interpretar e compreender o conteúdo (ANASTASIOU; ALVES, 2007).

Em um mundo que tem preferência pela rapidez e pela eficiência, formatar as soluções de aprendizagem em pequenas partes é essencial para que os alunos possam lidar com informação relevante em pouco tempo. Portanto, é de fundamental importância avaliar as vantagens e desvantagens das estratégias educacionais, construindo um conceito, em sala de aula, mais adequada para o perfil de cada geração.

Muito se tem falado em aprendizagem híbrida. Educação híbrida significa partir do pressuposto de que não há uma única forma de aprender e, por consequência, não há uma única forma de ensinar (BACICH; MORAN, 2015). Híbrido significa misturado, mesclado, *blended*, o modelo alterna momentos em que o aluno realiza atividades sozinho, combinadas com ambientes virtuais, presenciais e em grupo possibilitando o crescimento centrado na eficácia do aprendizado personalizado. (BACICHI; TANZI; NETO, 2015).

A proposta basicamente se organiza de forma presencial e *on-line*, seguindo quatro tipos de modelo: rotação, *flex*, *à la carte* e virtual enriquecido.

No **modelo de rotação** os alunos têm como proposta revezar as atividades em horário fixo e com orientação de um professor, podendo ser discussões em grupo, presenciais e uma atividade *on-line*. Esse modelo subdivide-se da seguinte forma:

- por estações: divididos em grupos, cada qual realiza uma atividade de acordo com os objetivos propostos e discutem com o professor como mediador.

- laboratório rotacional: os alunos utilizam o espaço da sala de aula e de laboratórios, de forma a facilitar o que foi visto em sala de aula com a prática.

- sala de aula invertida: a teoria é estudada em casa, no formato *e-learning*, e o espaço de sala de aula é utilizado para discussão, propostas, resolução de problemas, conceituando a busca de perguntas em vez da procura por respostas.

- rotação individual: atividades individuais personalizadas com um objetivo proposto e focado no aluno, na qual, ele é o principal responsável pelo seu processo. (BACICHI; TANZI; NETO, 2015).

No **modelo flex**, há uma lista de tarefas que devem ser cumpridas com ênfase no aprendizado *on-line*, tendo como apoio o professor para sanar dúvidas e compartilhar experiências. (BACICHI; TANZI; NETO, 2015).

No **modelo à la carte**, o aluno é responsável pela organização de seus estudos e pelo cumprimento de tarefas, possibilitando a autonomia e flexibilidade exigida pelas novas gerações. Quando o aluno participa ativamente de seu processo de aprendizagem, ele personaliza suas atividades e adota um melhor modelo de compreensão. (BACICHI; TANZI; NETO, 2015).

No **modelo virtual enriquecido**, todo o conteúdo repassado presencialmente é obrigatoriamente complementado virtualmente. (BACICHI; TANZI; NETO, 2015).

Não há uma regra de aplicação desses modelos e nem sequência, é necessário adotar uma estratégia que se adapte à realidade de cada aluno e instituição. Esse é o grande desafio para a área de treinamento nos dias atuais, mobilizando nos alunos o desejo de aprender e conhecer cada vez mais, para que o aluno sinta sempre vontade de conhecer mais.

A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais e jogos com a aula invertida é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam no próprio ritmo (BACICH; MORAN, 2015). Por conseguinte, esse modelo, se aplicado no processo de educação em enfermagem, complementará a construção do conhecimento, resultando em qualidade de cuidados de enfermagem.

Se traçarmos um paralelo com o cenário da enfermagem, nota-se que há algum tempo tem-se enfrentado grandes mudanças, não só no cenário da educação, mas no processo de qualidade e segurança dos procedimentos e da assistência gerando um aumento na complexidade de forma acelerada.

Atualmente, é preciso proporcionar melhores condições de trabalho aos profissionais, auxiliando no reconhecimento e na valorização profissional, promovendo uma qualificação adequada e criando novos empreendimentos para a enfermagem, tornando-os comprometidos e multiplicadores desse novo conhecimento. (SIMÕES, 2013).

É necessário, articulado a estas estratégias educacionais, potencializar os resultados e motivar a equipe de enfermagem a beneficiar-se destas ações, para melhor qualidade da assistência. (LAZZARI, 2011). Em vez de manuais e instruções intermináveis, a ideia é oferecer experiências mais curtas e mais intensas com aplicação prática imediata, assim como é adotado no modelo na andragogia.

Segundo dados de literatura, as estratégias educacionais que apresentam os melhores resultados para a mudança da prática profissional e para os resultados institucionais são as interativas e participativas.

O foco está cada vez maior em ajudar as profissionais e equipes a atuar com protagonismo, autonomia, e a cuidar de suas próprias necessidades de aprendizagem. Isso implica proporcionar experiências de aprendizagem personalizadas, que deem

flexibilidade e permitam escolhas, permitindo perceber o valor do aprendizado e desmitificando o aprendizado apenas por métodos convencionais. (BARDEN, 2013).

De acordo com as características das gerações elencadas no trabalho, pode-se construir uma correlação das metodologias ativas compreendidas na revisão integrativa. Ariento et al. (2011), traçam algumas características de cada geração, já apresentadas aqui, no entanto, para correlacionar as características com a metodologia educacional, elencamos e evidenciamos as principais características voltadas para o processo educacional, ponderando alguns aspectos explanados por Veloso, Silva e Dutra (2012), de acordo com o Quadro 19:

Quadro 19 - Características das gerações específicas para o processo de aprendizagem.

Geração	Característica
Baby Boomer	<ul style="list-style-type: none"> • São consideradas <i>Workaholic</i>. • Foram educadas com disciplina, ordem e respeito pelos outros. • Perfis: disciplinados e rebeldes (a depender de influência financeira e posição na sociedade). • Resistentes a processos de mudanças.
X	<ul style="list-style-type: none"> • Possuem raciocínio linear. • São mais resistentes às novas tecnologias.
Y	<ul style="list-style-type: none"> • Têm raciocínio não linear. • Tendem a executar várias tarefas ao mesmo tempo. • Conectam-se com o mundo por meio de tecnologia. • Apreciam a inovação. • Aceitam melhor as diferenças entre pessoas.
Z	<ul style="list-style-type: none"> • São nativos digitais: não entendem a vida sem internet e outras tecnologias. • Encaram a inovação e a velocidade como parte natural da vida. • Tendem a ser mais impacientes. • Reforçam que o diálogo deva ser aberto e global. • Estão em busca constante por novidades.
Alpha	<ul style="list-style-type: none"> • Começam a estudar mais cedo que as gerações anteriores. • Terão o maior nível educacional que outras gerações. • Tecnologia como parte de todos os processos. • Terão à disposição produtos e serviços cada vez mais personalizados e sob medida. • O mundo estará mais conectado.

As estratégias educacionais foram correlacionadas ao perfil de cada geração, o que não quer dizer que haja estratégias educacionais, que não possam ser utilizadas por determinadas gerações, se considerarmos a influência do meio em que convivem, e a necessidade de utilização. O Quadro 20 apresenta esta correlação entre estratégias e gerações.

Quadro 20 - Estratégias Educacionais para Gerações de Enfermeiros.

CATEGORIA	ESTRATÉGIA	GERAÇÃO <i>BABY BOOMER</i>	GERAÇÃO X	GERAÇÃO Y	GERAÇÃO Z	GERAÇÃO ALPHA
AVA	Jogos			x	x	x
	<i>Podcast</i>		x	x	x	x
	<i>WhatsApp</i> [®]		x	x	x	x
	Vídeo Conferência <i>Skype</i> [®]		x	x	x	x
	<i>Blogs</i>			x	x	x
	Ensino a Distância		x	x	x	x
	Hipermídia			x	x	x
	<i>Softwares</i> Educativos			x	x	x
	Homem Virtual			x	x	x
	Rede Social		x	x	x	x
Plataforma <i>Google</i> [®]			x	x	x	
ID	Aula expositiva	x	x			
	Discussão em grupo	x	x	x	x	x
	Instrução individualizada	x	x			
	Autoinstrução	x	x			
	Palavras Cruzadas	x	x	x		
	Trabalho em Grupo	x	x	x	x	x
	Ensino por Projetos		x	x	x	x
	Congressos	x	x	x	x	x
	Seminários	x	x	x	x	x
	<i>Storytelling</i>			x	x	x

Quadro 20 (cont.) - Estratégias Educacionais para Gerações de Enfermeiros.

CATEGORIA	ESTRATÉGIA	GERAÇÃO <i>BABY BOOMER</i>	GERAÇÃO X	GERAÇÃO Y	GERAÇÃO Z	GERAÇÃO ALPHA
AE	Simulação Realística	x	x	x	x	x
	Demonstração e Execução	x	x	x	x	x
	Modelagem	x	x	x	x	x
	Dramatização		x	x	x	x
	Ensino baseado em Problemas		x	x	x	x
	Laboratório e Experimentos	x	x			
	<i>Design Thinking</i>				x	x

Fonte: Desenvolvido pelo autor, 2016.

Para acompanhar todo esse processo de mudança, é necessário pensar no perfil da nova geração, não especificamente da geração Y, Z ou Alpha, e, sim, a nova geração que é uma mescla de costumes, tradições e características, que está sendo inserida no mercado de trabalho, sem mencionar os paradigmas a serem quebrados para lidar com o desenvolvimento e as transformações. (BORGES, 2014).

Nota-se que das 28 estratégias relacionadas às gerações há um total de 36% que podem ser aplicadas na Geração *Baby Boomer*; 71% na Geração X; 86% na Geração Y e 82% na Geração Z e Alpha. De acordo com as categorias elencadas, observa-se que 100% das estratégias AVA podem ser facilmente utilizadas nas gerações Y, Z e Alpha e apenas 45% na Geração X e sem aplicação na Geração *Baby Boomer*. Na categoria ID 80% podem ser aplicadas na Geração *Baby Boomer*, 90% na Geração X, 70% na Geração Y e 60% na Geração Z e Alpha. Para a categoria AE 29% é utilizado na Geração *Baby Boomer* e 86% nas demais categorias, fato este que deve ser correlacionado com as características e as tendências das gerações frente ao processo de aprendizagem.

A categoria AVA, observa-se, está mais relacionada às Gerações Y, Z e Alpha, os chamados nativos digitais. A convivência com este cenário digital propicia maior interação e facilidade com a ferramenta, podendo ser utilizada como processo de ensino-aprendizagem. Se considerarmos que, para que a aprendizagem aconteça faz-se necessário pensarmos no aluno- professor e objeto de conhecimento (metodologia) (MANTOVANI; SANTOS 2011), algumas estratégias educacionais de ID e AE podem não ser efetivas por características já expressadas das gerações, impactando no resultado final.

Gerações como *Baby Boomer* e X também aparecem em categorias de AVA, de modo mais tímido, uma vez que esses são considerados imigrantes digitais e se adaptaram à tecnologia pelo convívio, cultura e interação social.

Meios como *WhatsApp* e redes sociais – recursos sociais contemporâneos, são estratégias educacionais que podem e devem ser utilizadas, no entanto, requerem alguns cuidados a fim de incorporar como processo educacional, analisando estrutura e objetivos, e atentar-se para limites e possibilidades, tais como: uso de informações e dados, conteúdo com propósitos ilícitos; anúncios publicitários que podem afetar a qualidade da aprendizagem; e o *bullying* digital. (GARCIA, 2014). Independentemente da utilização, do acesso e da frequência, não podemos dizer que será aplicável como estratégia educacional a todas as gerações.

A vida digital veio para transformar todos os aspectos do cotidiano, da sociedade e do que podemos chamar de modernidade ou globalização. Há décadas, os mais velhos eram tidos como “detentores do conhecimento”. Até então, nunca havia ocorrido que uma geração sucessora teria mais informação que sua antecessora. As informações estão no toque dos dedos e atualizadas a cada segundo. Atualmente, é comum que os pais peçam auxílio aos filhos para o uso de tecnologias, mesmo que simples. (MANTOVANI; SANTOS 2011; GONÇALVES, 2012).

Nos últimos 20 anos, tivemos uma revolução do mundo digital, que nos propiciou a comunicação instantânea, em qualquer lugar e a qualquer hora; TV digital com imagens de alta definição e 3D; microchips; internet 4G, entre outros; nesse curto espaço de tempo, pode-se afirmar que a tecnologia criou um Admirável Mundo Novo Digital, designação escolhida por analogia com o título do famoso livro de ficção científica de Aldous Huxley, Admirável Mundo Novo publicado em 1932¹.

¹Aldous Huxley (1932), descreve uma sociedade extremamente científica, onde as pessoas são pré-condicionadas biologicamente e condicionadas psicologicamente a viverem em harmonia com as leis e regras sociais da sociedade, contrastando o “moderno” e o “atrasado”. O controle e a difusão de informações, eram subliminares, as informações eram transmitidas às crianças por hipnopédia (método de ensinar durante o sono), e o avanço da tecnologia traria condições não esperadas para época.

Ethevaldo Siqueira em 2010 para sua coluna do Estadão publicou sobre o Mundo Digital, correlacionando como seria em 2025:

Imagine, leitor, que, daqui a 15 anos, o mundo terá cerca de 9 bilhões de celulares, ou seja, mais celulares do que habitantes. A metade desses dispositivos serão smartphones avançados. Em 2025, só as famílias mais pobres verão a TV aberta, em broadcasting. E notem que, mesmo no Brasil, essa TV gratuita e aberta já dá sinais de preocupação diante da TV paga. As grandes ameaças ao seu modelo, no entanto, serão a IPTV, a TV Google, a Apple TV e outras. As imagens 3D se tornarão populares no cinema, nos laptops, nas câmeras fotográficas e filmadoras de vídeo.

Podemos afirmar que, já em 2016, a popularização dos *e-reader* (leitores eletrônicos), jornais, livros e revistas impressos em papel se tornaram cada vez mais raros e, portanto, dentro de 10 anos, teremos uma sociedade altamente globalizada e haverá em sala de aula uma nova geração que irá exigir o acesso a diferentes oportunidades de aprendizagem.

A tendência é que o processo de aprendizagem seja mais conduzido pela necessidade do aluno, a qualquer momento e em qualquer local, facilitando a aprendizagem ativa, criando soluções acessíveis e de qualidade, independente de metodologias mais adequadas para cada geração. Nossa relação com o conhecimento está mudando, tanto em questões de aquisição e acesso do conhecimento, bem como pelos dispositivos de acessibilidade (*tablets, smartphones*, livros, entre outros).

Se contrapuser com o universo corporativo, as instituições também acreditam que precisam de novas ferramentas de aprendizado para envolver esse novo perfil de profissionais. Em uma pesquisa realizada por uma empresa de tecnologia, foi afirmado que:

- 48% das empresas usam dispositivos móveis para fornecer rapidamente informações acionáveis em momentos de decisão
- 67% das empresas adotam dispositivos móveis para que os colaboradores trabalhem de qualquer lugar.
- As pessoas são mais propensas a ler *e-mails* em seus aparelhos portáteis do que em seus computadores. (MOBILE FUTURE IN FOCUS, 2013)

Complementando o que foi trazido por Loiola e Leolpoldino (2013), no que se refere à aprendizagem organizacional (criação-replicação – transferência), Bailey (2013) aborda que há três tendências impulsionando mudanças na aprendizagem e desenvolvimento: miniaturização, modularização e personalização em massa.

- **Miniaturização**- Refere à degustação de uma experiência de aprendizagem minimamente fragmentado. Anteriormente, um programa com carga horária de 8 ou 16 horas, era facilmente aceitável, hoje em dia o mercado busca experiências mais curtas e com aplicação prática imediata
- **Modularização** - envolve organizar modelos de aprendizagem que permite a flexibilidade para os alunos
- **Customização em massa**– Envolver e participar o aluno em seu processo de aprendizagem, propiciando a autonomia – este talvez seja o fator mais importante na criação de uma mudança sustentada ao comportamento.

Quando estas tendências são postas em prática, podemos considerar que estamos oferecendo “pílulas de conhecimento” - experiências curtas entrelaçadas em torno das necessidades da tríade: instituição, professor e aluno.

Especialistas indicam possíveis ferramentas que estarão em sala de aula nos próximos anos, diferentemente de metodologias ativas já explanadas. (REPORT, 2012).

- **Ambientes colaborativos** - Espaços *on-line* que visam a facilitar a colaboração e o trabalho em grupos.
- **Celulares** - ponto de convergência de muitas tecnologias; permitem acesso a um volume muito grande de informações na palma da mão.
- **Tablets** - facilidade da mobilidade e possibilitam aulas dentro e fora de escola. Dispositivos aumentam o leque de recursos pedagógicos.

Pode-se afirmar que tais dispositivos estão cada vez mais incorporados no processo de aprendizagem. Há uma evolução dos dispositivos de acesso, que vem favorecendo à acessibilidade, conveniência e disponibilidade para os dias de hoje. Pesquisas afirmam que em 2009 - 90% dos usuários utilizavam computadores de mesa, já em 2013 esse número reduziu para 61%, aumentando significativamente o uso para notebooks 49% e *tablets* 16%, favorecendo adotarmos o modelo *blended learning* que potencializa a aprendizagem com a utilização da tecnologia, acelera o aprendizado dos alunos, permite personalização e aumenta a eficiência das iniciativas de ensino.

Torna-se cada vez mais evidente que as mudanças afetam as competências necessárias aos professores dentro e fora da sala de aula. Dos 44 artigos apresentados na revisão integrativa, 17 artigos (38%), relatam a importância da mudança de postura do professor, não de modo comportamental e não verbal, mas nas formas de transmissão de conhecimento e compartilhamento de informações, sendo necessário repensar continuamente sua prática, uma vez que mais competências serão exigidas.

Mantovani e Santos (2011), haver uma defasagem entre os nativos digitais (alunos) e os imigrantes digitais (professores), uma vez que os alunos se conectam cada vez a mais fontes de informações ao longo do dia, e isto configura um grande desafio aos professores. (MARTINAZZO, 2012). Um determinado conteúdo pode sofrer alterações significativas ao longo de um único dia – como na política, economia, tecnologia e sociedade – e se o conteúdo ministrado em aula estiver desatualizado, leva o professor a uma posição constrangedora frente ao aluno – sendo este o novo detentor do saber. A mudança de comportamento dentro e fora da sala de aula, exige algumas mudanças, listadas por Borges (2014) e Santos Neto e Franco (2010):

- Estudar as novas gerações, suas características, possibilidades e limites;
- Reconhecer, desconstruir e reconstruir criativamente a carreira frente às limitações;
- Desenvolver, além do conhecimento específico da própria disciplina, construção de novas possibilidades de diálogo com as novas gerações com o uso da tecnologia, imagens e mídias.

O “choque de gerações” que até então era uma realidade observada e estudada apenas em organizações, começam a chamar a atenção em instituições de ensino, com alunos em diversas faixas etárias. O ambiente de ensino precisa começar a incluir ferramentas virtuais modernas e atuais, tomando cada vez mais o lugar que antes competia aos dicionários e bibliotecas.

O papel do professor perpassa, desde os tempos antigos, grandes mestres como Confúcio e Lao Tsé na China; profetas hebreus nos tempos bíblicos; Aristóteles, Sócrates e Platão na Grécia antiga e Cícero, Evelídio e Quintiliano na Roma antiga – são fontes de inspiração no aprendizado de adultos, em que

desenvolveram um conceito muito distinto acreditando que a aprendizagem era um processo de investigação mental, e não a recepção passiva de conteúdos transmitidos.

Na enfermagem, pela característica da profissão, eminentemente práticas, que se configura na relação assistencial entre o enfermeiro e o paciente, é preciso superar o aprender, que se baseia na memorização e na perpetuação de procedimentos e técnicas, para a direção do apreender, assimilar, compreender e por fim estabelecer um raciocínio clínico (LOPES, 2012). Em 1994 Buchman legitimou um conceito associado à estratégia de ensino e como isso pode afetar a forma de ensinar:

Conhecer algo nos permite ensiná-lo, e conhecer um conteúdo com profundidade significa estar mentalmente organizado e bem preparado para ensiná-lo de uma forma geral (p.37).

Quando o professor não possui conhecimentos adequados da estrutura da disciplina que está ensinando, pode expor o conteúdo erroneamente aos alunos, no entanto, nos dias de hoje, não basta apenas conhecer o conteúdo e sim conhecer o aluno, as estratégias e interferências; tudo isso influencia no processo de aprender a apreender.

Para a enfermagem, é necessário romper as práticas mais tradicionais, uma vez que a mescla de gerações nesta categoria profissional é considerável, por consequência, sua formação e atualização precisam considerar generalização, diferenciação, reconhecimento, intersubjetividade e interdisciplinaridade. (NUNES; SILVA; PIRES, 2011).

A expectativa é que o avanço tecnológico permita uma série de avanços na profissão e na prática de enfermagem aplicada aos diferentes contextos. Cada vez mais será possível integrar os profissionais por meio de uma grande rede de conhecimento, através do qual os procedimentos poderão ser rapidamente

difundidos, e ter sua eficiência comprovada. Da mesma forma, técnicas poderão ser adequadas rapidamente a diferentes realidades, a partir dos recursos disponíveis. Equipes multiprofissionais terão condição de colaborar e interagir entre si para construir diagnósticos, trocar experiências e disseminar o conhecimento, eliminando a barreira da distância. Competirá aos professores prover continuamente informações a esta rede, através de uma nova postura, não a de um saber acumulado, mas sim de um conhecimento atualizado.

O professor precisa estar focado na construção do conhecimento, na personalização, no domínio de ferramentas e no processo interativo com o aluno, assemelhando aos ideais do ensino híbrido. Ou seja, misturar as melhores práticas da sala de aula tradicional, com ferramentas digitais personalizadas. A presença de tecnologias não diminuirá a importância do professor nas instituições de ensino, apenas transformará o seu papel. (BACICH; NETO; TREVISANI, 2015).

Nesta nova concepção / tendência de aprendizagem, o professor torna-se um “arquiteto” do conhecimento, mostrando ao aluno que há diferentes formas de construir o saber.

O uso de tecnologias serve com combustível diversificado de ferramentas que podem estimular e facilitar o processo de aprendizagem, e cabe ao professor ensinar ao aluno como utilizá-las de forma crítica e produtiva. (BACICH; NETO; TREVISANI, 2015 p.91).

A tecnologia deve ser uma aliada para promover a inovação contínua na educação, de modo que o professor estimule o protagonismo dos alunos e se torne um mediador.

A aceleração do desenvolvimento tecnológico nos últimos anos tem acentuado, de maneira enfática, a cultura contemporânea, o que implica dizer que o modelo de ensino vigente não corresponde

mais à realidade e às necessidades do contexto sociocultural da história recente.

É importante reforçar a necessidade do professor estar ligado ao processo de ensino aprendizagem, principalmente no que tange à tecnologia. Há um paradoxo importante nesse processo, porque o processo de treinamento formal oferece esforço para as pessoas e sabemos que, muitas vezes, a lei do menor esforço prevalece. Isso é complicado porque é necessário que haja uma preocupação com toda a linha de raciocínio que leve os alunos a acreditarem na maximização dos esforços e, conseqüentemente, do resultado.

Nascidos numa época em que a tecnologia não fazia parte do dia a dia, os professores, que agora chegam às salas de aula, devem procurar novos modos de ensinar a alunos para os quais a tecnologia já faz parte do dia a dia. Dessa maneira, a tecnologia tende a tornar o processo de aprendizagem mais emocional, inteligente, construído e satisfatório ao professor e ao aluno.

Segundo Moran

O professor agora tem que se preocupar, não só com o aluno em sala de aula, mas em organizar as pesquisas na internet, no acompanhamento das práticas no laboratório, dos projetos que serão ou estão sendo realizados e das experiências que ligam o aluno à realidade (MORAN, 2004, p. 15).

O desafio implica em aplicar e ampliar atividades com o uso de estratégias educacionais que utilizem ou não tecnologias, no entanto, deve-se propor aos alunos novos desafios, de reconstrução de conhecimentos, apoio ao desempenho, transferência do aprendido. Tais atividades exigem do professor uma ação de orientação, de motivação, de tutoria, a fim de produzir com e entre os alunos. (EDUCERE, 2006). Kenski (2007) corrobora com essa observação quando afirma que hoje há um duplo desafio da educação: adaptar-se aos avanços tecnológicos e orientar o caminho de todos para o domínio e a apropriação crítica desses novos meios.

Já é notável que a tecnologia é o componente essencial para os processos de ensino aprendizagem. Discutir se a tecnologia faz parte é perda tempo, discutir como faz parte é simplório demais, devemos discutir por que a tecnologia se faz e deve estar cada vez mais presente no ensino. Independentemente do controle que a tecnologia nos propicia, em aumento de produtividade, acesso universal, conexão 24 horas, distribuição de conteúdo, flexibilidade e autonomia, isso já está óbvio nos dias de hoje e nas discussões anteriores, por isso em uma entrevista à Revista Inteligência Corporativa, Daniel Castello (2015) propõe que a tecnologia precisa adicionar emoção, inteligência, sinergia, níveis de serviço e conteúdo.

Emoção diz respeito aos momentos mais importantes de nossas vidas (casamentos, nascimentos, aniversários). Tais momentos foram e são marcados pela carga emocional envolvida, um dos motivos que não nos permitem esquecer detalhes. A emoção deve ser a métrica que usamos para definir se algo é realmente importante, simples: se gera emoção é, se não gera, não é e rapidamente se torna esquecimento.

Inteligência – na última década passamos por mudanças conceituais no processo de ensino-aprendizagem que afetaram inclusive a neurociência e as gerações, mas, ainda assim, ainda se tem uma imensa parte da educação sendo feita por uma pessoa ativa em pé perto da tela ou projeção e repassando o conhecimento. Toda a transformação no processo de aprendizagem não pode ser negada ela precisa ser exposta para a adoção de melhores práticas.

Nível de serviço – todos querem ser bem tratados como pessoas e seres únicos, isso é natural em qualquer modelo de serviço. Na aprendizagem, isso não pode ser diferente, no entanto, a tecnologia é essencial para professores serem onipresentes e oniscientes.

Contudo, os métodos tradicionais de ensino organizam uma sequência de conteúdos de acordo com a lógica aplicada de um

indivíduo, no entanto as pessoas pensam, agem e entendem de modo diferente com relação a um mesmo tema discutido. Portanto, o conteúdo precisa ser ajustado de acordo com a necessidade e a tecnologia possibilita que esse processo ocorra de maneira mais natural.

E como deveria ser a preparação deste novo professor? É evidente que os professores necessitam acompanhar as mudanças a fim de adaptar-se, mas devemos considerar que hoje a formação é exclusiva para o ensino tradicional (evolução de um modelo jesuítico) mais linear, baseado em textos. Prováveis desafios podem vir a ser enfrentados por professores, entre os quais, destaca-se a necessidade de letramento digital, a resistência ao uso de novas tecnologias e a formação continuada.

É necessário criar um novo panorama na educação. Primeiramente, o professor deve ser um aluno constante, não só na perspectiva de buscar conhecimento, mas também em entender o aluno. Moran (2009) afirma que, se o professor se coloca no lugar do aluno (aprendiz), antes de exercer a sua função, ele adotará uma postura mais atenta, receptiva, sendo capaz de enxergar como ele vê e modificar sua perspectiva. O professor precisa estar motivado; ele deve reconhecer que é preciso mudar e, além disso, a instituição de ensino precisa prover meios de desenvolvimento profissional, trazendo novos conhecimentos, novas técnicas de ensino e aperfeiçoamento.

Nesse cenário, é importante configurar que o professor precisa adotar:

- Conhecimento das novas tecnologias e da maneira de aplicá-las;
- Capacidade de provocar hipóteses e deduções que possam servir de base à construção e compreensão de conceitos;
- Habilidade de conduzir o aluno para justificar hipóteses;
- Visão integrada entre os processos de tecnologia e sua aplicação no ensino aprendizagem;

- Conhecimento de estratégias educacionais e sua aplicabilidade;
- Entender e conhecer a nova geração nas instituições de ensino e no mercado de trabalho.

Tapscott apud Gonçalves, p. 36 (2012) cita o famoso comentário de Andy Warhol:

Hoje você está preparado para a vida por apenas quinze minutos. Se estiver estudando uma disciplina técnica em uma universidade, metade do que você aprender no primeiro ano talvez seja obsoleto quando você se formar. No trabalho, os funcionários precisam reinventar continuamente sua base de conhecimento à medida que passam de uma carreira para outra.

O cenário precisa ser modificado pela inclusão de novas estratégias educacionais, pela mudança do perfil do professor e pelas novas gerações em ascensão tanto em instituições de ensino como no mercado de trabalho. O modelo tradicional de ensino com o objetivo de qualificar pessoas para o mundo do trabalho, com um currículo rígido, informações estruturadas em uma grade de disciplinas e séries e o método de ensino tem foco apenas na transmissão de informações. (GONÇALVES, 2012).

Diante de tal afirmação, deve-se destacar de que o professor não perdeu espaço na era digital, pelo contrário o professor assume um papel daquele que propicia a transformação da informação que o aluno encontra facilmente em relevante e irrelevante, a confiável da não confiável e é neste cenário que o professor amplia sua importância como curadores de conteúdo. (GONÇALVES, 2012).

O estudo teve por objetivo discutir os desafios existentes no processo educativo, abordando as estratégias educacionais presentes hoje, bem como a influência e o papel do professor nesse novo contexto. Diante das hipóteses levantadas com a análise bibliográfica do assunto, refletimos sobre o conflito de gerações existentes, o uso da tecnologia e as estratégias educacionais utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, bem como na necessidade de repensar continuamente o papel do professor e do aluno em sala de aula, vide as transformações presentes. Foi elaborada uma proposta sistematizada a partir dos resultados obtidos na revisão integrativa, que responderam à questão norteadora possibilitando a fundamentação teórica.

A amostra selecionada para a pesquisa constituiu de 44 artigos, proveniente do levantamento de 1958 artigos. Todos os artigos contemplados estavam indexados na base de dados, associados à questão norteadora: 1 artigo BDENF (3%); 23 artigos Scielo (53%); 8 artigos Lilacs (18%); 12 artigos SIBi (26%), de acordo com os descritores selecionados e validados pela Biblioteca Virtual da Saúde, além de 11 artigos relacionados a Gerações que não contemplaram a revisão integrativa, no entanto, complementou a fundamentação teórica e a construção da proposta.

Após a leitura minuciosa dos artigos e a síntese dos pontos relevantes e do método utilizado, foi possível elencar as oportunidades de melhoria no processo de aprendizagem e responder à questão norteadora com enfoque no objetivo da proposta. Elaborou-se a proposta considerando o enfoque dos autores na revisão integrativa com relação às estratégias educacionais, selecionando assim 14 estratégias educacionais presentes nos 44 artigos, com isso estabeleceu-se uma estruturação de categorização considerando um agrupamento em três categorias de acordo com a similaridade do método de transmissão de conhecimento e correlacionados às gerações, sendo elas: Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA); Instrução Direta (ID) e

Aprendizado por Experiência (AE). Das 14 estratégias educacionais elencadas na revisão integrativa 15% estavam associadas à categoria de AE; 35% ID e 50% AVA, correlacionado a fundamentação teórica foram selecionadas mais 14 estratégias não mencionadas à revisão integrativa, sendo 36% AE e ID e 28% AVA que complementaram o estudo possibilitando a interface com as gerações.

Após a análise foi possível compreender que experiências relacionadas à AVA e AE estão mais presentes nas novas gerações considerando que 36% das estratégias educacionais que podem ser aplicadas na Geração *Baby Boomer*, 71% na Geração X; 86% na Geração Y e 82% na Geração Z e Alpha, seguindo a categorização notou-se que 100% das estratégias AVA podem ser facilmente utilizadas nas gerações Y, Z e Alpha e apenas 45% na Geração X e sem aplicação na Geração *Baby Boomer*. Na categoria ID 80% podem ser utilizadas na Geração *Baby Boomer*, 90% na Geração X, 70% na Geração Y e 60% na Geração Z e Alpha. Para a categoria AE 29% é aplicável na Geração *Baby Boomer* e 86% nas demais categorias, relacionando esse contexto aos nativos e imigrantes digitais, bem como as experiências anteriores relacionadas ao processo de aprendizagem e sua influência como explanado na fundamentação teórica e reforçado no contexto da revisão integrativa.

Dentro da análise da revisão integrativa, observou-se que o papel do professor e a sua interface com as tecnologias e as novas gerações também se tornam cada vez mais evidentes. 38% dos artigos apresentados relatam a importância da mudança de postura do professor, na forma de transmissão de conhecimento e compartilhamento de informações, propondo a estes repensar o modelo atualmente apresentado.

Dessa maneira, acreditamos que essa proposta possa subsidiar de forma prática e assertiva a mudança no modelo do processo de aprendizagem com o objetivo de adotar estratégias

educacionais mais adequadas, de acordo com o perfil de cada geração e a influência da tecnologia, quebrando paradigmas em sala de aula e promovendo o aprendizado eficiente.

É evidente que há aspectos comuns entre gerações, tecnologia e educação, e a influência que a tecnologia tem hoje na sociedade contemporânea e na educação tem mudado completamente o processo de ensino-aprendizagem, comunicação e informação exposto pelos protagonistas do processo: professores e alunos.

O conflito atual entre gerações não está restrito a este tempo e, sim, faz parte da troca de experiências necessária entre professores e alunos, para o processo evolutivo e educativo.

Todos os tempos da história, entre uma geração e a geração seguinte, sempre houve conflitos de pensamentos e modos de agir e por que o processo educativo se manteria estático e sem evoluções?

As novas estratégias educacionais modificaram o foco da aprendizagem, perpassando o contexto do armazenamento de conteúdo e disseminação de informações para a aquisição de competências, atitudes, valores e transferências – fundamentais para a entrada no mercado de trabalho –, propiciando oportunidades de transformar seus potenciais em competências. Dessa maneira o professor deve exercer o papel, na sociedade, de mediador do processo, introduzindo o aluno como centro desse processo para o desenvolvimento de ações.

Na proposta deste trabalho, foi possível identificar que o processo de aprendizagem tradicional está enfraquecido; que a transmissão de conteúdo em sala de aula, passa a competir com os avanços das tecnologias, além de assumirem um papel significativo em desenvolver a capacidade de pensamento crítico e fortalecer os domínios de aprender a aprender, permeando, assim, o desafio entre o professor e o aluno frente às estratégias educacionais.

REFERÊNCIAS

1. ABREU, Aline França de; GONÇALVES, Caio Márcio; PAGNOZZI, Leila. Tecnologia da Informação e Educação Corporativa: contribuições e desafios da modalidade de ensino-aprendizagem a distância no desenvolvimento de pessoas. **Rev. Pec**, Curitiba, v. 3, n. 1, p.47-58, jul. 2003.
2. AGUIAR, Raymunda Viana; CASSIANI, Sílvia Helena De Bortoli. Desenvolvimento e avaliação de ambiente virtual de aprendizagem em curso profissionalizante de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 6, p. 1086-1091, dez. 2007.
3. ALLEN, Robert B.; ARCHESON, Jane. Browsing the Structure of Multimedia Stories. **University Of Maryland**, College Of Library And Information Services, jan. 2000.
4. ALLENBY, Braden R.; SAREWITZ, Daniel. **The Techno-Human Condition**. Estados Unidos: Mit Press, 2011.
5. ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconchini. Educação à distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**. 2003;
6. ALVAREZ, Ana Graziela; DAL SASSO, Grace Teresinha Marcon. Objetos virtuais de aprendizagem: contribuições para o processo de aprendizagem em saúde e enfermagem. **Acta paul. enferm.**,
7. AMANTE, Lúcia Nazareth et al. A interface entre o ensino do processo de enfermagem e sua aplicação na prática assistencial. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.201-207, 9 abr. 2010. Universidade Federal de Goiás.
8. ANASTASIOU Lea da Graças Camargos; ALVES Leonir Pessate. **Processos de Enfermagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula: 7ª ed.** Joinville, SC. UNIVILLE, 2007.
9. ANDRIOLA, Wagner. Avaliação do aprendizado discente: estudo com professores. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil,

- n. 46, p. 141-158, out./dez. 2012. Editora UFPR. Pag. 141-158.
10. ARAÚJO, Patrício Câmara; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. O aplicativo de comunicação WhatsApp como estratégia no ensino de Filosofia. **Temática**, São Paulo, v. 2, n. 11, p.1-13, fev. 2015.
 11. ARRUDA, Eucídio Pimenta. Ensino e aprendizagem na sociedade do entretenimento: desafios para a formação docente. **Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p.232-239, ago. 2013.
 12. AUSUBEL, David Paul. **Educational psychology: a cognitive view**. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.
 13. BACICH, Lilian; MORAN, José. Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. **Revista Pátio**, São Paulo, v. 1, n. 25, p.45-47, jun. 2015.
 14. BAILEY, Sebastian . **Is the Future of Learning Bite-Sized?**. CLO, 2013.
 15. BALDWIN, Timothy T.; FORD, J. Kevin. Transfer of training: a review and directions for future research. **Personnel Psychology**, v. 41, n. 1, p. 63-105, 1988.
 16. BARDEN, Steve. **Learning Transformation: Eight Key Trends**, ILT, 2013.
 17. BASTABLE, Susan B. **O Enfermeiro como Educador**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
 18. BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; GONDIM, Sonia Maria Guedes; LOIOLA, Elizabeth. Aprendizagem organizacional versus organizações que aprendem: características e desafios que cercam essas duas abordagens de pesquisa. **Rev. Adm.** São Paulo, v.39, p.220-230, julho/agosto 2004.
 19. BATES, Reid. A critical analysis of evaluation practice: the Kirkpatrick model and the principle of beneficence. **Evaluation And Program Planning**, [s.l.], v. 27, n. 3, p.341-347, ago. 2004. Elsevier BV. DOI: 10.1016/j.evalprogplan.2004.04.011.

- Disponível em:
<<http://api.elsevier.com/content/article/PII:S0149718904000369?httpAccept=text/xml>>. Acesso em: 15 set. 2015.
20. BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido - Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Brasil: Zahar, 2004.
21. BEBER, Bernadette; SILVA, Eduardo da; BONFIGLIO, Simoni Urnau. Metacognição como processo da aprendizagem. **Rev. Psicopedag.**, São Paulo, v. 31, n. 95, p. 144-151, 2014.
22. BERVIAN, Pedro Alcino; CERVO, Amado Luiz. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo (SP): Pearson Prentice Hall; 2002.
23. BORBA, Gustavo Severo; KLIEMANN NETO, Francisco José. Gestão Hospitalar: identificação das práticas de aprendizagem existentes em hospitais. Saúde Soc. Sobre a criação e a gestão do conhecimento organizacional. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2008;
24. BORGES, Bento Souza; FRANÇA, Robson Luiz de: Juventude, trabalho e Educação Superior: a geração Y em análise. Uberlândia, 2013. 200 p. **Tese de Doutorado** – Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia.
25. BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O Método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade** – Belo Horizonte, volume 5 – Número 11. P. 121 – 136.
26. BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. Podcast em educação: um contributo para o estado da arte. **Galego-portuguesa de Psicoloxía e Educación.**, Coruña, p.1-10, jan. 2007.
27. BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; LISBÔA, Eliana Santana; COUTINHO, Clara Pereira. Google Educacional: Utilizando Ferramentas Web 2.0 em Sala de Aula. **Revista Educaon-line**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.1-28, abr. 2011.

28. BRANDÃO, Giselle Reis. Gestão de pessoas e as universidades corporativas: dois lados da mesma moeda? **Revista de Administração de Empresas**, Minas Gerais, v. 46, n. 2, p.1-12, jun. 2006.
29. BRANDINI, Valeria. Do revolucionário juvenil ao evolucionário geracional: aproximações e protagonismo social da geração X à geração Y. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, v. 14, n. -, p.261-267, dez. 2014.
30. BRITO, Lydia Maria Pinto. Gestão de competências, gestão do conhecimento e organizações de aprendizagem: instrumentos de apropriação pelo capital do saber do trabalhador. Fortaleza: **Imprensa Universitária**, 2005. 240 p.
31. BUCHMANN Margret. The priority of knowledge and undestantnting in teaching. In: KATZ L, RATHS J, editors. **Advanced in teacher education**. Norwood: Ablex, 1984. P.29-50
32. BUKOWITZ, Wendi R.; WILLIAMS, Ruth L. **Manual de Gestão do Conhecimento: Ferramentas e Técnicas que Criam Valor para a Empresa**. Porto Alegre: Bookman, 2002.
33. CAETANO, Luís Miguel Dias. Tecnologia e Educação: quais os desafios? **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 2, p.295-309, ago. 2015.
34. CALIL, Fabricio Canova et al. A produção científica de objetos de aprendizagem no ensino em enfermagem. **J. Health Inform.**, São Paulo, v. 4, n. 1, p.138-143, dez. 2012.
35. CAMPBELL, David P. **If you don't know where you're going you'll probably end up somewhere else**. Valencia, 1974.
36. CARNEIRO, Marcia Simão; SILVA, Rosilene F. Gonçalves; CRUZ, Teresa Cristina Anaisse; FERREIRA Elisângela da Silva. Educação permanente em saúde no desenvolvimento organizacional do serviço de enfermagem da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. **Rev Pará Med**. Disponível em:

http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000400007&lng=pt.

37. CARVALHO, Alisson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (Orgs.). **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Proex, 2002.
38. CASARINI, Fabiana Gradela; BAUMGARTNER, Marcos. **Educação Corporativa: da teoria à prática**. São Paulo: Senac, 2012.
39. CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
40. CASTRO, Lílian dos Santos; CRUZ, Aline Helena da Silva; SANTOS, Rodrigo da Silva. Educação e teorias da aprendizagem: um foco na teoria de Vygotsky. **Revista Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 11, n. 1, p.551-559, jul. 2013.
41. CECAGNO, Diana et al. Incubadora de aprendizagem: uma nova forma de ensino na Enfermagem/Saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 59, n. 6, p. 808-811, Dec. 2006.
42. CECCIM, Ricardo Burg; FEUERWERKER Laura C. M; O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Rev Saúde Coletiva**. 2004;
43. CECCIM, Ricardo Burg. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. **Interface Comunic Saúde Educ**. 2005; 9(16): 161-8.
44. CHIAVENATO, Idalberto. **Comportamento Organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações**. 2o ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2005.
45. CHIUZI, Rafael Marcus; PEIXOTO, Bruna Ribeiro Gonçalves; FUSARI Giovanna Lorenzini. Conflito de gerações nas organizações: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson. **Temas em Psicologia**. 2011;2(19):579-590.

46. CHIUZI, Rafael Marcus et al. **Recursos Humanos ou Gestão de Pessoas? Reflexões críticas sobre o trabalho contemporâneo.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2011.
47. CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento.** São Paulo: Editora Senac, 2003.
48. COELHO, Francisco Antonio Junior. ANDRADE, Jairo Eduardo Borges. Uso do conceito de aprendizagem em estudos relacionados ao trabalho e organizações. Universidade de Brasília, **Paideia**, Brasília – DF, 2008, v.18, v.40 p.221-234.
49. COMIN, Fabio Scorsolini. Avaliação dos processos de ensino-aprendizagem em ações educacionais ofertadas a distância. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 21, n. 2, p. 335-346, dez. 2013 .
50. CONCEIÇÃO Fabiana Alves; LEITE Maria Magdalena Januário; SILVA, Milena Froes da. Educação continuada: um levantamento de necessidades da equipe de enfermagem. **Mundo Saúde.** 2008; 1(32): 47-55.
51. CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estud. pesquisa psicol.**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 1, jun. 2007 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 abr 2016.
52. CORDEIRO, Helena Talita Dante. **Perfis de Carreira da Geração Y.** 2012. 188 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
53. COSTA, Priscila Berenice et al. Fluência digital e uso de ambientes virtuais: caracterização de alunos de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v.

- 45, p.1589-1594, Dez 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000700008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Nov 2015.
54. COUTINHO, Clara Pereira; ALVES, Manuela Cristina Ferreira. Educação e sociedade da aprendizagem: um olhar sobre o potencial educativo da internet. **Revista de Formación e Innovación Universitaria**, Portugal, v. 3, n. 4, p.206-225, nov. 2010.
55. COUTO, Thomaz Bittencourt. **Simulação Realística no ensino de emergências pediátricas na graduação**. 2014. 76 f. Tese (Mestrado) - Curso de Medicina, Faculdade de Medicina USP, São Paulo, 2014.
56. CUNHA, Lisandra B; VALÉRIO, Selma T. Treinamento Admissional. **Einstein: Educ Contin Saúde**. 2009
57. CYRINO, Eliana Goldfarb; TORALLES-PEREIRA, Maria Lúcia. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 20, p.780-788, jun. 2004.
58. SILVEIRA, Fernanda Neves de Oliveira; CARMO, Fernanda Maria et al . Educação permanente e qualidade da assistência à saúde: aprendizagem significativa no trabalho da enfermagem. **Aquichán**, Bogotá , v. 11, n. 1, p. 48-65, Apr. 2011 .
59. DAFT; Richard L. **Organizações: teorias e projetos**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning; 2002
60. DAVENPORT, Thomas H. e PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual**. Rio de Janeiro. Campus, 2003.
61. DAVIM; Rejane Marie Barbosa; TORRES, Gilson de Vasconcelos; SANTOS, Sérgio Ribeiro dos. Educação

- continuada em enfermagem: conhecimentos, atividades e barreiras encontradas em uma maternidade escola. **Rev Latino-americana de Enfermagem**. 1999;
62. DEISER, Roland. **Organizações Inteligentes**. São Paulo: Campus, 2011.
 63. DOMINGUES, Tania Arena Moreira; CHAVES, Eliane Correa. O conhecimento científico como valor no agir do enfermeiro. **Rev Esc Enferm**. 2005; 39(ESP): 580-8.
 64. EBOLI, Marisa. **Desenvolvimento e alinhamento dos talentos humanos às estratégias empresariais: o surgimento das Universidades Corporativas**. São Paulo: Schmukles Editores, 1999.
 65. EDUCERE. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2006, Paraná. **O desafio do professor frente as novas tecnologias**. Curitiba, 2006.
 66. Enfermagem em revista - perfil da enfermagem em são paulo. São Paulo: COREN, 2015
 67. FIORUCCI, Antonio Rogério et al. Palavras Cruzadas como recurso didático no ensino de teoria atômica. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.88-96, maio 2009.
 68. FLEURY, Maria Tereza Leme; OLIVEIRA JR., Moacir de Miranda. **Gestão estratégica do conhecimento: integrando aprendizagem, conhecimento e competências**. São Paulo: Atlas, 2001.
 69. FONSECA, Luciana Mara Monti; SCOCH, Carmen Gracinda Silvan; MELLO, DÈbora Falleiros de. Educação em saúde de puérperas em alojamento conjunto neonatal: aquisição de conhecimento mediado pelo uso de um jogo educativo. **Rev Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v. 2, n. 10, p.166-171, abr. 2002.
 70. FORESTI, Andrezza; TEIXEIRA, Cabanaro Adriano. Proposta de um conceito de aprendizagem para a era digital. **Revista**

- latinoamericana de tecnología educativa - Relatec**, Passo Fundo, v. 2, n. 11, p.55-68, jan. 2011.
71. FORNAZIERO, Célia Cristina; GORDAN, Pedro Alejandro; GARRANHANI, Mara Lúcia. O processo de ensino e aprendizagem do raciocínio clínico pelos estudantes de medicina da Universidade Estadual de Londrina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 246-253, Jun 2011.
72. FROTA, Natasha Marques et al. Construção de uma tecnologia educacional para o ensino de enfermagem sobre punção venosa periférica. **Rev. Gaúcha Enferm.** Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 29-36, Jun. 2013.
73. GARCIA, Rosângela Silveira. Rede Social na Internet como espaço na nova cultura de aprendizagem. **Trilha Digital**, v2, n1 – São Paulo, 2014.
74. GERMANI, Ana Claudia Camargo Gonçalves et al. Avaliação de tecnologias educacionais digitais para a formação de promotores de saúde em uma experiência interprofissional. **J.bras. Tele**, São Paulo, v. 3, n. 1, p.200-210, mar. 2014.
75. GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
76. GOECKS, Rodrigo. **Educação de Adultos: uma abordagem andragógica**. Disponível em: <http://www.andragogia.com.br>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.
77. GOMES, Andréia et al. A Educação Médica entre mapas e âncoras: a aprendizagem significativa de David Ausubel em busca da Arca Perdida. **Revista Brasileira de Educação Médica 105** Rio de Janeiro, v.29, nº 1, 2008.
78. GONÇALVES, Carolina Lourenço Defilippi. **Gerações, tecnologia e educação: análise crítica do emprego educativo de novas tecnologias da informação e comunicação na educação superior da Região Metropolitana de Campinas, SP**. 2012. 62 f. Tese

- (Mestrado), Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Unisal, Americana, 2012.
79. GOZZI, Marcelo Pupim. O processo de gestão do conhecimento em comunidades virtuais de aprendizagem. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p.3-14, dez. 2012.
 80. HACK, Josias Ricardo; RAMOS, Fernando; SANTOS, Arnaldo. Digital Storytelling e formação corporativa: possibilidades para a aprendizagem de adultos. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 18, n. 1, p. 15-23, Jun 2013.
 81. HOLANDA, Viviane Rolim de et al. Ensino e aprendizagem em ambiente virtual: atitude de acadêmicos de enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, Minas Gerais, v. 1, n. 19, p.141-147, mar. 2015.
 82. HOLTON III, Elwood F.; BATES, Reid; CHEN, Hsin-Chih. Development and validation of a generalized learning transfer system inventory. **Human Resource Development Quarterly**, 11(4), 333–360. 2000.
 83. HUTCHENS, David. **Aprendendo além dos lobos: sobrevivendo e prosperando na organização que aprende**. São Paulo: Best Seller, 1999.
 84. HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo, Globo, 2000.
 85. IBARRA, Herminia. Breakthrough ideas for 2004. *Harvard Business Review*, p. 13-32.
 86. INNOVATION, 2014. Disponível em: <<http://www.roinnovation.com/solutions/romobile/mobile-access/>>.
 87. InterActive Leadership, **Burnham Rosen Group**, 2010.
 88. JESUS, Maria Cristina Pinto de et al. Educação permanente em enfermagem em um hospital universitário. **Rev. esc.**

- enferm. **USP**, São Paulo , v. 45, n. 5, p. 1229-1236, Oct. 2011.
89. JUCA, Sandro César Silveira. A relevância dos softwares educativos na educação profissional. **Ciências e Cognição**, Fortaleza, v. 8, n. 22-28, p.1-8, 15 ago. 2006.
90. KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
91. KIRKPATRICK, Donald L. Evaluating training programs: the four levels. San Francisco: Berrett-Koehler, 1994.
92. KNOWLES, Malcom S; HOLTON III, Elfwood F.; SWANSON Richard A. **Aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa**. Rio de Janeiro:Elsevier, 2009.
93. KURCGANT, Paulina. **Administração em enfermagem**. São Paulo: EPU; 1991.
94. L'ABBATE, Solange. Educação e serviços de saúde: avaliando a capacitação dos profissionais. **Cad Saúde Pública** n.15 (Sup. 2): p.15-27. 1999.
95. LASTRES, Helena Maria Martins et al. Desafios e oportunidades da era do conhecimento. **São Paulo Perspec.**, São Paulo , v. 16, n. 3, p. 60-66, July 2002.
96. LAZZARI, Daniele Delacanal; PEDRO, Eva Néri Rubim; SANCHES, Márcia Otero; JUNG, Walnice. Estratégias de ensino do cuidado em enfermagem: um olhar sobre as tendências pedagógicas. **Rev Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, dez.2011.
97. LOIOLA, Elisabeth. LEOPOLDINO, Claudio. Aprendizagem organizacional e desempenho: O que podemos aprender dessa relação? **Rev. Psicologia: Organizacional e Trabalho**. Florianópolis, v.13, n.2. maio-agosto, 2013.
98. LOMBARDIA, Pilar Garcia; STEIN, Guido; PIN, Jose R. Políticas para dirigir a los nuevos profesionales –

motivaciones y valores de la generación Y. **Documento de investigación**. DI-753. Mai 2008. Disponível em <http://www.iesep.com/Descargas/spdf/Gratis/R130.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2014.

99. LOPES, Diana. As novas tecnologias e o ensino de línguas estrangeiras. Recife: **Unibratec**, 2011. Disponível em http://www.unibratec.edu.br/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_01.pdf. Acesso 13/03/2016
100. LOPES, Tania Oliveira. **Aula expositiva dialogada e aula simulada: comparação entre as estratégias de ensino na graduação em enfermagem**. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
101. MACEDO, Orlando Júnior Viana; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira; ARAUJO, Anísio José da Silva. Formação profissional e futuro: expectativas dos adolescentes aprendizes. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 29, supl. 1, p. 779-787.
102. MANTOVANI, Ana Margô; SANTOS, Bettina Steren dos. Aplicação das tecnologias digitais virtuais no contexto psicopedagógico. **Rev. Psicopedag**; São Paulo, v. 28, n. 87, p. 293-305, 2011.
103. MARIN, Maria José Sanches et al. Projeções e expectativas de ingressantes no curso de formação docente em educação profissional técnica na saúde. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 221-228, Fev 2013.
104. MARTINAZZO, Celso José. **Ambientes Virtuais: Enfatizando A Autonomia E A Aprendizagem**, São Paulo, p.1-14, Jan. 2010.
105. MARTINS, Cristina. Geração digital, geração net, millennials, geração Y: refletindo sobre a relação entre as juventudes e as

tecnologias digitais. **Diálogo**, [s.l.], n. 29, p.141-151, 31 ago. Centro Universitario La Salle - UNILASALLE. 2015.

- 106.** MENDES, Isabel Amélia Costa. Aprendizagem organizacional e gestão do conhecimento: um desafio a ser enfrentado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.11, n.3, Jun 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692003000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Dezembro 2014.
- 107.** MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão Integrativa: Método de Pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 17(4): 758-64. Out-Dez 2008.
- 108.** MIRANDA, Luísa; MORAIS, Carlos; ALVES, Paulo; DIAS, Paulo (2008). Web 2.0: Google docs no processo de ensino e aprendizagem. In SIIE'08 - X Simposio Internacional de Informática Educativa. Salamanca. p. 499–500. Disponível em: https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1077/1/2008P_GoogleDocs.pdf
- 109.** Mobile Future in Focus 2013. **ComScore Device Essentials**, Jan 2013.
- 110.** MONTANHA, Dionize; PEDUZZI, Marina. Educação permanente em enfermagem: levantamento de necessidades e resultados esperados segundo a concepção dos trabalhadores. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 597-604, set 2010.
- 111.** MORAN, José Manuel. Educar o educador. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16ª ed. Campinas: Papyrus, 2009.

112. MORAN, José Manuel. Novos desafios para o educador. In: **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. P. Campinas: Papirus, 2007.
113. MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, Mai/Ago 2004.
114. MOREIRA, Marco Antonio. Constructivismo: significados, concepciones erróneas y una propuesta. Trabalho apresentado na VIII Reunión Nacional de Educación en la Física, Rosario, Argentina, 18 a 22 de outubro de 1993. Disponível em <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubport.pdf>
115. MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. Complexidade em Saúde da Família e formação do futuro profissional de saúde. **Interface Comunic Saude Educ.**; 13(30): 153-66. 2009.
116. MOTA, Ronaldo. Educação profissional e aprendizagem baseada no trabalho. **Boletim Técnico do SENAC**. Rio de Janeiro, v.39, n.1, 2013.
117. MOTA, Ronaldo. **Educação neste fabuloso mundo digital**. 2016. Disponível em: <<http://folhabv.com.br/coluna/Opiniaio-07-01-2016/1896>>.
118. NATEL, Maria Cristina; TARCIA, Rita Maria Lino de; SIGULEM, Daniel. A aprendizagem humana: cada pessoa com seu estilo. **Rev. psicopedag**, São Paulo, v. 30, n. 92, p. 142-148, 2013.
119. NESPOLI, Grasielle. Os domínios da Tecnologia Educacional no campo da Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, 2013.
120. NEVES, Rita de Araujo; DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. **Unirevista**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.1-10, abr. 2006.
121. NOFFS, Neide de Aquino; RODRIGUES, Carla Maria Rezende. Andragogia na Psicopedagogia: a atuação com

adultos. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 28, n. 87, p. 283-292, 2011 .

122. NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação.** 14 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
123. NUNES, Emanuelle Caires Dias Araújo; SILVA, Luzia Wilma Santana da; PIRES, Eulina Patricia Oliveira Ramos. O ensino superior de enfermagem: implicações da formação profissional para o cuidado transpessoal. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 19, n. 2, p. 252-260, Apr. 2011.
124. OGUISSO, Taka. A educação continuada como fator de mudanças: visão mundial. **Rev Tec Enf Nursing.** 2000.
125. OLIVEIRA, Estêvão Domingos Soares de et al. **Estratégias de uso do WhatsApp como um ambiente virtual de aprendizagem em um curso de formação de professores e tutores.** São Carlos: UFSCAR, p. 1 - 14. 2014.
126. OLIVEIRA, Marluce Alves Nunes. Educação à Distância como estratégia para a educação permanente em saúde: possibilidades e desafios. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 5, n. 60, p.1-5, out. 2007.
127. OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y: Era das Conexões, tempo de relacionamentos.** São Paulo: Integrare Editora, 2010.
128. OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y: o nascimento de uma nova geração de líderes.** São Paulo: Clube de Autores, 2009.
129. PACHECO, Luzia et al. **Capacitação e desenvolvimento de pessoas.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
130. PAES DE PAULA, Ana Paula. Métodos de pesquisa em administração. **Rev. adm. Contemp.**, Curitiba, v.9, n.3, Set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415

-65552005000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Fev 2015.

131. PAGLIOSA, Fernando. ROS, Marco. O Relatório Flexner: Para o Bem e Para o Mal. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 492 32 (4) : 492–499; 2008.
132. PALHARES GUIMARAES, Eliane Marina; HAUEISEN MARTIN, Sandra; PAOLINELLI RABELO, Flávia Cristina. Educação permanente em saúde: Reflexões e desafios. **Cienc. enferm.**, Concepción , v. 16, n. 2, p. 25-33, ago 2010 .
133. PARMELEE, Dean et al. Team-based learning: a practical guide. AMEE guide no. 65. **Med Teach**, Dayton, v. 5, n. 34, p.275-287, fev. 2012.
134. PASCHOAL, Amarilis Schiavon; MANTOVANI, Maria de Fátima; MÉIER, Marineli Joaquim. Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino. **Rev Esc Enferm**. 2007;
135. PAVIANI, Jayme; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Alguns modos de ensinar e de aprender. **Conjectura: Filos. Educ**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p.127-142, dez. 2014.
136. PELIZZARI. Adriana et al. Teoria da Aprendizagem Significativa segundo Ausubel. **Rev. PEC**, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002.
137. PERES, Heloisa Helena Ciqueto; MEIRA, Karina Cardoso; LEITE, Maria Madalena Januário. Ensino de didática em enfermagem mediado pelo computador: avaliação discente. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 41, n. 2, p. 271-278, Jun 2007.
138. PETERSEN-COGO, Ana Luísa et al. Utilização De Tecnologias Educacionais Digitais No Ensino De Enfermagem. **Cienc. enferm.**, Concepción , v. 19, n. 3, p. 21-29, 2013 .

139. PHILLIPS, Jack L; PHILIPS Patricia P. 11 reasons why training & development fails and what you can do about it. **Training**, 2002.
140. POLLOCK, Roy; WICK, Calhoun; JEFFERSON, Andrew. **6D's: As seis disciplinas que transformam educação em resultados para o negócio**. Évora, 2011.
141. PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **Horizon**, University Press, v. 9, n. 5, p.1-6, out. 2001.
142. PRETI Oreste. **Educação à distância: construindo significados**. Cuiabá (MT): NEAD/IEUFMT; 2000.
143. QUEL, Luiz Felipe. **Gestão de Conhecimento: e os desafios da complexidade nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2006.
144. REPORT As Perspectivas Tecnológicas para o Ensino Fundamental e Médio Brasileiro de 2012 a 2017: Uma Análise Regional do NMC Report. **Horizon Report**, 2012.
145. REZENDE, Flavia; BARROS, Susana de Souza. A hipermídia e a aprendizagem de ciências: exemplos na área de Física. **Física na Escola**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p.1-6, jan. 2005.
146. RIBEIRO, Eliana Claudia de Otero; MOTTA, Jose Inacio Jardim. Educação permanente como estratégia na reorganização dos serviços de saúde. **Divulg. saúde debate**, n. 12, p. 39-44, 1996.
147. RICALDONI, Carlos Alberto Caciquinho; DE SENA, Roseni Rosângela. Educação permanente: uma ferramenta para pensar e agir no trabalho de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 6, p. 837-842, 2006.
148. ROJO, Priscila Tagliaferro et al. Panorama da educação à distância em enfermagem no Brasil. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 6, p. 1476-1480, Dez 2011 .

149. ROMANI, Cristóbal Cobo. Explorando tendências para a educação no Século XXI. **Cad. Pesquisas**, São Paulo, v. 42, n. 147, p. 848-867, Dez 2012.
150. SAKS, Alan M.; BELCOURT, Monica. An investigation of training activities and transfer of training in organizations. **Human resource management**, v. 45, n. 4, p. 629-648, 2006.
151. SANTANA, Fabiana Ribeiro et al. Educação à distância nas instituições federais de ensino superior: a situação da enfermagem brasileira. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 7, n. 1, 2006. ;
152. SANTOS, Cristina Mamédio da Costa; PIMENTA, Cibele Andrucio de Mattos; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce. The PICO strategy for the research question construction and evidence search. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 508-511, 2007.
153. DOS SANTOS, Mateus Casanova; LEITE, Maria Cecília Lorea. A Avaliação Das Aprendizagens Na Prática Da Simulação Em Enfermagem Como Feedback De Ensino. 2010.
154. SANTOS NETO, Elydiodos; FRANCO, Edgar Silveira. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. **Revista de Educação do COGEME** – Ano 19 – n.36 – Jan/Jun 2010.
155. SANTOS, Ana Dulce Batista dos; OLIVEIRA, Kalyane Kelly Duarte de; ROSÁRIO, Sâmara Sirdênia Duarte de; LIRA, Ana Luisa Brandão de Carvalho; TOURINHO, Francis Solange Vieira; SANTOS, Viviane Euzébia Pereira dos. Estratégias de ensino-aprendizagem do processo de enfermagem na graduação e pós-graduação de enfermagem. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1212-1220, jul/set. 2014.

156. SANTOS, BS dos; RADTKE, Márcia Leão. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 327-343, 2005.
157. SANTOS, Osmar José Ximenes dos; BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de aprendizagem e aprender a aprender: concepções e conhecimento de professores. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v.31, n. 2, p. 284-295, 2011.
158. SASSAKI, Claudio. **Tecnologia não é perfumaria, deve estar no centro da gestão pedagógica**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/blogs/tecnologia-educacao/2015/07/21/tecnologia-no-centro-da-gestao-pedagogica/>>. Acesso em: 21 jul. 2015.
159. SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Psicologia da educação e as tecnologias digitais de informação e comunicação. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 3, p.447-455, set. 2014.
160. SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Psicologia do Desenvolvimento, Educação a Distância e as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação. **Psico**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p.352-361, set. 2013.
161. SEABRA, Carlos **Tecnologias na escola**. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010.
162. SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende**. São Paulo: Best Seller, 1998.
163. SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 31, p. 169-189, 2008 .
164. SHINYASHIKI, Eduardo. Educação e as crianças da geração Z. 2009. Disponível em:

<http://www.administradores.com.br/informe->

[se/informativo/educacao-e-as-criancas-da-geracao-z/26948/](http://www.administradores.com.br/informe-se/informativo/educacao-e-as-criancas-da-geracao-z/26948/)

165. SILVA, Cristiane et al. Nucleus Of Permanent Education In Nursing: Perspectives In A Teaching Hospital. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental On-line**, [s.l.], v. 5, n. 3, p.114-121, 1 jul. 2013. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO.
166. SILVA, Solimar Patriota; SILVA, Jordan Wallace Anjos da. O *skype* como um ambiente virtual de aprendizagem para o desenvolvimento da oralidade em língua inglesa. **Revista do Programa de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes – Unigranrio**, São Paulo, v. 11, n. 1, p.1-10, jan. 2015.
167. SIMÕES, Thayane Roberto et al. Educação continuada: concepção de enfermeiros em hospital filantrópico de alta complexidade. **Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p.642-647, dez. 2013.
168. SIQUEIRA, Ivana Lucia Correa Pimentel; KURCGANT, Paulina. Estratégia de capacitação de enfermeiros recém-admitidos em unidades de internação geral. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 39, n. 3, p. 251-257, 2005.
169. SIQUEIRA, Ethevaldo. **Admirável Mundo Novo Digital**. 2010. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/ethevaldo-siqueira/2010/10/09/o-admiravel-mundo-novo-digital/>.
170. SOBRAL, Fernanda Ribeiro; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 46, n. 1, p. 208-218, Feb. 2012 .
171. SOUZA, Mara Cristina Bicudo de; CERIBELLI, Maria Isabel Pedreira de Freitas. Enfermagem no centro de material esterilizado: a prática da educação continuada. **Revista**

- Latino-americana de Enfermagem**, v. 12, n. 5, p. 767-774, 2004.
172. SOUZA, Camila Ribas de et al. O Processo e os Estilos de Aprendizagem de Gestores de Diferentes Formações: Administradores e não administradores. **Revista de Gestão e Secretariado** - Gesec, São Paulo, v. 5, n. 2, p.72-96, abr. 2014.
173. SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Revista Einstein**. Vol.8(1 Pt 1):102-6. 2010.
174. SPAGNOL, Carla Aparecida et al. Vivenciando situações de conflito no contexto da enfermagem: o esquete como estratégia de ensino-aprendizagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.17, n. 1, p. 184-189, Mar. 2013.
175. STEWART, Thomas A. **Capital intelectual**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
176. TANABE, Lyvia Pini; KOBAYASHI, Rika Miyahara. Perfil, competências e fluência digital dos enfermeiros do Programa de Aprimoramento Profissional. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 47, n. 4, p. 943-949, Ago 2013.
177. TARAPANOFF, Kira; GREGOLIN, José Angelo R. Inteligência organizacional e competitiva. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 3, p. 108-109, 2002.
178. TEIXEIRA, Jayme F. **Gerenciando Conhecimento**. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.
179. TEIXEIRA, Ana Paula Pyddet al. O sentido do trabalho: uma análise à luz das Gerações X e Y. **Diálogo**, Canoas, v. 11, p.25-37, abr. 2014.
180. TERRA, José Cláudio Cyrineu. Por que investir em Conhecimento. **Revista Banas Qualidade**, ano, v. 15, 2008.
181. THOMAS, Douglas; BROWN, John Seely. **A new culture of learning: Cultivating the imagination for a world of constant change**. Lexington, KY: CreateSpace, 2011.

182. TOBASE, Lucia et al. Recursos tecnológicos na educação em enfermagem. **J. Health Inform.**, São Paulo, v. 5, n. 3, p.77-81, set. 2013.
183. TORRES, Raimundo Augusto Martins et al. Tecnologias digitais e educação em enfermagem: a utilização de uma web-rádio como estratégia pedagógica. **J. Health Inform**, São Paulo, v. 4, n. 1, p.152-156, dez. 2012.
184. TRAINOR, D. Using metrics to deliver business impact. In: **Presentation at The Conference Board's 2004 Enterprise Learning Strategies Conference, New York.** 2004.
185. UNESCO. Inteligência, informação e conhecimento em corporações. Kira Tarapanoff, organizadora – Brasília: IBICT, 2006.
186. VASCONCELOS, Kátia C. de Araújo et al. A Geração Y e Suas Âncoras de Carreira. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.226-244, ago. 2010.
187. VELOSO, Elza Fátima Rosa; SILVA, Rodrigo Cunha da; DUTRA, Joel Souza. Diferentes gerações e percepções sobre carreiras inteligentes e crescimento profissional nas organizações. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 13, n. 2, p. 197-208, 2012.
188. VICENTINI, José Plínio; SCOARIZE, Ricardo. Andragogia novas possibilidades no ensino da administração. **Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração**, v. 14, 2003.
189. VYGOTSKY, Lev S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1988.
190. WEN, Chao. **Projeto Homem Virtual.** 2013. Disponível em: <<http://projetohomemvirtual.org.br/>>.
191. XAVIER, Antonio Carlos. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p.3-14, abr. 2011.

192. YAMAGAMI, Cristian; BROWN, Tim. **Design Thinking: Uma Metodologia Poderosa para Decretar o Fim das Velhas Ideias**. São Paulo: Elsevier, 2010.
193. ZANATTA, Elisangela et al. O trabalho com grupo como instâncias de aprendizagem em saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, São Paulo, v. 1, n. 28, p.21-27, jan. 2007.
194. TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. São Paulo: Agir, 2010.